

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUAGEM E
ENSINO

A ESCRITA NA INTERNET: DE *POST* EM *POST* O
TWITTER SE CONFIGURA COMO ESPAÇO DISCURSIVO

Ana Margareth Steinmüller Pimentel

Campina Grande, julho de 2017

Ana Margareth Steinmüller Pimentel

A ESCRITA NA INTERNET: DE *POST* EM *POST* O
TWITTER SE CONFIGURA COMO ESPAÇO DISCURSIVO

Dissertação de Mestrado
apresentada ao Programa de Pós-
Graduação em Linguagem e Ensino
da Universidade Federal de
Campina Grande como requisito
para obtenção do título de Mestre
em Linguagem e Ensino.

Orientadora: Prof^a Dr^a Rossana
Delmar de Lima Arcoverde

2017

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL DA UFCG

P644e Pimentel, Ana Margareth Steinmüller.
A escrita na internet : de post em post o twitter se configura como espaço discursivo / Ana Margareth Steinmüller Pimentel. – Campina Grande, 2017.
125 f. : il. color.

Dissertação (Mestrado em Linguagem e Ensino) – Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, 2017.
"Orientação: Profa. Dra. Rossana Delmar de Lima Arcoverde".
Referências.

1. Linguística. 2. Internet - Escrita. 3. *Twitter* – Espaço Discursivo. 4. Escrita – Ensino. I. Arcoverde, Rossana Delmar de Lima. II. Título.

CDU 81'33(043)

FOLHA DE APROVAÇÃO

Rossana Delmar de Lima Arcoverde.

Profª Drª Rossana Delmar de Lima Arcoverde
(Orientadora - UFCG)

Washington S. de Farias

Prof Dr Washington Silva de Farias
(Examinador – UFCG)

simone dália de gusmão aranha

Profª Drª Simone Dália de Gusmão Aranha
(Examinadora – UEPB)

AGRADECIMENTOS

A CAPES, pelo apoio financeiro, indispensável durante os dois anos de estudos e pesquisas no Posle.

A Deus, pela força concedida nos momentos de dificuldades, por atender a meus chamados, e por ter permitido que essa experiência acontecesse em minha vida.

Aos meus familiares que acompanharam minha trajetória, apoiaram e festejaram cada avanço.

Aos meus amigos, pelo amor de sempre, compartilhado em cada momento de nossas vidas. Por todo apoio e por tudo que vivemos juntos: muito obrigada!

A minha orientadora, Prof. Dra. Rossana Delmar de Lima Arcoverde, por ter acreditado em mim e em meu potencial, por ter me dado a chance de enfrentar esse desafio. Agradeço também pelo apoio e amizade durante nossa parceria acadêmica.

Aos membros da banca, professores Dr. Washington Farias e Dra. Simone Dália, pelo olhar cuidadoso a cada detalhe do trabalho, pelas grandiosas, atentas e enriquecedoras contribuições à pesquisa. Obrigada!

A coordenação do Posle, por toda a atenção prestada, pelas dúvidas sanadas, e pelo admirável trabalho desenvolvido.

A Profa. Dra. Sinara Branco, por toda atenção, compreensão, carinho e paciência. Muito obrigada!

A todos os professores que fazem parte do Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino da UFCG, em especial aqueles com quem pude aprender em cada disciplina. Muito obrigada pelos ensinamentos.

Aos funcionários que fazem parte da UAL, por cada serviço à nós prestado.

Aos meus colegas da turma 2015, pelas risadas, pelo apoio nos momentos de preocupação, pelas trocas, conversas. Obrigada a todos pela companhia!

A todos aqueles que, direta ou indiretamente, acompanharam e fizeram parte desse

percurso.

Enfim, a todos vocês, minha imensa gratidão!

RESUMO

O acesso à internet e à tecnologia alcança números crescentes com o passar dos anos, e, na cultura digital, a interação social, de grande parte da população, agregada ao uso dos aparelhos tecnológicos, configuram um novo modo de produzir linguagem. As redes sociais constituem os espaços virtuais mais utilizados para comunicação pessoal e coletiva, asseverando entretenimento e compartilhamento de informações. A rede social é também um espaço para posicionamentos, no qual os sujeitos podem manifestar suas opiniões sobre os mais variados temas, por meio da linguagem, principalmente, a escrita. Diante desse contexto, apresentamos o seguinte questionamento: Como funciona o discurso sobre a escrita na rede social *Twitter*, e que lugar ocupa o ensino da escrita, a partir dos posicionamentos desses sujeitos? Assim, objetiva-se, de modo geral, investigar os discursos dos atores-rede sobre a escrita na internet, que circulam no *Twitter*, de modo que revelam o lugar do ensino da escrita. Especificamente, busca-se identificar e descrever os aspectos que constituem esses discursos; analisar e refletir sobre o lugar do ensino da escrita a partir dos discursos dos atores-rede. A pesquisa está situada no campo da Linguística Aplicada, tendo em vista que abarca o discurso dos próprios sujeitos da rede para construção de um conhecimento a respeito da escrita na internet. Como base teórica, busca-se articular conceitos a partir de Buzato (2016), sobre a rede e a Teoria dos Atores-Rede; Santaella (2009) e Rojo; Barbosa (2015), sobre cultura digital; Lankshear; Knobel (2007), sobre as novas mentalidades e novos letramentos; Bakhtin (2003[1979]), para refletir e justificar o *Twitter* como espaço discursivo; Em Faraco (2008), encontra-se suporte sobre a norma padrão; em Shepherd; Saliés (2013) e Rajagopalan (2013), sobre a linguística da internet. Trata-se de uma pesquisa pautada no paradigma científico da complexidade, numa perspectiva descritiva, tipo documental, inserida no campo dos estudos da Análise do Discurso bakhtiniana. O *corpus* foi obtido a partir dos *prints* de *tweets* sobre “escrever na internet”, capturados na própria rede social. Após a coleta e observação dos dados, classificamos três categorias de análise: Movimento Discursivo de Resistência (MDR) – subdividido em Negação e Adaptação, Movimento Discursivo entre Resistir e Aderir (MDRA), e Movimento Discursivo de Aderência (MDA). Os dados são discutidos também para articulação dos discursos às concepções de ensino da escrita. A análise compreendida revelou que há uma dualidade entre posicionamentos, resistentes e aderentes à escrita na internet, além de posicionamentos que defendem estilos individuais de escrita. Constata, também, que os discursos dos atores-rede trazem marcas de concepções tradicionais de ensino, consequência de um ideal objetivo de língua padrão, transmitido pelas instituições ao longo da história. O estudo, portanto, aponta para o desafio da escola, uma vez que deve promover uma pedagogia que considere a natureza da cultura digital, a fim de contribuir para uma educação crítica e reflexiva, considerando o caráter heterogêneo da língua.

Palavras-chave: Escrita na internet. *Twitter*. Discurso. Ensino da escrita.

ABSTRACT

Access to the Internet and to technology has grown over the years, and in digital culture the social interaction of a large part of the population, combined with the use of technological devices, is considered a new way of producing language. Social networks are the virtual spaces that are most used for personal and collective communication, assuring entertainment and sharing of information. The social network is also a space for positioning, in which subjects can express their opinions on the most varied themes, through language, especially writing. In view of this context, the following questions are presented: a) What do network actors say on Twitter about internet writing? And b) What place does the teaching of writing occupy, based on the positioning of these subjects? Thus, it is generally aimed at investigating the speeches of network actors about writing on the Internet, which circulate on Twitter, so that they reveal the place of teaching writing. Specifically, we seek to identify and describe the aspects that constitute these discourses; Analyze and reflect on the place of teaching writing from the discourses of network actors. The research is located in the field of Applied Linguistics, considering that it includes the discourse of the subjects of the network itself to build a knowledge about writing on the internet. As a theoretical basis, it is sought out to articulate concepts from Buzato (2016), on the network and the Theory of Network Actors; Santaella (2009) and Rojo; Barbosa (2015), on digital culture; Lankshear; Knobell (2007), on the new mentalities and new literacies; Bakhtin (2003 [1979]), to reflect and justify Twitter as a discursive space; In Faraco (2008), support is found on the standard norm; In Shepherd; Saliés (2013) and Rajagopalan (2013), on the linguistics of the Internet. It is a research based on the scientific paradigm of complexity, in a descriptive perspective, documentary type, inserted in the field of Bakhtin's Discourse Analysis studies. The corpus was obtained from the prints of tweets about "writing on the internet", captured in the social network itself. After collecting and observing the data, three categories of analysis are classified: Resistance discourses, between resist and adhere, and those of adhesion. The data is also discussed in order to articulate the discourses to the conceptions of teaching writing. The analysis revealed that there is a duality between positions, resistant and adherent to writing on the Internet, in addition to positions that defend individual styles of writing. It also notes that the speeches of the network actors bear the marks of traditional conceptions of teaching, the consequence of an objective ideal of the standard language, transmitted by institutions throughout history. The study, therefore, points to the challenge of the school, since it should promote a pedagogy that considers the nature of digital culture, in order to contribute to a critical and reflexive education, considering the heterogeneous character of the language.

Keywords: Writing on the internet. *Twitter*. Discourse. Teaching writing.

LISTA DE SIGLAS

LA – Linguística Aplicada

RSO – Redes Sociais *Online*

TAR – Teoria dos Atores-Rede

TIC – Tecnologia da Informação e Comunicação

MDR – Movimento Discursivo de Resistência

MDRA – Movimento Discursivo entre Resistir e Aderir

MDA – Movimento Discursivo de Aderência

LISTA DE TABELAS

TABELA 1: Mudanças entre as mentalidades.....	26
TABELA 2: Abreviações comuns na escrita da internet	48
TABELA 3: Códigos usados para expressar sentimentos.....	49
TABELA 4: Postagens de conteúdos dispensados.....	70
TABELA 4: Classificação do <i>corpus</i>	70

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1: Página inicial do <i>Twitter</i>	31
FIGURA 2: Exemplos de <i>Emoticons</i>	40
FIGURA 3: Exemplos de <i>Memes</i>	108
FIGURA 4: Variedade e estigma	110

LISTA DE GRÁFICO

GRÁFICO 1: Visão geral do <i>corpus</i>	74
--	-----------

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	14
CAPÍTULO 1 – O DISCURSO E A CULTURA DIGITAL	21
1.1 A rede social: a cultura digital em foco.....	21
1.2 O <i>twitter</i> : discursos em 140 caracteres.....	30
CAPÍTULO 2 – ESCRITA E ENSINO NA CONTEMPORANEIDADE	41
2.1 Norma Padrão, Variação Linguística e Linguagem da Internet.....	41
2.2 O ensino da escrita	55
CAPÍTULO 3 - DELINEANDO UM PERCURSO METODOLÓGICO.....	63
3.1 Situando a pesquisa.....	63
3.2 De onde vem o <i>corpus</i> ?.....	68
3.3 Procedimentos de coleta e análise.....	69
CAPÍTULO 4 - OS DISCURSOS DE <i>POST</i> EM <i>POST</i>: A ESCRITA NA INTERNET.....	73
4.1 MDR.....	75
4.1.1 Negação.....	76
4.1.2 Adaptação.....	88
4.2 MDRA.....	95
4.3 MDA.....	102
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	118
REFERÊNCIAS.....	122

INTRODUÇÃO

Já não é mais novidade que o uso das tecnologias digitais está presente em diversas esferas da atividade humana. É possível perceber (e estamos acostumados com essa realidade) esse fenômeno nas relações humanas, nas atividades de comunicação, no trabalho, nos estudos e na apropriação de conhecimentos das mais diversas naturezas. O acesso à internet leva os usuários a adquirirem uma nova forma de interação social, a partir da facilidade de contato, a qualquer momento, com pessoas de todo o mundo.

Nesse sentido, entendemos que usamos a internet para além de fins de pesquisas, para obter informações, desempenhar atividades de trabalho ou realizar compras, pois o universo digital, também, é um grande espaço para entretenimento, comunicação e produção escrita.

Os campeões de acesso, no universo *online*, são os *sites* de redes sociais. Muitos de nós (principalmente das gerações mais recentes) usamos, por exemplo, o *Facebook*, *Twitter*, *Instagram*, *Google+*, *Youtube*, entre tantos outros disponíveis na *web*. Além deles, os mais conhecidos, fazemos uso de aplicativos *online* específicos para comunicação instantânea (*chats*), como o *WhatsApp*, *Messenger*, *Skype* e, cada vez menos, usamos o serviço telefônico de *SMS*. Tais aplicativos oferecem, na conexão à internet, opções de chamada de voz, como na telefonia tradicional. Há também, com aplicativos de celular, a opção de chamadas de vídeo *online* em tempo real.

Segundo pesquisa divulgada no site *Marketing de Conteúdo*, em 11 de junho de 2016, temos, no Brasil, em média de 45% da população ativa em redes sociais. Em janeiro de 2015 houve um aumento de 13% de usuários de redes sociais conectados. A pesquisa aponta, também, um *ranking* das redes sociais mais usadas no Brasil: *Facebook* em 1º lugar, *Whatsapp* em 2º, *Messenger* em 3º, *Youtube* em 4º, *Instagram* em 5º, *Google+* em 6º, *Skype* em 7º, *Twitter* em 8º, *LinkedIn* em 9º, *Snapchat* em 10º e o *Pinterest* em 11º.

Sendo o acesso à Internet e às redes sociais, no Brasil, uma prática cotidiana comum, percebemos também que o público jovem está imerso nesse universo *online* de forma mais naturalizada do que as gerações anteriores, desde suas primeiras socializações.

Para Palfrey e Gasser (2011), essas pessoas das gerações mais recentes são os Nativos Digitais, que correspondem aos nascidos depois de 1980. Todos eles têm acesso e habilidades para usar as tecnologias. São pessoas que interagem com os outros e com o mundo de modos diferentes das gerações passadas.

Os nascidos nos anos anteriores a 1980 são considerados, para esses autores acima citados, os Imigrantes Digitais, que também fazem uso das tecnologias em suas práticas cotidianas, porém, continuam enraizados nas formas tradicionais de interação. Eles aprenderam a usar a tecnologia tardiamente e alguns ainda apresentam resistências, sendo chamados de “atrasados” e “caretas”, em decorrência da pouca familiaridade com as habilidades digitais e do uso incomum das novas formas de ler e escrever na internet. Assim, o *internetês*, por exemplo, é comumente utilizado pelos jovens nativos digitais e não tanto pelos imigrantes, que foram educados e acostumados com o uso padrão da escrita. Tal diferenciação é uma questão cultural, não sendo uma regra generalizável.

Espaço de pesquisa, de trabalho, de estudos, de diversão ou de comunicação, a internet oferece uma grande diversidade de possibilidades. Destacamos, em nossa pesquisa, uma prática social e cultural nas redes sociais: a manifestação de posicionamentos dos sujeitos a respeito de diversos temas, tendo em vista considerar que, segundo Barton e Lee (2015), os espaços de escrita em ambientes digitais oferecem oportunidade para manifestação de textos multimodais (ou seja, textos que incorporam muito mais que apenas as palavras escritas no modo tradicional, agregando elementos imagéticos, vídeos, ícones, entre outros), bem como podemos também manifestar opiniões pessoais diante dos mais diversos temas.

Considerando, então, que o universo digital oferece oportunidades para

expressarmos nossas opiniões, trazemos a importância de tomarmos como base teórica, em nossa pesquisa, a concepção da Análise do Discurso de linha bakhtiniana. Com essa perspectiva de estudos, entendemos o ato de manifestação de posicionamentos como ato discursivo. É por meio do discurso que nos colocamos diante do mundo, manifestando nossas ideias e nos relacionando com o outro.

As pessoas escrevem a todo o momento e, por meio da linguagem, em seus discursos, apresentam seus posicionamentos sobre diversas temáticas. Nessa perspectiva, com nossa investigação, pretendemos discutir essa nova modalidade de escrita: a escrita na internet. Chamamos atenção para o fato de que a postura, no universo *online*, não mostra apenas a visão dos indivíduos, mas também quais atos comunicativos querem alcançar ao posicionar-se. Sendo assim, avaliamos que, ao atentarmos às vozes dos internautas, podemos construir, colaborativamente, o conhecimento sobre a escrita na cultura digital.

O motivo pelo qual nossa pesquisa focaliza esses posicionamentos, especificamente com relação à dimensão da escrita (tendo em vista que na rede os sujeitos se posicionam diante dos mais variados temas) é que costumamos ouvir de professores e pais de jovens estudantes que, hoje em dia, se escreve “errado”, principalmente na internet.

Além disso, considerando que essa investigação se insere no campo dos estudos da linguagem, decidimos trabalhar com a temática da escrita pelo fato de ser uma das grandes formas de interação no ambiente virtual. Sabemos, ainda, que há, também, na internet, a circulação de múltiplas formas de manifestação de linguagens, a exemplo de fotos, vídeos, mensagens de áudio.

Sobre essa discussão, é importante ressaltar que as novas formas de interação na Internet têm se caracterizado principalmente pela centralidade da escrita Sousa (2008). Temos, assim, na cultura das práticas digitais, um campo fecundo para abordagem das formas de linguagem escrita. Mas, afinal, que linguagem é essa que utilizamos nas práticas virtuais? A da norma culta? A linguagem própria da internet? Essas reflexões nos

impulsionaram a avançar em nossa investigação.

Vários estudos já foram publicados sobre a escrita da internet. Ribas *et al.* (2007) se propuseram a pesquisar a influência da linguagem virtual na linguagem formal de adolescentes e, analisando produções textuais de jovens alunos, detectaram marcas de internetês nos textos escritos. Sendo assim, concluíram que a linguagem utilizada na internet influencia negativamente a escrita formal dos adolescentes.

Fruet *et al.* (2009), em estudo teórico, reconhecem o fato de que o *internetês* é um fenômeno que faz parte da conjuntura social atual. No entanto, defendem que esse modo de escrever não deve superar as demais formas de escrita e pode ser usado com limites, pois leva em conta que cada ambiente de circulação de textos possui características linguísticas específicas.

Na pesquisa de Fiorin (2008), também de caráter teórico/bibliográfico, o autor reconhece que existem diferentes variações da escrita, porém atentando aos usos de modo a corresponderem a seus respectivos contextos de uso. O mesmo autor conclui que o *internetês* não irá se sobressair com relação à língua portuguesa, pois a internet oferece apenas uma nova forma de usar a linguagem, não sendo uma substituta, ou uma ameaça, que ganhou espaço na internet por influência do gênero informal/virtual, típico das conexões cibernéticas.

Nesses estudos, percebemos uma diversidade de posicionamentos sobre a escrita da internet. Além disso, eles focam em discussões acerca do *internetês* em si e as influências na linguagem formal, diferentemente de nossa proposta de pesquisa, que considera os aspectos discursivos (aquilo o que o sujeito expressa por meio da linguagem, do seu próprio discurso) diante da temática da escrita na internet, do ponto de vista de quem escreve na rede.

Na pesquisa realizada por Bezerra e Lêdo (2015), com foco na perspectiva discursiva, os autores escreveram sobre as diferentes concepções dos alunos, de diversas graduações, a respeito da língua escrita em dispositivos móveis, concluindo que os

discursos apresentados são divergentes, sendo que a maior parte deles reproduz uma visão homogênea sobre o tema. Por outro lado, os autores mostram que há posicionamentos que defendem que cada modalidade de escrita deve estar adequada ao espaço de uso, nos respectivos contextos de circulação.

Com uma ideia semelhante à presente dissertação, mas focando no campo da academia, Bezerra (2013) traz uma pesquisa bibliográfica a respeito do discurso acadêmico sobre a língua/linguagem na internet, mostrando que, dentre os artigos analisados, há incidência para apontamentos negativos a respeito da escrita da internet. A pesquisadora encontrou, também, opiniões que reconhecem essa forma de linguagem, porém não enquanto uma modalidade generalizável a qualquer meio de uso, pois é preciso atentar ao gênero de circulação.

Constatamos que há também pesquisas focadas na perspectiva gramatical da escrita na internet e que, ainda, são poucos os estudos voltados aos posicionamentos daqueles que escrevem na rede, que foquem no discurso dos sujeitos que estão se colocando no espaço virtual. Tal espaço, sem a dinamicidade dos sujeitos, não passa de um conjunto de equipamentos e programas. Nós, usuários, somos responsáveis pela grande circulação de informações e opiniões no universo *online*. Esses aspectos constituem algumas das motivações para a realização de nossa investigação.

Sendo assim, defendemos que nosso estudo é relevante, no sentido de considerarmos que a linguagem, na contemporaneidade, assim como nossa cultura, é também digital/*online*. Desse modo, esperamos encontrar informações importantes para o trabalho com a língua/linguagem na cultura digital, bem como para o papel da escola no trabalho com o ensino da escrita. Precisamos considerar o conhecimento dos alunos em relação às suas práticas de escrita na internet e agregar essas novas modalidades de linguagem ao ensino da norma padrão, em defesa de uma pedagogia crítica da língua/linguagem.

É pertinente acrescentar, ainda, que analisar a opinião do ponto de vista de quem

escreve na internet poderá nos ajudar a refletir sobre como podemos contribuir para as transformações dos sistemas tradicionais de ensino. Assim, pesquisar no próprio contexto *online*, onde discursos são apresentados acerca da linguagem da internet, mostra-se relevante para que o tema seja trabalhado em ambientes educacionais, pois se trata de um espaço que conecta milhões de pessoas, cada vez mais e a todo momento.

Podemos pensar, então, no caráter desafiador para se pensar possíveis adaptações na educação tradicional numa prática que acompanhe as transformações da escrita digital a favor da construção de conhecimentos na cultura da tecnologia. A mudança provocada pela “tecnologização” da sociedade contemporânea não afeta apenas o perfil de família, de leitor, de aprendiz, de professor, mas traz efeitos, também, e, conseqüentemente, para o ensino. Nesse cenário, analisar a linguagem que é usada na internet e os discursos circulantes na rede, a respeito da escrita, é uma investigação importante para o direcionamento dos trabalhos com a língua/linguagem no contexto da cultura digital.

O caminho até aqui nos inquieta e, de maneira positiva, nos provoca curiosidade diante dessas manifestações de discursos observadas na esfera digital, em vários aspectos: a linguagem que usam na rede e os posicionamentos construídos, as implicações para as esferas educacionais dessas práticas e sobre o modo em que devemos instaurar nossas reflexões sobre o trabalho com a língua/linguagem.

Diante deste contexto, apresentamos o seguinte questionamento: Como funciona o discurso sobre a escrita na rede social *Twitter* e que lugar ocupa o ensino da escrita, a partir do posicionamento dos sujeitos? Assim, objetivamos, de modo geral, investigar os discursos dos atores-rede sobre a escrita na internet que circulam no *Twitter*. De maneira específica, buscamos: a) Identificar e descrever os aspectos que constituem esses discursos no *Twitter*; b) Analisar e refletir sobre o lugar do ensino da escrita, a partir dos discursos que circulam no *Twitter*, sobre a escrita na internet.

A presente pesquisa é importante para os estudos em Linguística Aplicada

(doravante LA), pois estamos buscando no próprio campo de pesquisa e, com os próprios sujeitos da rede, saberes que nos ajudam a pensar, academicamente, novos conhecimentos e formas de ensinar na escola, agregando saberes aos tradicionais já existentes.

A LA é uma área centrada na resolução de problemas da prática de uso da linguagem dentro e fora de sala de aula. É importante considerarmos que “é preciso valorizar e levar em conta o conhecimento que os próprios aprendizes já possuem e empregam como um dos fatores importantes na tarefa de aprender” (RAJAGOPALAN, 2006, p. 161). Assim, o modelo de LA, para além de uma aplicação de teoria, deve preocupar-se com a perspectiva do usuário.

Esta dissertação está organizada em quatro capítulos. No primeiro, situamos o leitor a respeito das articulações teóricas sobre discurso e cultura digital. Em seguida, no segundo capítulo, discutimos sobre as variações e o ensino da língua

No terceiro capítulo, trazemos o delineamento do percurso metodológico da pesquisa. Primeiramente, contextualizamos a natureza e tipologia do trabalho investigado. Temos, em seguida, os procedimentos para coleta e análise e, por fim, a categorização dos dados.

No quarto e último capítulo, apresentamos os dados analisados, a fim de respondermos aos questionamentos e objetivos elencados. A categorização está organizada em Movimento Discursivo de Resistência (subdividida em Negação e Adaptação), Movimento Discursivo entre Resistir e Aderir e Movimento Discursivo de Aderência. Utilizaremos as siglas MDR, MDRA e MDA, para cada categoria respectivamente.

Ao final da dissertação, trazemos as considerações conclusivas e as referências utilizadas para fundamentação e escrita desta dissertação.

CAPÍTULO 1

O DISCURSO E A CULTURA DIGITAL

Neste capítulo, articulamos as bases teóricas para compreender o nosso objeto de estudo e o contexto em que ele é produzido. Objetivamos apresentar ao leitor os conceitos de rede e de cultura digital, de modo que entendamos o contexto do objeto e o social atual, permeados pelas tecnologias. Em seguida, faremos um percurso sobre a rede social como espaço de posicionamentos e de grande circulação de discursos, caracterizando nosso campo de pesquisa, a internet, mais especificamente o *Twitter*, em correlação com os conceitos articulados. No terceiro e último tópico, discorreremos a respeito da variação linguística, mostrando um percurso da língua no Brasil até a variação da linguagem da internet, conhecida por *internetês*.

1.1 A rede social: a cultura digital em foco

Vivemos, desde os últimos anos do século XX, numa cultura enraizada nas práticas digitais e estamos instaurados numa sociedade em rede. A respeito disso, Recuero (2009, p. 21) afirma que

a abordagem de rede fornece ferramentas únicas para o estudo dos aspectos sociais do ciberespaço: permite estudar, por exemplo, a criação das estruturas sociais; suas dinâmicas, tais como a criação de capital social e sua manutenção, a emergência da cooperação e da competição; as funções das estruturas e, mesmo, as diferenças entre os variados grupos e seu impacto nos indivíduos.

Para compreendermos o que é “rede” e qual a importância desse conceito em nosso estudo, apresentamos uma definição de rede trazida por Santaella (2009), quando diz que consiste em “uma aceção muito especial, pois ela não se constrói segundo princípios hierárquicos, mas como se uma grande teia na forma de globo envolvesse a terra inteira, sem bordas nem centros” (SANTAELLA, 2009, p. 305). A autora assume,

ainda, que, nessa teia, as comunicações eletrônicas caminham na velocidade da luz, em tempo real, independente de distância física. As teias, na verdade, são compostas por dezenas de milhares de sub-redes, sendo conectadas a redes chamadas de “espinhas dorsais” (SANTAELLA, 2009, p. 305), configurando a formação de redes técnicas da informação e comunicação, por onde trafegam milhares de *bits*.

O próprio termo “rede” pode abarcar diversos significados em nossa língua, e ser usado para apreender diferentes sentidos: rede de pesca, rede de dormir etc. Entretanto, o que nos interessa aqui é discutir o conceito de rede, especificamente, ao que tange o conhecimento científico, relativo ao contexto da tecnologia, de maneira que nos ofereça sustentação teórica para nossa investigação.

Iniciaremos a explanação apresentando as três concepções para o estudo de redes sociais, trabalhadas por Buzato (2016), que evidenciam perspectivas teóricas e metodológicas específicas entre si para os estudos das redes sociais *online* (RSO). São elas:

- A rede técnica, vista como entidade material (rede física);
- A rede epistemológica, que cria os laços sociais entre os atores da rede (rede social);
- A rede ontológica, como natureza do ser. O ator-rede constitui e possibilita a existência da cultura digital.

Compreendamos melhor, agora, cada uma das abordagens acima listadas.

A rede técnica, como podemos inferir, diz respeito à rede de cunho material e geográfico. De forma geral, abarca o interesse de estudos nos campos econômicos e empresariais, e com foco no funcionamento mecânico, informático, tendo em vista que

buscam, em geral, mensurar a eficiência de seu funcionamento em vista do seu objetivo econômico, o qual, por sua vez, volta-se para uma realidade exterior (por exemplo, o mercado internacional, ou a defesa militar). Tais mensurações, por serem quantitativas, sugerem objetividade e neutralidade (BUZATO, 2016,

p. 35).

O autor aponta, ainda, para o fato de que poucas pesquisas em Redes Sociais *Online* (RSO) exploram conceitos de redes técnicas. Nesse sentido, enfatiza a importância de se considerar essa dimensão, principalmente, porque evidencia os casos de exclusão digital/social no mundo.

Os estudos no âmbito linguístico abordam, consideravelmente, as redes sociais, segunda concepção (rede epistemológica) trabalhada por Buzato (2016), e demonstram, de forma clara, em especial, a existência de rastros de interação social na rede. No caso das redes sociais, o foco é basicamente epistemológico, diferentemente do foco geográfico dado pelos estudos sobre redes técnicas, pois são “ferramentas de modelagem para o funcionamento estrutural (global) de um conjunto social a partir de interações locais” (BUZATO, 2016, p. 38).

Enquanto nas redes técnicas a divisão se dá entre usuários e instituições, no caso das redes epistemológicas os atores institucionais são compreendidos como “emergentes” de microinterações. Assim como a organização social física, nas redes sociais há uma organização específica, com regras e interações entre os indivíduos no espaço *online*.

Enfim, a terceira concepção proposta é a de rede social como rede monádica¹ (atores-redes), considerada pelo autor como uma rede heterogênea, afirmando que a substância dos atores não é, necessariamente, partilhada nem constituinte de grupos. Nessa concepção de rede, ator e contexto se colocam num mesmo plano de organização – teoria dos atores-redes (TAR), trabalhada por Buzato (2016, p. 42):

a TAR parte do pressuposto de que todo ator social (independentemente de sua substância) é uma rede (de outros atores, vistos como atributos). O que há não são atores em rede, nem redes de atores, mas atores-redes e redes-atores.

Ou seja, as redes monádicas não seriam possíveis sem a existência dos agentes

¹ A palavra mônada significa algo único, indivisível.

que as compõem, assim como nós, atores-rede, não estamos desvinculados das relações sociais no contexto digital.

Essa concepção de rede nos interessa de modo particular, tendo em vista as modalidades de interação e produção de discursos na rede, bem como a presença das redes sociais em nossas atuações cotidianas. Para o autor da TAR, essa concepção de rede proporciona direcionamentos possíveis nos estudos das RSO, diferenciando-se da ênfase utilitária das redes técnicas e dá ênfase preditiva das redes sociais, considerando que a última concepção de rede tem enfoque exploratório, voltado para uma abertura radical de nossa imaginação diante da realidade em que nos encontramos (Buzato, 2016).

A rede digital, com suas características e grande participação no cotidiano de tantas pessoas, naturalizada diante dos nativos digitais, passou por avanços tanto no sentido técnico quanto no que diz respeito aos seus usos e influências sociais.

Knobell e Lankshear (2007) apresentam essa evolução, mostrando que a rede, antes chamada de *web 1.0*, dizia respeito ao universo digital em seu princípio, com *sites* e programas voltados ao ramo empresarial, com fins específicos de produção e pouca ou quase nenhuma utilidade pessoal e social. Com o avanço das tecnologias e ampliação do alcance digital, a *web 2.0* se apresenta como o universo digital que temos atualmente, rede na qual os usuários são participantes ativos, com ampla possibilidade de acesso para os mais diversos fins, incluindo a comunicação pessoal e informal.

Assim, do uso específico e limitado da internet para o uso livre e dinâmico, vemos um avanço não só no universo digital, mas, conseqüentemente, na cultura, devido ao uso cotidiano, cada vez mais enraizado nos diversos ramos sociais. Dessa maneira, é a partir desta lógica de avanço tão abrangente que podemos falar que nossa cultura é digital.

Em *A new literacies sampler*, Knobell e Lankshear (2007) tratam da necessidade de se compreender os letramentos a partir de uma perspectiva sociocultural, pois não há prática sem significado, nem significado fora da prática. Sendo assim, para compreendermos as novas formas de letramentos digitais, é necessário levarmos em

consideração as práticas em torno delas. Eles trazem também que textos particulares podem ser interpretados de várias formas, dependendo das experiências de práticas de diferentes pessoas que os leem.

Os autores nos dizem, ainda, que o letramento não é apenas o fenômeno de saber ler e escrever, mas implica em um conjunto de práticas específicas para fins específicos, reunidos em uma “família” de práticas. Um importante conceito explanado por Knobell e Lankshear (2007) que queremos enfatizar é o de “*New ethos stuff*”, ou “nova ética”. Nesse ponto, os autores apresentam que a tecnologia proporciona um letramento mais participativo e colaborativo:

Quando dizemos que os novos letramentos envolvem diferentes “coisas de Ethos”, diferente do que é tipicamente associado com letramentos convencionais, nós queremos dizer que os novos letramentos são mais “participativos”, “colaborativos”, e “distribuídos” por natureza do que os letramentos convencionais.² (KNOBELL; LANKSHEAR, 2007, p. 09).

Os autores explicam que se trata de muito mais que uma “fratura do espaço”, e surge um novo tipo de mentalidade diante dos novos letramentos que englobam o universo digital. Apontam, ainda, que essa ideia de espaço fraturado se refere ao fato de que o ciberespaço se apresenta como novo espaço, que coexiste com o físico.

Outro importante conceito é o de novas mentalidades (*web 1.0* que configura a primeira mentalidade e *web 2.0* como a segunda e atual mentalidade), e que esta evolução se dá no sentido de crescimento, pois “a segunda mentalidade assume que o mundo contemporâneo é diferente em aspectos importantes de como era há 30 anos, e que esta diferença está crescendo”³ (KNOBELL; LANKSHEAR, 2007, p. 10).

A tabela, a seguir, ilustra as principais mudanças entre mentalidades apontadas

² Tradução nossa do original: “When we say that new literacies involve different “ethos stuff” from that which is typically associated with conventional literacies we mean that new literacies are more “participatory,” “collaborative,” and “distributed” in nature than conventional literacies.”

³ Tradução nossa do original: “The second mindset assumes that the contemporary world is different in important ways from how it was even 30 years ago, and that this difference is growing”.

pelos autores:

Tabela 1: Mudanças entre as mentalidades.

Primeira mentalidade	Segunda mentalidade
<ul style="list-style-type: none"> • O mundo opera sobre princípios e lógicas físicas e materiais, de modo centrado e hierárquico. • O valor está em função da escassez. • A produção é baseada em um modelo “industrial”. • Os produtos são artefatos materiais e mercadorias. • A produção é baseada em infraestrutura e unidades e centros de produção (ex: uma firma ou companhia). • As ferramentas são principalmente ferramentas de produção. • O indivíduo é a unidade de produção, competência e inteligência. • Experiência e autoridade estão “localizadas” em indivíduos e instituições. • O espaço é fechado e com finalidade específica. • Relações sociais em espaços físicos prevalecem; uma “ordem textual” estável. 	<ul style="list-style-type: none"> • Lógica em princípios não materiais e pós-industriais. O mundo passa a se tornar descentralizado. • O valor está em função da dispersão. • Uma visão pós-industrial de produção. • Produtos possibilitando serviços. • Um foco em influência e participação não finita. • As ferramentas são cada vez mais de mediação e tecnologias de relacionamento. • O foco é cada vez mais em “coletivos” como unidades de produção, competência e inteligência. • Experiência e autoridade são distribuídas e coletivas, experts híbridos. • O espaço é aberto, contínuo e fluido. • Relações sociais do emergente “espaço de mídia digital” estão crescendo visivelmente, textos em mudança.

Fonte: Knobel; Lankshear (2007, p. 11, tradução nossa).

Os novos letramentos não aparecem, portanto, apenas em consequência do avanço tecnológico, e estão relacionadas a esta nova mentalidade sobre a qual estamos tratando e esta relação pode ou não existir (ROJO, 2013).

Considerando que os avanços da tecnologia transformaram as máquinas, computadores, celulares, bem como as formas de interação, comunicação e produção de sentidos, já nos é familiar nos relacionarmos não apenas no mundo físico, pois, conforme Santaella (2009), “o universo virtual das redes alastrou-se exponencialmente por todo o planeta fazendo emergir um universo paralelo ao universo físico no qual nossos corpos se movem” (SANTAELLA, 2009, p. 306). A autora reforça, então, a noção de que esse

universo digital é mesmo um ciberespaço, um espaço informacional.

A respeito do lugar físico no qual se encontra esse ciberespaço, não há resposta clara, ou correspondente à nossa realidade física. De certo modo, o ciberespaço pode ser entendido como uma derivação dessa realidade, considerando as representações de sons e imagens da realidade concreta, que “permite simular as percepções humanas, gerando um ambiente virtual que produz a sensação de realidade, na medida em que os objetos se movem de acordo com os movimentos e o ponto de vista do participante [...]” (SANTAELLA, 2009, p. 309).

Além disso, para que possa existir a dinâmica do ciberespaço, é necessária a ação humana associada à máquina, não sendo essa realidade virtual algo independente ou com “vida própria”. Trata-se de um espaço que se abre, a partir do momento em que nos conectamos à rede. Sem a atividade humana de interação na rede, resta apenas a realidade objetiva da máquina e seus *softwares*.

Percebemos, nesta evolução/presença de novas mentalidades, que a cultura está imersa no mundo digital, uma vez que “nos tempos hiper, não basta viver, é preciso contar o que se vive [...]” (ROJO; BARBOSA, 2015, p. 121). A autora Santaella (2003) acrescenta ainda que “o desenvolvimento estratégico das tecnologias da informática e comunicação terá, então, reverberações por toda a estrutura social das sociedades capitalistas avançadas” (SANTAELLA, 2003, p. 23). E é isto que podemos perceber no mundo em que vivemos.

A autora traz ainda que há uma compreensão a respeito da passagem de uma cultura à outra, apresentando uma divisão de eras culturais em seis tipos: oral, escrita, impressa, das massas, das mídias e cultura digital. É a cultura digital que nos interessa no desenvolvimento teórico desta pesquisa.

Consideramos importante a ideia de que as mídias não se separam das formas de socializações da cultura, ou seja, cada novidade no contexto digital traz consigo uma carga de significações culturais. A estudiosa diz, ainda, que “esses ambientes virtuais

deram origem a novas formas de socialização e agregação, que vêm recebendo o nome de comunidades virtuais”, e com isso, há a socialização de nós, atores-rede, no ambiente virtual, no ciberespaço. Com isso, há a defesa a respeito de nossa cultura, e a mesma

trata-se de uma nova era cultural cuja complexidade tem atraído a sensibilidade dos artistas e desafiando o pensamento dos analistas da cultura e dos cientistas sociais. Enfim, trata-se de uma realidade intrincada na qual estamos imersos e da qual não se pode escapar com subterfúgios saudosistas, nem simplesmente louvar com aplausos ingênuos (SANTAELLA, 2009, p. 312).

De fato, nossa cultura não é mais a mesma que a de vinte anos atrás. Estamos num momento de reflexão diante dessa nova realidade e de seus efeitos em nosso cotidiano, especialmente, para nós, pesquisadores do mundo acadêmico, que precisamos refletir a respeito das crescentes e inevitáveis mudanças nas práticas de linguagem e nos contextos dos alunos das novas gerações.

Com as transformações sociais advindas das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC's) as relações mudaram, bem como as formas de produzir linguagem, graças ao novo ambiente de socialização: a internet. Assim, podemos falar que se trata de um sujeito da sociedade em rede, sujeito da geração Z, do século XXI, uma vez que

é nesse contexto da contingência pós-moderna na confluência com a sociedade da informação que surge o sujeito da sociedade em rede. [...] o que já teve a sua constituição subjetiva tecida dentro da sociedade da informação (SOUZA, 2011, p. 474).

Para esse sujeito, o que foge do lúdico e dinâmico foge também à sua atmosfera comunicacional e discursiva. Como já apontamos, nós usuários somos atores da rede. Considerando esse novo sujeito, Santaella (2009) faz uma diferenciação entre tipos de leitores, levando em conta as mudanças provocadas pelos avanços tecnológicos. O leitor contemporâneo, chamado por ela de leitor imersivo, é posto em contraponto a outros dois tipos de leitores: leitor contemplativo e leitor movente. A autora informa que o leitor

contemplativo é aquele da idade pré-industrial, vivido na era do livro impresso, que lê no papel, de modo fixo. O leitor movente é aquele da revolução industrial, que acompanhou o advento do cinema, jornal, fotografia e televisão, leitor dos centros urbanos, dinâmico, híbrido. Em relação ao terceiro tipo de leitor, seria o que emerge nos novos espaços virtuais, “que navega através de fluxos informacionais voláteis, líquidos e híbridos – sonoros, visuais e textuais - que são próprios da hipermídia.” (SANTAELLA, 2009, p. 311).

A autora salienta, ainda, que não há marcas cronológicas deterministas que separem cada tipo de leitor, e afirma também que todos coexistem. Assim, os jovens de hoje se relacionam com a tecnologia de modo mais naturalizado do que as gerações anteriores, que cresceram num contexto no qual ainda não existia internet.

Diante da diversidade de manifestações da linguagem *online* e dos sujeitos contemporâneos, cabe trazer a denominação de *lautor*, oferecida por Rojo (2013). Tal conceito se refere ao aspecto dinâmico do sujeito que é leitor e ao mesmo tempo autor. A *web 2.0* possibilita tal autonomia, atividade de criação conjunta dos sujeitos que usam a rede: os atores-rede.

As manifestações linguísticas, neste contexto, tornam-se horizontalizadas, com alcance pelos mais diversos públicos. Os atores-rede estão, a todo instante, lendo, e ao mesmo, tempo escrevendo sobre diversos temas. O conceito de *lautor* é importante em nosso estudo, tendo em vista que estamos considerando os atores-rede como sujeitos produtores de discursos, participantes ativos, que se posicionam a todo o momento na *web*, construindo seus posicionamentos a partir dos dizeres do outro.

As novas práticas de escrita, para Rojo (2013), dão espaço para surgimento de novos gêneros discursivos (*chats*, *páginas*, *sites* etc.), já que dispomos hoje de novas ferramentas tecnológicas de suporte para leitura e escrita. A linguagem *online*, assim, é muito mais do que ler e escrever diante da tela de computador, é também uma manifestação discursiva. Aprofundaremos no tópico adiante essa questão.

1.2 O *Twitter*: discursos em 140 caracteres

Entendamos, primeiramente, o nosso campo de pesquisa. A rede social *Twitter* foi lançada na internet em março de 2006, pela *Obvious Corporation*, na cidade americana de São Francisco (SPADARO, 2013). Trata-se de uma plataforma comunicacional, caracterizada como um micro *blog*, por permitir postagens curtas (*tweets*) sobre o que está acontecendo no momento, funcionando também como uma espécie de diário pessoal. No *Twitter*, “fala-se” (por meio da escrita) sobre tudo, existindo espaço para colocação/circulação de pontos de vista. De acordo com Spadaro (2013, p. 127),

um *tweet*, isto é, uma mensagenzinha enviada pelo *Twitter*, é um sistema para enviar *posts* em miniatura. Se um *post* é praticamente um artigo e exige de qualquer maneira tempo e reflexão, um *tweet* pode ser uma ideia, um conceito, uma informação, uma sugestão, um apelo... todas as coisas que se escrevem velozmente.

Apresentamos, na figura 1, a interface do *site*:

Figura 1: Página inicial do Twitter



À esquerda, temos as informações básicas do perfil do usuário *logged*, e logo abaixo o quadro de *trending topics*, ou assuntos do momento, que mostram as principais expressões e palavras que estão sendo debatidas pelos usuários em todo o mundo. É possível fazer buscas sobre qualquer assunto, a partir de palavras-chave, na barra de pesquisa situada na parte superior direita. Há também sugestões de perfis para seguir. Abaixo da caixa na qual escrevemos os *tweets*, onde diz “O que está acontecendo? ”, temos o histórico de postagens dos perfis que escolheu seguir.

As mensagens ficam disponíveis de imediato para os seguidores e público em geral, por meio da plataforma de busca do próprio *site*, o *Twitter Search* (caso o usuário não utilize a opção de privar sua conta)

o Twitter é estruturado com seguidores e pessoas a seguir, onde cada twitter pode escolher quem deseja seguir e ser seguido por outros. Há também a possibilidade de enviar mensagens em modo privado para outros usuários. A janela particular de cada usuário contém, assim, todas as mensagens públicas emitidas por aqueles indivíduos a quem ele segue. Mensagens direcionadas também são possíveis, a partir do uso da “@” antes do nome do destinatário. Cada página particular pode ser personalizada pelo twitter através da construção de um pequeno perfil (RECUERO, 2009, p. 173).

Nesse espaço, os usuários têm a opção de se posicionarem a respeito de uma grande diversidade de temas. Apesar de existir a limitação de 140 caracteres por postagem, a rede social é um ambiente de vasta circulação de textos a respeito dos mais variados assuntos.

As postagens partem da pergunta “O que está acontecendo? ”, que aparece na página inicial do *site*, no quadro onde é possível escrever os *tweets*. A rede social passou por adaptações para alcançar a variedade de interações e possibilidades de uso dos recursos linguísticos, agregando a opção do uso de linguagens diversas, para além do texto em si, com imagens, vídeos, enquetes, como podemos perceber na interface apresentada na Figura 1, que contém um anúncio empresarial utilizando a imagem.

O *Twitter* é, então, um espaço de circulação de textos múltiplos, multimodais. Esse caráter multimodal é contemporâneo, no qual

os escritos e falas se misturam com imagens estáticas (fotos, ilustrações) e em movimento (vídeos) e com sons (sonoplastias, músicas), a palavra “texto” se estendeu a esses enunciados híbridos de “novo” tipo, de tal modo que falamos em “textos orais” e “textos multimodais”, como as notícias televisivas e os vídeos de fãs no *YouTube*. (ROJO; BARBOSA, 2015, p. 25)

Ou seja, texto pode ser muito mais que a grafia/digitação de palavras e frases. Isso configura a multimodalidade característica da linguagem em ambientes virtuais.

A rede social consiste, portanto, em um *site* rico em produção e circulação de linguagens. Vejamos o que Spadaro (2013) argumenta em relação ao *Twitter* ser tratado como espaço para livre distribuição de discursos. O autor nos informa sobre a existência de

sistemas para abreviar os longos endereços da internet, através dos quais se pode indicar longos artigos, discussões, vídeo e imagens em apenas um *tweet*. Portanto, o *Twitter* assimilou a função típica dos *tumblelogs*, os blogs minimalistas, trazendo-os para dentro do próprio sistema. O *Twitter* por isso se tornou uma mina de informações continuamente atualizada ao vivo, fazendo concorrência aos programas tradicionais de busca (SPADARO, 2013, p. 132).

Nessa perspectiva, atentando para a diversidade discursiva que o *site* permite, acreditamos que, nele, os usuários podem se posicionar e atualizar informações a todo o momento sobre qualquer tema, já que “o *Twitter* pode ser uma espécie de radar constituído não por uma inteligência artificial, como os programas de busca, mas pela viva seleção de pessoas” (SPADARO, 2013, p. 133). São os usuários (atores-rede), então, os responsáveis por essa dinamicidade.

Em nosso cotidiano, interagimos e nos posicionamos por meio da linguagem, sobre os mais diversos temas e nos mais diversos espaços. Por que considerar o *Twitter* como um espaço discursivo? Avaliamos que essa questão pode ser respondida considerando a concepção discursiva de Bakhtin (2003[1979]), na qual nos baseamos para estudar os posicionamentos dos sujeitos na rede por meio da linguagem, principalmente quando ele afirma que

todas as esferas da atividade humana, por mais variadas que sejam, estão sempre relacionadas com a utilização da língua. Não é de se surpreender que o caráter e os modos dessa utilização sejam tão variados como as próprias esferas da atividade humana, o que não contradiz a unidade nacional da uma língua. (BAKHTIN, 2003[1979], p. 279).

A utilização da língua/linguagem, segundo esse autor, se dá a partir de enunciados (orais e escritos), conforme as condições e finalidades específicas de cada esfera, não só por causa do conteúdo temático e pelo estilo verbal, mas também pela construção composicional. Podemos definir enunciado, na teoria bakhtiniana, como uma unidade discursiva na qual o locutor busca realizar um dado objetivo enunciativo, de acordo com a interação em que está envolvido, tendo por material as formas da língua e imprimindo ao que é dito um tom avaliativo (posicionamentos) que leva em conta a resposta ativa presumida do interlocutor a quem o locutor se dirige (SOBRAL, 2009). Assim, a interação entre locutor e interlocutor se dá por meio de enunciados, e a partir deles é possível posicionar-se. A respeito do tom avaliativo, o mesmo autor define:

Toda enunciação envolve um tom avaliativo impresso pelo sujeito a suas atuações verbais, de acordo com suas relações com seu interlocutor e o momento da interlocução. Na verdade, o tom avaliativo está integrado à própria forma do texto; o texto não se restringe a conteúdos, porque estes só surgem como resultado da ação da forma, e essa ação altera a significação e cria o tema. (SOBRAL, 2009, p. 84)

Assim, o sujeito sempre diz algo a outro partindo de certa posição social, numa relação de interação. Todo ato enunciativo traz um tom avaliativo por parte dos interagentes, e os mesmos não são meros decodificadores de textos, tonando-se, então, responsáveis nesse processo. Daí entendemos a dinâmica da responsividade ativa na interatividade entre enunciadores. Bakhtin afirma, ainda, que

qualquer enunciado considerado isoladamente é, claro, individual, mas cada esfera de utilização da língua elabora seus *tipos relativamente estáveis* de enunciados, sendo isso que denominamos *gêneros do discurso*. (BAKHTIN, 2003[1979], p. 279).

O enunciado se configura como “um dito (ou cantado, ou escrito, ou mesmo pensado) concreto e único, ‘irrepetível’, que gera significação e se vale da língua/linguagem para sua materialização, constituindo o discurso” (ROJO; BARBOSA, 2015, p. 25). Tendo a unidade de análise partindo do texto, a teoria Bakhtiniana considera não apenas o texto em si, pois o discurso não se restringe apenas ao mesmo. O discurso é constituído por enunciados, e organizado em suas respectivas esferas. O *Twitter* é um gênero, relativamente estável, considerando que abrange diferentes tipos de texto (frases pessoais, notícias, divulgações), sendo um espaço de circulação de linguagem formal e informal (é possível a utilização tanto do internetês quanto da linguagem tradicional da norma padrão).

Sobre os gêneros do discurso, Rojo e Barbosa (2015) trazem uma explanação clara, atual e objetiva do tema. Elas apontam que tais gêneros podem ser orais, escritos, impressos ou digitais, e fazem parte da organização de nossa comunicação diária. Estamos rodeados de textos, no cotidiano, que fazem parte de um gênero: lidamos com *e-mail*, formulários bancários, listas de compras, chamada de frequência em aula, relatório do trabalho, entre outros. São eles textos de características e esferas diferentes, variando

do formal ao informal (são os gêneros primários e secundários, que veremos no parágrafo seguinte).

Os gêneros não são classificações gramaticais, mas sim organizados pelo modo como funciona socialmente determinada comunicação, são “entidades da vida” (ROJO; BARBOSA, 2015, p.27). As autoras dizem ainda que “gêneros são como cachorros: sabemos reconhecer quando topamos com um, embora por vezes não saibamos o nome de sua raça” (ROJO; BARBOSA, 2015, p. 27).

Na teoria do discurso bakhtiniana, há também a definição de discurso primário (simples) e discurso secundário (complexo). Vejamos a definição do autor:

Os gêneros secundários do discurso – o romance, o teatro, o discurso científico, o discurso ideológico, etc. – aparecem em circunstâncias de uma comunicação cultural, mais complexa e relativamente mais evoluída, principalmente escrita: artística, científica, sociopolítica. Durante o processo de sua formação, esses gêneros secundários absorvem e transmitem os gêneros primários (simples) de todas as espécies, que se constituíram em circunstâncias de uma comunicação verbal espontânea. Os gêneros primários, ao se tornarem componentes dos gêneros secundários, transformam-se dentro destes e adquirem uma característica particular: perdem sua relação imediata com a realidade existente e com a realidade enunciados alheios – por exemplo, inseridas no romance, a réplica do diálogo cotidiano ou a carta, conservando sua forma e seu significado cotidiano apenas no plano do conteúdo do romance, só se integram à realidade existente através do romance considerado como um todo, ou seja, do romance concebido como fenômeno da vida literário-artística e não da vida cotidiana. (BAKHTIN, 2003[1979], p. 281).

Podemos dizer que os discursos primários são os de cunho mais íntimo e informal, como conversas pessoais e cotidianas, e os discursos secundários abrangem aspectos mais elaborados e formais, como os jornais e revistas. Assim, podemos dizer que na esfera digital circulam os mais variados discursos digitais primários e secundários, ou seja, num ambiente complexo, percebemos postagens de cunho informativo, conversas pessoais, e-mails institucionais, misturados num mesmo espaço. O *Twitter*, por exemplo, apresenta tanto gêneros primários quanto secundários, pois postamos desde fatos cotidianos até *links* de notícias. Com relação à linguagem própria da internet, ela é originária e circula no ambiente virtual, não sendo uma modalidade comumente presente em outras esferas de

comunicação cotidiana *offline*.

Como vimos, os gêneros possuem seus tipos de enunciados relativamente estáveis. Os textos circulam em esferas de comunicação específicas. Vajamos em seguida uma esclarecedora definição, baseada na obra bakhtiniana, a respeito das esferas de comunicação:

[...] é a finalidade, o funcionamento e a especificidade da esfera/campo em seu tempo e lugar históricos que determinam as características do gênero discursivo no que este tem tanto de estável como de flexível – “relativamente estável”. Isto é, as condições de produção da esfera/campo circunscrevem certos temas que nela podem ser abordados, estilos de língua (registros formal e informal e gírias, por exemplo) que podem ser usados e, sobretudo, o formato de composição que o texto no gênero terá. Como o funcionamento, os instrumentos e as relações sociais nas esferas mudam, os gêneros também se modificam de acordo com essas alterações. Um bom exemplo é o aparecimento das tecnologias digitais da informação e da comunicação (TDICs), que provocaram modificações nos gêneros por elas incorporados, gerando duplos e criaram cartas/*e-mail*, conversas/*chats* ou bate-papo, diário/*blog*, e assim por diante. (BARBOSA; ROJO, 2015, p. 68)

A partir dessa ideia, podemos assumir o *Twitter* como uma esfera de comunicação. Por se tratar de uma rede social, e considerando sua característica de *micro-blog*, predomina a comunicação informal, os gêneros primários. Por se tratar de um ambiente virtual e ao mesmo tempo informal, é comum também o uso do *internetês* (que trabalharemos mais adiante no segundo tópico do capítulo teórico).

O sentido do “relativamente estável” diz respeito justamente à variação natural que ocorre nas comunicações humanas, ou seja, não pensamos nem falamos sempre da mesma forma, pois somos sujeitos singulares. Além desse fator, o ambiente digital permite a variabilidade de modos de linguagem, como a multimodal, no qual podemos usar recursos para além da escrita tradicional, bem como abreviações das palavras.

Outra importante consideração sobre o discurso é que, para Bakhtin (2003[1979]), é preciso observar a dinâmica da responsividade nas trocas enunciativas entre locutores, pois segundo ele,

o ouvinte que recebe e compreende a significação (linguística) de um discurso adota simultaneamente, para com este discurso, uma atitude responsiva ativa: ele concorda ou discorda (total ou parcialmente), completa, adapta, apronta-se para executar, etc. [...] (BAKHTIN, 2003[1979], p. 290).

No *Twitter*, percebemos essa dinâmica de atitude responsiva ativa nos discursos dos atores-rede quando usam o *retweet*. Nessa ação, o usuário compartilha o dizer alheio, construindo o seu próprio discurso a partir do dizer do outro, tendo em vista que “cedo ou tarde, o que foi ouvido e compreendido de modo ativo encontrará um eco no discurso ou no comportamento subsequente do ouvinte” (BAKHTIN, 2003[1979], p. 291), e isso, para o autor, faz parte dessa atitude de responsividade.

Ainda sobre responsividade, Rojo e Barbosa (2015) trazem, com base na teoria bakhtiniana, um olhar atual sobre a questão:

Nunca antes a ideia de que o enunciado é um elo na cadeia verbal que remete a (e se trama a partir de ou nos) enunciados anteriores e que se estabelece como referência para enunciados ulteriores, a postulação de responsividade ativa no cerne dos atos de compreensão e a concepção bakhtiniana de autoria – como uma orquestra de vozes – puderam ser tão evidenciadas quanto com as novas mentalidades, mídias e ambientes. Para quem se ressentia da ausência de comprovações empíricas mais evidentes e diretas para aceitar as postulações de Bakhtin, eis que os funcionamentos hipermidiáticos e em rede e a prática da remixagem envolvendo diferentes modalidades de linguagem as trazem e encarnam de forma cabal (ROJO; BARBOSA, 2015, p. 121).

Com as novas formas de produzir linguagem, emergidos na internet, podemos ver muitos exemplos de cadeias de enunciados, com discursos sobrepostos em atitudes responsivas. Uma postagem no *Facebook*, por exemplo, traz tanto o próprio *post*, os comentários de quem os leu, as curtidas (e, atualmente, as “reações”⁴), as respostas de comentários e curtidas de comentários: uma interação contendo atitudes e discursos num emaranhado de significações.

⁴ Em 2016, o *Facebook* trouxe uma atualização inovadora: além do botão “curtir”, é possível reagir com um “amei”, em forma de coração, com “assustado”, num *emoticon* característico, um “irritado”, “engraçado” e “triste”, também com *emoticons* correspondentes.

Além disso, a teoria bakhtiniana nos diz que o discurso do outro possui duas significações: a sua própria significação dada pelo enunciador e a do enunciador que acolhe tal discurso e o reelabora. Dessa maneira, o enunciado, para Bakhtin, está voltado não só para o objeto do discurso, mas também para o discurso do outro acerca desse objeto e do discurso que este outro reelaborou. Cabe citar também que:

o índice substancial (constitutivo) do enunciado é o fato de dirigir-se a alguém, de estar voltado para o destinatário. Diferentemente das unidades significantes da língua – palavras e orações – que são de ordem impessoal, não pertencem a ninguém e não se dirigem a ninguém, o enunciado tem autor (e, correlativamente, uma expressão, do que já falamos) e destinatário. (BAKHTIN, 2003[1979], p. 320)

Ou seja, em conformidade com o pensamento bakhtiniano, não há discurso original, estamos sempre nos posicionando a partir do discurso do outro, constituindo assim os nossos próprios posicionamentos. Ao *tweetarmos*, estamos falando para nossos seguidores, como uma espécie de diário público, aberto a interações, e “nossa fala, isto é, nossos enunciados (que incluem as obras literárias), estão repletos de palavras dos outros, caracterizadas, em graus variáveis, pela alteridade ou pela assimilação [...]” (BAKHTIN, 2003[1979], p.314).

Consideramos o *Twitter* como contexto de estudo por se tratar de uma rede de discursos, na qual os usuários interagem entre si, debatem e se posicionam. Com base na ideia de Bakhtin (2003[1979], p. 316):

um enunciado é um elo na cadeia da comunicação verbal de uma dada esfera. As fronteiras desse enunciado determinam-se pela alternância dos sujeitos falantes. Os enunciados não são indiferentes uns aos outros, refletem-se mutuamente. São precisamente esses reflexos recíprocos que lhes determinam o caráter. O enunciado está repleto dos ecos e lembranças de outros enunciados, aos quais está vinculado no interior de uma esfera comum de comunicação verbal.

Uma das formas de investigar os sentidos que as pessoas constroem sobre linguagem *online* é analisar a produção de posicionamentos dos sujeitos na rede

(BARTON; LEE, 2015). É, portanto, essa maneira de produção que nos interessa na presente pesquisa, de modo que possamos analisar os discursos dos sujeitos atores-rede.

Antes de adentrar na especificidade dos posicionamentos na rede, cabe lembrar Rojo e Barbosa (2015), ao discutirem sobre as ferramentas para produção de posicionamento na internet:

Frente ao que se segue (ou ao que é de alguma forma publicado) na rede, é possível ter diferentes níveis de resposta: algumas acessíveis diretamente a quem publica o conteúdo – **curtir**, **comentar redistribuir** (sem comentar), **redistribuir com comentário fundamentado** (redistribuição crítica) etc. [...] Essas publicações/respostas também podem ser multimodais [...]. (ROJO; BARBOSA, 2015, p. 123).

Ou seja, é possível posicionar-se nas redes sociais, fazendo uso de ferramentas, de maneira diversificada e utilizando recursos da linguagem multimodal. De acordo com Barton e Lee (2015), a postura é caracterizada pelas formas particulares de linguagem de cada enunciador, a partir do momento em que a pessoa que se posiciona e utiliza-se de modos particulares de linguagem, em determinado contexto de produção de significados.

O posicionamento é percebido com frequência nas interações *online*, principalmente em espaços cotidianos da internet. É tido, também, como um ato público e, assim, temos um campo de pesquisa fecundo para estudarmos esse tipo de linguagem, a partir das produções discursivas colocadas pelos sujeitos de nosso estudo, por meio da análise de *tweets*.

Nas redes sociais, a ferramenta “curtir” se apresenta como ato de posicionamento, pois demonstra uma reação positiva, de interesse ou de concordância, indicar que o *post* foi lido ou até mesmo como uma maneira de dizer “sim” a algo. O ato de “curtir”, em si, não se mostra suficiente para decifrar uma postura, e por isso é necessária à análise contextualizada das interações *online*.

Podemos identificar, também, um ato de posicionamento a partir do uso de seus marcadores, tais como: “acho”, “penso”, “sei”. Além desses, o *Twitter* oferece outras formas

de posicionamentos, proporcionadas pela característica multisemiótica da internet, representadas pela utilização de fotos, vídeos, *emoticons* etc. *Emoticons* partem do inglês *emotion* + *icon*, ou seja, ícones que expressam emoções. Atualmente, o teclado dos *smartphones* oferece uma vasta opção de ícones. Vejamos alguns exemplos:

Figura 2: Exemplos de *emoticons*



Esses são apenas algumas das muitas opções de *emoticons* disponíveis no teclado dos aparelhos eletrônicos, a fim de adicionarmos um teor mais lúdico à nossa comunicação via internet.

A postura não mostra apenas uma opinião/vivência individual, mas pode também funcionar como um ato enunciativo coletivo, em que o ator-rede pretende alcançar, promovendo interação dentro de um contexto maior, como a exemplo de comunidades de blogueiros (BARTON; LEE, 2015).

Estamos, a todo momento, acompanhando na internet posicionamentos alheios, e assumimos os nossos próprios pontos de vista quando opinamos sobre determinado tema, dinâmica esta que é possível graças à possibilidade de interação digital por meio da linguagem. Na condição de sujeitos do discurso, enunciamos, em nossos posicionamentos, valores subjetivos, dialógicos e ideológicos.

CAPÍTULO 2

ESCRITA E ENSINO NA CONTEMPORANEIDADE

No presente capítulo, objetivamos discutir a respeito da escrita em suas variações de uso, bem como sobre o ensino e suas implicações na contemporaneidade. Primeiramente, iremos refletir acerca da norma padrão da língua, as diferentes variações e suas características, e, enfim, trabalharemos a variação da linguagem da internet. Em seguida, refletimos sobre as concepções de ensino de língua, em articulação com a linguagem no contexto da atualidade.

2.1 Norma Padrão, Variação linguística e Linguagem da Internet

A noção de gramática e seu estudo advêm de longa data. Os babilônios, por volta de 2000 a. C. já atentavam a esse aspecto. Uma das fontes inspiradoras foram as práticas políticas e jurídicas, além da influência de caráter filosófico, com Platão e Aristóteles (FARACO, 2008).

Muitos séculos depois, no século XXI, ainda há o caráter arbitrário da gramática e do ensino da língua em seu aspecto estrutural. No Brasil, o modelo medieval chegou, no século XVI, com as práticas pedagógicas dos jesuítas se consolidando no país, favorecido pela excludente sociedade colonial, na qual a educação escolar era privilégio dos nobres.

Tradicionalmente, a pedagogia do ensino da língua portuguesa tem foco na estrutura gramatical e, como afirma Faraco (2008), essa prática pedagógica tradicional coloca a estrutura da língua no foco de ensino, tomando do ensino do português e da gramática como sinônimos.

Trata-se, portanto, de uma temática polêmica. O autor chama a atenção para o fato de que a língua não pode ser tomada como um conjunto de normas, pois “não há uma definição de língua por critérios puramente linguísticos, mas fundamentalmente por

critérios políticos e culturais” (FARACO, 2008, p. 34). Ou seja, nós, seres inseridos numa cultura, é quem fazemos a língua. Os falantes a determinam, e não o contrário. Sobre essa questão, Antunes (2009) chama atenção para duas dimensões da língua: a já consolidada dimensão do sistema em si, que abarca os aspectos estruturais da língua, e a dimensão do sistema em uso, indissociável da realidade histórico-cultural, advinda da heterogeneidade da sociedade.

Assim, os autores acima trazem a questão de que a língua é vista ainda como homogênea, bem como seu ensino, focando a apreensão de conteúdos relativos à estrutura, normatividade. Com relação à definição dessa norma privilegiada no ensino, vejamos:

É possível, então, conceituar tecnicamente norma como determinado conjunto de fenômenos linguísticos (fonológicos, morfológicos, sintáticos e lexicais) que são correntes, costumeiros, habituais numa dada comunidade de fala. Norma nesse sentido se identifica com normalidade, ou seja, com o que é corriqueiro, usual, habitual, recorrente (“normal”) numa certa comunidade de fala. (FARACO, 2008, p. 37)

Sendo assim, a norma depende de certa comunidade de linguagem, não sendo possível determinar ou eleger uma norma geral como a única correta. Antunes (2009) defende que não existe a língua em si, independente, mas sim grupos de falantes que constituem as variadas normas, de acordo com os aspectos sociais. A língua por si só é um produto social. Porém, o que o discurso sobre o ensino transmite é que a Norma Padrão ensinada nas escolas é o modelo de normalidade e, “assim, se adotarmos um olhar gerativista, diremos que a cada norma corresponde uma gramática. Se adotarmos um olhar variacionista (sociolinguístico ou dialetológico), será produtivo equiparar norma e variedade” (FARACO, 2008, p. 37).

No entanto, cabe ressaltar que a língua não se resume ao conjunto de normas ensinado nas escolas. A realidade da língua é heterogênea, e a mesma está presente na sociedade por meio de diversas variações de uso, pois “o real estado da língua é o das

águas de um rio, que nunca param de correr e de se agitar” (BAGNO, 2007, p. 36). Ou seja, a língua se adapta às transformações sociais, apresenta variações. Segundo o mesmo autor, a variação advinda da heterogeneidade da língua não é aleatória, e sim ordenada, e daí vem o título de sua obra: “Nada na língua é por acaso” (BAGNO, 2007). Essa pluralidade está relacionada à regularidade da ocorrência de determinados usos em contextos específicos. O autor traz, ainda, que

As ciências sociais ensinam que a vida em sociedade é regida por normas, que surgem na comunidade para regular os comportamentos e manter a coesão social. Entre essas normas estão as normas linguísticas. É perfeitamente justo e compreensível que as pessoas perguntem: “É certo ou errado falar assim?” Mais justo ainda, no entanto, é que as pessoas que vão responder essa pergunta estejam conscientes que as normas linguísticas, como todas as normas sociais, mudam com o tempo e que de nada vale lutar contra essa mudança – mais sensato é tentar se adaptar a elas (BAGNO, 2009, p. 27).

Desse modo, entendemos que a norma é necessária, porém mutável e insuficiente por si mesma. As variedades têm certa influência nas transformações da língua ao longo do tempo, tendo em vista que é a sociedade a responsável pelas mudanças. Não é a língua por si só que muda, ela não é uma entidade independente, e sim uma criação social. O que mudam são as práticas sociais, que acabam por afetar a comunicação. Passamos a utilizar diferentes variações linguísticas de acordo com nossas necessidades interacionais, e não por uma simples escolha aleatória. A língua é um produto social, e estamos sempre em transformação ao longo da história. Com que argumento defender, então, uma norma padrão imutável? Tudo o que está relacionado a seres humanos é passível de mudanças.

Trazemos um exemplo para reflexão, a partir expressão “aquelas casinha amarela”. Nesse caso, há uma regularidade, dentro de certa norma (que diz respeito a algo “normal”, natural, comum), não sendo comum, por exemplo, dizer “aquela casinhas amarela”. Assim, Bagno (2007) defende sua tese de que nada na língua é por acaso e aleatório, toda variedade segue padrões de normalidade, e que é impossível falar sem obedecer a regras linguísticas, desmistificando o saber comum de que existe apenas a regra da gramática.

Ainda segundo Bagno (2007), a língua apresenta variações de acordo com fatores extralinguísticos:

- Fatores de ordem geográfica: quando a língua varia de uma região a outra. Percebemos que há a diferença entre o português do Brasil e o de Portugal, assim como dentro de nosso país existem modos diferentes de uso da língua. Não se fala do mesmo jeito na Paraíba e em São Paulo, ou Rio Grande do Sul, por exemplo;
- Fatores de ordem socioeconômica: muitas pessoas que possuem nível de renda muito baixo não falam do mesmo modo do que as pessoas de alto nível econômico;
- Grau de escolarização: pessoas que estudaram até o nível fundamental não falam do mesmo modo daquelas que possuem grau de doutorado;
- Idade: Os idosos não falam da mesma maneira que os adolescentes;
- Variação diamésica: diz respeito ao meio de expressão, inclusive o ambiente digital.

As variáveis podem ser de ordem linguística (diferenças existentes na gramática portuguesa e brasileira, por exemplo) ou de ordem extralinguística (diferenças sociais), até mesmo uma combinação de ambas. Além dos fatores citados, o autor aponta ainda para a existência da variação estilística, presente de acordo com influências individuais, conscientes ou inconscientes. Não ocorre de forma aleatória, mas relacionada às condições contextuais. O mesmo afirma ainda que as regras da língua que não apresentam variação (a não ser ao longo da história) são chamadas regras categóricas e estão presentes no repertório linguístico de todos os falantes. Já as regras que apresentam variação, são as regras variáveis, ou simplesmente variáveis.

A variação se dá quando um sentido pode ser expresso de diversas formas, ou seja, variantes são modos diferentes de dizer a mesma coisa. O que podemos inferir, analisando maneiras distintas de dizer o mesmo, são as características heterogêneas presentes em cada discurso, e assim podemos perceber se determinada afirmação parte de alguém

altamente letrado ou de um adolescente, por exemplo.

A variedade linguística é comumente associada a especificidades dialetais, ou seja, considerando as características de diferentes regiões do Brasil e entre o português brasileiro e de outros países – principalmente de Portugal. É preciso ainda aprofundar a discussão da variação da língua nas instituições, quebrando o estigma dos famosos quadrinhos do cascão da Turma da Mônica, presentes em livros didáticos como exemplo de alguém que fala “errado”. As variedades da língua que fogem às normas dos manuais de gramática e de ensino são frequentemente associadas à ideia de “erro”, graças à permanência do ensino de língua como conjunto normativo, que permanece até a atualidade. As diferentes formas de dialetos vão muito além de especificidades regionais, nas falas rurais/urbanas.

Mas será que a língua varia apenas nos modos de falar, sotaques e expressões regionais? Veremos que é uma questão mais complexa ainda. Antunes (2009) chama atenção para um fato importante:

[...] a língua escrita ainda não recebeu esse “olhar” que enxerga as suas diferenças de uso; ou seja, ainda parece subsistir a impressão de uma língua escrita uniformemente, totalmente estável, sem variações. Tal impressão é naturalmente reforçada pelo viés da ortografia oficial, um padrão rígido e inalterável, com mudanças pouco significativas em intervalos muito longos de tempo. A visão de uma escrita uniforme repercute no trabalho da escola, que, assim, privilegia o ensino de esquemas rígidos, em cujas formas todos os textos têm de se encaixar. (ANTUNES, 2009, p. 208).

A variação existe e deve ser explorada também no âmbito da escrita. O próprio *internetês* – que iremos explorar mais adiante – é uma variação fundamentalmente escrita, considerando o uso de abreviações, códigos do teclado, *emoticons*⁵.

Não é apenas a fala que adquire características específicas para determinadas situações de comunicação, “a interação verbal por meio da escrita está sujeita também às

⁵ A pesar de, na internet, ser possível a comunicação para além da escrita, com chamadas de vídeo e mensagens de voz. A escrita é ainda a principal ferramenta de comunicação no universo digital. No final do capítulo aprofundaremos essa questão.

determinações dos contextos em que essa atividade acontece” (ANTUNES, 2009, p. 209). Como exemplos de variações na escrita que podemos perceber sem dificuldades, são expressões como “Te amo”, “Aluga-se salas”. Seguindo à risca a lógica da norma padrão, estariam com equívocos como o uso do pronome em início de frase no primeiro exemplo, e discordância entre verbo e objeto no segundo exemplo. Porém, por se tratarem de usos bastante comuns, não são contestados, mostrando que o preconceito parte da dimensão social. De um lado, temos a determinação de como uma língua deve ser. Por outro, temos pistas de como ela é. Não vemos pessoas falando a língua exatamente como ela é prescrita nos manuais normativos, nem mesmo os mais letrados. Principalmente na fala, acaba restando algum vestígio das variedades. Afinal, os falantes não são gramáticas ambulantes, e sim seres humanos, sociais, subjetivos, heterogêneos, passíveis de equívocos.

É preciso atentar para uma problemática bastante frequente, e que podemos observar inclusive na variação em questão que abordamos no presente estudo: a linguagem da internet. Faraco (2008) afirma, a respeito, que:

Esse fato põe igualmente sob suspeita a própria noção de erro em língua. **Se um enunciado é previsto por uma norma, não se pode condená-lo como erro com base na organização estrutural de uma outra norma.** Desse modo, o linguista não pode escapar da tarefa de desenvolver instrumentos descritivos adequados para dar conta das diferenças de organização estrutural entre as muitas normas de uma língua. **Os fatos não lhe autorizam optar pela solução simples do conceito de erro.** (FARACO, 2008, p.38. Grifo nosso).

Desse modo, vemos que existe uma variedade de usos da língua baseadas em organizações específicas, e que a estrutura padrão da língua é confundida com única norma correta. É preciso o esclarecimento e diferenciação entre norma padrão e as variações de uso. Para esse autor, há uma estrutura que organiza a língua de modo geral, porém esta organização não deve ser unificante, homogeneizante, referência excludente. E, complementando, ele afirma que

não existe, em suma, uma norma “pura”: as normas absorvem características umas das outras – elas são, portanto, sempre hibridizadas. Por isso, não é possível estabelecer com absoluta nitidez e precisão os limites de cada uma das normas – haverá sempre sobreposições, desdobramentos, entrecruzamentos. (FARACO, 2008, p. 44)

A norma culta/padrão ganhou prestígio social ao longo da história, por se tratar de um conjunto de fenômenos presentes em situações monitoradas com falantes letrados, atribuindo uma representação da norma culta/padrão como superior às demais, levando à crença de que essa norma é a língua em si.

Há um certo alarme que leva à crença de que a língua está em decadência com a atual transformação social advinda na era digital. Entretanto, essa representação não encontra sustento na realidade:

Primeiro, porque as mudanças, como bem demonstra a linguística histórica, nunca alteram a plenitude estrutural de nenhuma das variedades da língua. Elas passam sim por contínuas reconfigurações estruturais, mas nunca perdem seu caráter estruturado. Segundo, porque qualquer língua é sempre heterogênea, ou seja, constituída por um conjunto de variedades (por um conjunto de normas). Não há, como muitas vezes imagina o senso comum, a língua, de um lado, e, de outro, as variedades. A língua é em si o conjunto das variedades. Ou seja, elas não são deturpações, corrupções, degradações da língua, mas são a própria língua: é o conjunto de variedades (de normas) que constitui a língua. (FARACO, 2008, p. 74)

Com essa afirmação, o autor postula ainda que a norma padrão é apenas mais uma das muitas variedades da língua, que possui funções socioculturais específicas. O prestígio de tal concepção de língua se dá por fatores extrínsecos (sócio históricos) e não por fatores intrínsecos (gramaticais/linguísticos). Algumas variedades são, inclusive, estigmatizadas. A palavra “norma” acaba apresentando dois sentidos. O primeiro, norma é relacionada à normalidade, ao que é “normal”, e o segundo é correlacionado com normatividade (FARACO, 2008).

Nessa perspectiva, sabendo que a língua comporta um conjunto de diversificações baseadas no uso, buscamos entender sobre a variedade, em especial, no caso de nosso estudo, referente à linguagem da internet. É válido lembrar que internet e

as tecnologias estão sempre nos influenciando, avançando e oferecendo novas possibilidades. Uma das influências da cultura digital se dá na linguagem e nas nossas interações. A abreviação, por exemplo, consiste em um dos grandes marcos da escrita na cultura digital. Nos anos 90, havia um esquema de acesso à internet muito restrito. A conexão se dava por rede telefônica, caracterizada por pouca velocidade, horários limitados e alto custo.

Em consequência disto, para maior aproveitamento de tempo durante a conexão, para conversar com outras pessoas, a digitação passou a ser mais rápida com o uso de abreviações, pois

escrever “no computador”, especialmente se online, é certamente um fator que induz a inovações, seja pela velocidade que se deseja imprimir à escrita, seja por eventuais limitações dos teclados. [...] Ora, quem “tecla” em chats, entre outras coisas, tem pressa. É esse o móvel das abreviações, que, depois, devem ser escolhidas (POSSENTI, 2006, p. 33).

Vejamos alguns exemplos de abreviações:

Tabela 2: Abreviações comuns na escrita da internet

Abreviação	Palavra correspondente
N / ñ	Não
qdo	Quando
qto	Quanto
nd	Nada
xau	Tchau
bj	Beijo
kd	Cadê
tc	Teclar

blz	Beleza
vc	Você
mt	Muito

Tabela elaborada pela pesquisadora.

A partir de expressões curtas, com poucas letras, é possível, de modo geral, a comunicação sem prejuízo de sentido, e muitas são as possibilidades de texto abreviado a favor da agilidade no ato de digitar. Além da adaptação na grafia, surgiram estratégias de utilizar ícones do teclado para expressão de sentimentos. Murano (2009) informa que

outra modalidade na comunicação via internet, que de certa forma também passa pela economia de caracteres, é o popular emoticon [fusão das palavras inglesas emotion, “emoção”, com icon, “ícone”]. Amplamente utilizado por internautas para expressar humor e sentimentos durante troca de mensagens, o emoticon nada mais é do que uma sequência de caracteres topográficos que em geral simula expressões faciais, tais como :) ou ainda ^_^, entre outros. (MURANO, 2009, p. 27).

Já vimos, na Figura 1, alguns exemplos de *emoticons* animados, em formato de figuras. A expressão de sentimento pode ser feita também com símbolos do teclado tradicional do computador, como esses a seguir, outros exemplos de ícones comumente utilizados:

Tabela 3: Códigos usados para expressar sentimentos

Código/Símbolo	Sentimento/expressão correspondente
=) =D ^^	Contente, feliz, sorrindo
=(='(Triste, chorando

=O	Surpresa
;)	Piscando olhos
=*	Beijo
=	Indiferente

Tabela elaborada pela pesquisadora.

Assim, vemos que a partir do próprio uso e das demandas da internet desde seu início no Brasil, surgiu uma linguagem específica para o contexto *online*, que conhecemos por linguagem da internet, ou *internetês*. Campo fecundo para as pesquisas no campo da linguagem, tendo em vista se tratar de uma transformação e popularização de uma variedade linguística própria da cultura digital.

Além de abreviações e *emoticons*, o *internetês* também deixa marcas em nosso cotidiano linguístico ao considerarmos os neologismos, como “postar”, “printar”, “deletar”, termos usados frequentemente no cotidiano, que já são naturalizados, porém não advieram de dicionários, e sim do uso rotineiro da tecnologia.

Tendo em vista as ideias de Shepherd e Saliés (2013), a linguística é pertinente para estudar e discutir as vozes presentes na internet e as identidades nela projetadas. As autoras propõem não uma Linguística atuando na internet, mas uma internet com uma Linguística própria, que dê conta da crescente produção discursiva digital em língua portuguesa. O que vem, então, a ser essa Linguística da Internet?

linguística de base empírica, de natureza aplicada, cujo ponto de partida é o uso da linguagem e não os linguistas. Apoia-se em todas as subáreas da própria Linguística, examinando o discurso, a sintaxe, a semântica, a sociolinguística, a pragmática e a psicolinguística da internet. Dessa forma, busca entender como, por que e através de quem e de que *output* dá-se a construção do sentido em ambientes digitais.” (SHEPHERD; SALIÉS, 2013, p. 08)

Assim, considerando que há novas formas de práticas linguísticas no ciberespaço, é preciso atentarmos às questões que vão além da linguagem isoladamente, pois fatores

sociais de cada sujeito acabam por influenciar os usos que fazem da linguagem. As transformações na língua não ocorrem de modo independente, elas fazem parte de um processo.

Shepherd e Saliés (2013) realizaram uma entrevista (inserida na mesma obra) com David Crystal, um dos primeiros a estudar a linguagem usada nos meios digitais, no início da década de 1990. O interesse do autor partiu de um projeto chamado *Global Data Model*, relacionado aos mecanismos de busca. O foco do projeto era a busca na rede, mas o que chamou atenção do pesquisador foram as questões de variação linguística, pois para uma busca eficiente era necessário atentar à pontuação, variações ortográficas entre inglês britânico e americano, considerar outros idiomas e outras observações a respeito da língua.

A necessidade de se desenvolver uma teoria linguística que abarque a linguagem, na internet, surge ao considerar que as teorias formais já não dão conta dos fenômenos contemporâneos de manifestação da língua, que ocorre de modo particular no ambiente digital. Outro fator diz respeito ao fato de que a língua na internet não se encaixa totalmente nem na modalidade escrita, nem na oral, graças ao seu caráter multimodal de manifestação de linguagem, sendo as teorias tradicionais insuficientes para dar conta dos fenômenos linguísticos dentro do universo digital na contemporaneidade.

O seguinte fragmento de fala, extraído de uma conferência de David Crystal em 2005 (presente na entrevista mencionada anteriormente), é destacado por Shepherd e Saliés (2013, p. 21):

Não é sempre que surge um novo ramo em uma área de conhecimento acadêmico, mas a chegada da internet exerceu tal impacto sobre a linguagem, que acredito ser esta a hora de reconhecer e explorar o escopo de uma área chamada Linguística da Internet. Eu a definiria como a análise sincrônica da linguagem em todas as áreas de atividade da internet [...]

Podemos entender, a partir da discussão apresentada até o momento, que a linguística da internet consiste em uma área de investigação que explora as produções de linguagem em ambiente virtual, com suas particularidades. O conhecido *internetês* é uma

forma linguística que interessa a essa área de investigação. Podemos afirmar também que se trata de uma variação linguística, tendo em vista que possui um ambiente e características específicas de funcionamento. Ou seja, na internet, em espaços informais como nas redes sociais, usamos as abreviações e os *emoticons*.

Em defesa dos estudos sobre os letramentos na atualidade, o entrevistado defende que os nativos digitais são pessoas de uma geração que nasceu e cresceu com as práticas tecnológicas. Os jovens têm que lidar com o uso frequente e cotidiano dos celulares em confronto com a proibição escolar do uso de aparelhos em sala de aula. Há a reclamação de que os jovens não leem, quando na realidade estão fazendo isso o tempo todo, principalmente nas redes sociais.

O desafio da escola passa a ser o de usar a tecnologia como ponto de encontro com a literatura tradicional, de forma a adaptar as práticas de leitura e escrita. O caminho é de respeito às transformações sociais, e não o de condenação das práticas comuns dos sujeitos da nova geração e seus modos de usar a linguagem.

Sobre essa questão, Rajagopalan (2013) assevera que o *internetês* é uma modalidade linguística, cada vez mais utilizada pelos jovens e resistida pelas gerações anteriores. Talvez seja por isso que desperta tanto interesse de estudos no campo linguístico e das tecnologias. O autor argumenta, ainda, que é sensato compreender o *internetês* como algo sintomático nos tempos atuais, marcado por características como facilidade, rapidez de comunicação, espontaneidade.

A tecnologia é vista ao mesmo tempo como fascinante e temerosa, tendo em vista as facilidades proporcionadas pela internet, e por outro lado há céticos que proclamam o desastre da língua que circula na rede, por exemplo (RAJAGOPAJAN, 2013). Nesse sentido, o autor mostra que não existem defesas sustentadas cientificamente para os contrários à ideia de transformações na língua que acompanhem o ritmo da contemporaneidade.

É compreensível a tensão que a linguagem da internet causa nos defensores da

gramática. Mas há também os que disfarçam o temor ao dizerem que se trata de uma variação linguística que afeta apenas a esfera de comunicação digital. O questionamento do autor não é se o *internetês* tem razão de ser ou deve ser reconhecido, mas sim se o surgimento dessa modalidade aponta para mudanças significativas naquilo que é conceituado como língua.

O objetivo das trocas interativas no espaço digital é o de adaptação à rapidez das plataformas, e não o de inventar um linguajar incompreensível. As abreviações são muito comuns, por exemplo, no *Twitter*, visto que o *site* possui uma limitação por postagem de 140 caracteres. O *internetês* é fruto de um trabalho coletivo, vindo de demandas comuns aos internautas no geral, não sendo algo criado por alguém em específico numa situação escolhida.

Assim como as línguas naturais, o *internetês* foi elaborado e aperfeiçoado pelos usuários ao longo do tempo, e por se tratar de algo muito recente, ainda não há um reconhecimento e aceitação para muitos (RAJAGOPALAN, 2013). O autor diz ainda que

da mesma forma que as necessidades comunicacionais afetam, moldam a forma linguística utilizada, podemos dizer com certeza que a funcionalidade é que determina a forma (e não o contrário). O que vale para a explicação oferecida para o pescoço demasiadamente prolongado da girafa também pode servir para a explicação das mudanças que a forma linguística vai sofrendo ao longo das gerações de uso. Da mesma forma que a escassez de folhagem decídua durante os períodos de seca é oferecida como plausível explicação para que a girafa viesse a ter pescoço comprido, não há nada estapafúrdio em acreditar que a língua também sofre mudanças para se adequar melhor às novas necessidades de comunicação (RAJAGOPALAN, 2013, p. 46).

O estudioso ressalta, ainda, que as novas formas de escrever não são uma generalização entre os usuários da rede, pois “nem sempre os participantes de uma rede compartilham as mesmas circunstâncias linguísticas, sociais e culturais. Ou seja, considerando que são as práticas sociais que modificam as formas de escrever, não podemos generalizar.

Por outro lado, é inegável que o *internetês* conquistou certo espaço nas práticas

virtuais de linguagem, tendo em vista as necessidades de adaptação na comunicação, pois nela é possível encontrar uma diversidade de recursos. Porém, “é preciso também rechaçar a alegação de que o *internetês* ameaça se tornar uma terra de ninguém, onde tudo vale” (RAJAGOPALAN, 2013, p. 51).

Como já diziam, também Volochinov/Bakhtin (2006[1929], p.79):

Se a língua, como conjunto de formas, é independente de todo impulso criador e de toda ação individual, segue-se ser ela o produto de uma criação coletiva, um fenômeno social e, portanto, como toda instituição social, normativa para cada indivíduo. Entretanto, o sistema linguístico, único e sincronicamente imutável, transforma-se, evolui no processo de evolução histórica de uma determinada comunidade linguística, posto que a identidade normativa do fonema, tal qual nós a estabelecemos, é diferente nas diferentes épocas da evolução de uma língua. Em poucas palavras, a língua tem sua história.

Estamos, ainda, num contexto global que resiste, de certa forma, às transformações da língua e à diversidade de uso proveniente da era digital. O conjunto de normas presente nas gramáticas é sim importante, não estamos propondo uma substituição, pois

[...] não está em questão, em nenhuma proposta de nenhum linguista, retirar a gramática da programação do ensino. Nada mais simplista e sem fundamento do que a ideia de que “já não é para ensinar gramática”. Impossível. Não existe língua sem gramática. O que está em questão, na proposta de um ensino mais relevante, é a perspectiva a partir da qual se veja o funcionamento interativo da língua, que na dimensão de seu vocabulário, quer na dimensão de sua gramática, quer, ainda, nas regularidades de construção e organização de seus diferentes tipos e gêneros de texto. (ANTUNES, 2009, p. 175).

Cabe às instituições de ensino considerar não apenas a estrutura gramatical da língua, mas, também, seus usos, suas diferentes variações, inclusive a existência da linguagem da internet. É importante mostrar ao aluno que existem diversos modos de funcionamento da língua, que não se pode estudar um fenômeno do ser humano sem abarcar os aspectos sociais, culturais, históricos e até individuais. O universo da linguagem é imensuravelmente maior do que os ensinamentos dos manuais gramaticais.

Buscamos, com essa discussão, entender que, para além da gramática, a língua

é complexa e está sempre sendo construída pelos seus falantes. Antunes (2009) traz uma comparação interessante, e podemos associá-la à nossa reflexão:

As palavras – com seus sentidos básicos – funcionam como as margens de um rio: se, por um lado, limitam o percurso das águas, por outro possibilitam seu curso. Sem margem, o rio perde a sua identidade (ANTUNES, 2009, p. 94).

Ou seja, a dimensão estrutural da língua é um importante parâmetro e seu ensino não deixa de ser essencial. Porém, o rio, que é a linguagem, é muito mais profundo que suas margens, e é indispensável conhecê-lo em suas variadas dimensões.

A dualidade ainda está presente nos discursos sobre essa questão, como veremos no capítulo de análise do *corpus*.

2.2 O ensino da escrita

Com esse momento de discussão, articulamos concepções de escrita, marcas do ensino no discurso dos sujeitos e implicações para o ensino da linguagem na contemporaneidade.

Tradicionalmente, em nosso país, a língua carregou um ideal normativo, o que está associado à concepção estruturalista do ensino da escrita. Marcuschi (2010, p. 66) aponta que “os textos eram vistos como um agrupamento de palavras e frases, e, neste sentido, para se chegar à elaboração textual, bastava que os alunos aprendessem a escrever e a juntar frases gramaticalmente corretas”.

Segundo Geraldi (2011), a concepção tradicional concebe a linguagem como expressão de pensamento, pressupondo que quem não consegue se expressar é porque não pensa. Já para Volochinov e Bakhtin (2006[1929], p. 91), na visão tradicional da língua – chamada por ele de objetivismo abstrato, o sistema linguístico vai além da pura relação cognitiva e individual entre pensamento e expressão:

os representantes dessa orientação acentuam constantemente que o sistema linguístico constitui um fato objetivo externo à consciência individual e independente desta – e isto representa uma de suas posições fundamentais. E, no entanto, é só para a consciência individual, e do ponto de vista dela, que a língua se apresenta como sistema de normas rígidas e imutáveis.

Desse modo, os autores afirmam que o sistema linguístico ultrapassa a consciência individual. Complementando essa linha de pensamento a respeito da corrente tradicional, Marcuschi (2010) nos esclarece que “o aluno era convidado a escrever um texto que atendesse às regularidades gramaticais, a “usar a imaginação” e a desenvolver seu texto de “modo original”, sem que professor e aluno soubessem exatamente o que isso significava” (MARCUSCHI, 2010, p. 68), seguindo, assim, um mecanismo objetivo de expressão individual por meio da linguagem, esquecendo-se do campo contextual.

Assim, a língua, por muitos anos, foi ensinada com bases objetivas, com a transmissão de códigos e regras, sem aplicação prática e reflexão contextual, bem como “a filosofia da linguagem e a linguística conhecem apenas a compreensão passiva do discurso, sobretudo no plano da língua real, isto é, a compreensão do significado neutro da enunciação, e não do seu sentido atual” (BAKHTIN, 1993, p. 89). Vimos também que a escrita/discurso/linguagem abrange muito mais que um conjunto objetivo de estruturas gramaticais. O discurso, nessa perspectiva, é mais que formulação de frases, mais que mera opinião, pois carrega uma riqueza de significados enraizados desde o individual ao macrossocial.

Outra corrente de ensino da escrita defende a perspectiva da linguagem como instrumento de comunicação, que consiste em conceber a língua como código, capaz de transmitir mensagens, através de um conjunto de signos e regras combinados (GERALDI, 2011).

A respeito dessa “evolução” no pensamento sobre a língua, considerando a popularização do acesso à escola pelas camadas menos favorecidas social e economicamente, Marcuschi (2010, p. 71) afirma que

Diante do contexto político então vigente, da explosão da comunicação de massa, do deslumbramento tecnológico e da promessa de um espetacular desenvolvimento industrial e econômico do País, a sociedade passou a valorizar menos o conhecimento propedêutico e mais a capacidade do indivíduo de se comunicar de modo claro, lógico e fluente nas ações cotidianas, no trabalho e nas demais esferas sociais, ainda que essa comunicação devesse ficar restrita ao ideologicamente permitido. Com isso, no que tange ao ensino da escrita, a escola vivenciava um conflito. Ao mesmo tempo em que era chamada a estimular o aluno a expressar suas ideias de modo criativo, em atividades denominadas “redação”, “redação livre” e “redação criativa”, era pressionada a cercear a liberdade do aprendiz na emissão de posições sobre o *status quo*.

Assim, com as novas demandas no ensino, essa visão tradicional de transmissão dos conteúdos de língua portuguesa já não supria efetivamente as mudanças do novo contexto social.

A terceira corrente de pensamento concebe a língua/linguagem como produto da interação entre interlocutores, na qual existe uma relação mútua de trocas e uma dinâmica onde o sujeito é afetado pelo meio externo e vice-versa (GERALDI, 2011). O autor afirma que as regras devem partir do jogo de interações, e a interação pela linguagem é mais importante que a pura classificação e denominação de sentenças.

Complementando a ideia de língua como interação com o contexto, Volochinov e Bakhtin (2006[1929], p. 93) afirmam que

A consciência subjetiva do locutor não se utiliza da língua como um sistema de formas normativas. Tal sistema, uma mera abstração, produzida com dificuldade por procedimentos cognitivos bem determinados. O sistema linguístico é o produto de uma reflexão sobre a língua, reflexão que não procede da consciência do locutor nativo e que não serve aos propósitos imediatos da comunicação.

A concepção interacional, desse modo, considera a linguagem como produto social, contextual. Desse modo, a língua é construída e circula, por meio da interação entre sujeitos, em diversos contextos, sob diferentes veículos de circulação, na correlação entre atores também diversos. Tanta heterogeneidade acaba por afetar a língua, que só existe porque existem os falantes, e não poderia ser sustentável um modelo de gramática objetivo e imutável. A língua é defendida como realidade mutável, que vai além das normas

impostas no ensino do português:

nenhuma língua é uma realidade unitária e homogênea. Só o é, de fato, nas representações imaginárias de uma cultura e nas concepções políticas de uma sociedade. [...] não existe língua para além ou acima do conjunto das suas variedades constitutivas, nem existe a língua de um lado e as variedades de outro, como muitas vezes se acredita no senso comum: empiricamente a língua é o próprio conjunto das variedades. Trata-se, portanto, de uma realidade intrinsecamente heterogênea. (FARACO, 2008, p. 33)

O autor chama atenção de que, nos livros didáticos, os fenômenos da variação linguística ainda estão à margem, sendo abordados como cultura do erro. Quando o assunto é tratado nos manuais de ensino, geralmente vem abordando a existência de variações regionais e geográficas (linguagem “caipira”, por exemplo), por envolver menos preconceito do que as variações sociais, sendo tratadas anedoticamente e não pelas suas questões linguísticas.

O ensino da língua(gem), no Brasil, ainda não dá conta, efetivamente, das transformações sociais, principalmente em relação à linguagem da internet, que os jovens tanto usam em seu cotidiano. Segundo o mesmo autor,

não foi possível superar criticamente, nestas quase quatro décadas, o falso dilema pedagógico trazido pelos anos 1970, ou seja, ainda nos engalfinhamos a propósito de ensinar ou não ensinar gramática. Sempre posta nestes termos dicotômicos, a discussão não tem sido mais do que um embate estéril já que desligada de uma visão de conjunto do ensino da língua materna. Por isso, nem tem servido para esclarecer a questão, nem tem provocado mudança efetiva das práticas escolares. (FARACO, 2008, p. 188)

O estudioso diz também que ainda não conseguimos firmar uma pedagogia que oriente os jovens criticamente a conhecerem e debaterem sobre as variações linguísticas em sala de aula, com reflexão crítica a respeito do funcionamento da língua, uma pedagogia que se desprenda do aprendizado apenas da língua escrita.

Portanto, há uma dualidade entre norma padrão e novos modos de produzir linguagem (no caso estudado, da escrita na internet, especificamente). Existe ainda a cultura do erro, da estigmatização entre diferentes posicionamentos, sendo muito comuns,

ainda, os discursos baseados em raízes dos pensamentos tradicionais de concepções de ensino.

Tudo isso ressalta o desafio das instituições educacionais, que precisam aderir à compreensão de que a linguagem não é um objeto concreto, estável e imutável, transmitindo ao aluno uma visão contextualizada a respeito da temática. É importante que se revele aos estudantes, nativos da era digital, que existem diversos meios de circulação, estilos e ferramentas de produção de linguagem que vão além do uso descontextualizado de palavras, sendo possível usar abreviações, linguagem multimodal, e não apenas frases formadas sob orientações de manuais gramaticais.

Tomando como base as considerações de Rojo (2010), é necessária a adesão das escolas à perspectiva do alfabetizar letrando, ou letrar alfabetizando, pois há ainda uma insuficiência, por parte das escolas, a respeito da inserção dos alunos em práticas letradas, que correspondem às necessidades contemporâneas de comunicação. Entendamos, na perspectiva da mesma autora, o que seguinte conceito:

O termo “letramento” busca recobrir os usos e práticas sociais de linguagem que envolvem a escrita de uma ou de outra maneira, sejam eles valorizados ou não valorizados socialmente, locais (próprios de uma comunidade específica), ou globais, recobrando contextos sociais diversos (família, igreja, trabalho, mídias, escola etc.) em grupos sociais e comunidades diversificadas culturalmente (ROJO, 2010, p. 26).

Além desse conceito, a autora traz também os “eventos de letramento”, que são situações isoladas e específicas com relação ao uso da escrita e suas características contextuais. Em nossa sociedade atual, praticamente tudo o que fazemos envolve, em maior ou menor grau, práticas de escrita. Desse modo, o conceito de letramento é defendido no sentido de ser uma metodologia de ensino da língua que considera a diversidade social e as variadas formas de escrever, nas diferentes situações nas quais se manifesta. Práticas letradas se referem aos usos da escrita presentes no cotidiano das pessoas, sendo a linguagem formal (tradicionalmente privilegiada nas instituições

educacionais) apenas umas das possibilidades, dentre muitas outras formas de escrever. Tendo em vista que a cultura letrada – que tem acesso a níveis avançados de alfabetismo – é restrita a determinadas camadas mais favorecidas da sociedade, a escola tem o papel de ser uma instituição democrática quanto ao letramento, promovendo o conhecimento sem segregações e considerando a equidade. Ou seja, não basta apenas alfabetizar (Rojo, 2010).

Em nosso atual contexto tecnológico, o advento das práticas digitais de linguagem transformou os modos convencionais de escrita. Utilizamos equipamentos e internet para maior parte das produções, no contexto do trabalho, estudos, comunicação e entretenimento. Desse modo, a tecnologização não poderia deixar de ser considerada na nova visão de multiletramento. Assim,

Para selecionar práticas e compor currículos para a pedagogia dos multiletramentos é preciso *organizadores* dessa variedade e multiplicidade. Tenho sustentado, nos últimos anos, que dois organizadores muito úteis para seleção de objetos de ensino dentre essas múltiplas práticas e, logo, para a construção do currículo, são os conceitos de “esfera de comunicação ou atividade humana” e de “gênero de discurso” (ROJO, 2010, p. 30).

Com essa compreensão, é pertinente que o ensino, na contemporaneidade, considere o universo digital como uma importante esfera de circulação de linguagem, e que, assim, é necessária sua inclusão na educação linguística. A partir das teorias bakhtinianas de gêneros do discurso e esferas de comunicação, a escola pode selecionar textos de diferentes características, a fim de apresentar aos alunos as diversas formas de escrita presentes no cotidiano. O tradicional “beabá” focado em unidades gramaticais da língua já não suprem efetivamente as práticas e necessidades a respeito da escrita na atualidade.

Como bem lembra Bagno (2007) – algo dito há dez anos, e que atualmente é ainda mais presente – os alunos das novas escolas utilizam variedades linguísticas muito diferentes. São eles os nativos digitais, que desenvolvem suas habilidades de escrita num

mundo que está cada vez mais virtual. Desse modo, como não abordar a linguagem da internet na sala de aula? O mesmo autor, em 2009, afirma que

A prioridade absoluta, no ensino de língua, deve ser dada às práticas de *letramento*, isto é, às práticas que possibilitem ao aprendiz uma plena inserção na *cultura letrada*, de modo que ele seja capaz de *ler* e de *escrever* textos dos mais diferentes gêneros que circulam na sociedade. Para ler e escrever, por mais óbvio que pareça, é preciso *ler e escrever*, e não, como sempre se acreditou, decorar toda uma nomenclatura gramatical numerosa, confusa e frequentemente contraditória, nem fazer análise sintática e morfológica de frases soltas, artificiais, irrelevantes, muitas vezes ridículas, práticas que não contribuem em nada com a verdadeira *educação linguística* dos cidadãos – com isso, o ensino explícito da gramática, como objeto de reflexão e teorização, deve ser abandonado nas primeiras etapas da escolarização em favor de uma real inserção dos aprendizes na cultura letrada em que vivem (BAGNO, 2009, p.38).

O ensino que se baseia em formar frases, copiar palavras, separar sílabas, etc., não permite ao aprendiz perceber a língua em seus usos, perceber as variações, identificar as características de gênero, analisar as diferentes possibilidades. Com isso, o enfoque gramatical assume uma posição de privilégio, que acaba por se fixar no ideário dos alunos, dando consequência ao preconceito diante de quem escreve na internet usando artifícios não trabalhados no ambiente escolar. Como afirma Antunes (2009), é importante que o ensino da escrita se dê de modo simultâneo com a inserção nos contextos de atuação social, para que nesse contexto sejam pontuadas situações particulares de interação. O autor complementa, ainda, que, “além das determinações do sistema linguístico, a interação verbal por meio da escrita está sujeita também às determinações dos contextos socioculturais em que essa atividade acontece” (ANTUNES, 2009, p. 209).

Com o trabalho da escrita, em sala de aula, abrangendo a diversidade de gênero e a linguagem em seus contextos, o aluno torna-se apto a desenvolver competências para produção de textos cotidianos, de modo a corresponder às necessidades específicas de cada situação de uso. Para além do conhecimento holístico diante das questões linguísticas, a visão de ensino que defendemos interfere também no desenvolvimento dos alunos no âmbito social, ou seja, poderiam diminuir as polaridades de discursos diante da escrita na internet, bem como o preconceito enraizado na defesa de ideais tradicionais.

Para finalizar, defendemos que, à luz de Antunes (2009, p. 214) “as motivações para escrever na escola deveriam inspirar-se nas motivações que temos para escrever fora dela”. A escrita deve ser construída socialmente e não como um instrumento excludente. A escola tem papel primordial nesse processo de desenvolvimento de uma das nossas maiores ferramentas de comunicação.

CAPÍTULO 3

DELINEANDO UM PERCURSO METODOLÓGICO

No presente capítulo, objetivamos esclarecer o percurso que guiou a pesquisa e situar o leitor quanto aos aspectos metodológicos que fundamentaram a nossa investigação. Iniciaremos apresentando uma reflexão a respeito dos paradigmas da ciência, argumentando a concepção de pesquisa adequada à investigação dos discursos que os atores-rede registraram na rede social *Twitter*. Apresentamos, ainda, a contextualização da tipologia de pesquisa, justificando o porquê de se tratar de uma investigação de natureza descritiva, documental e discursiva. Em seguida, caracterizamos o contexto de coleta dos dados, discorrendo sobre os aspectos gerais do *Twitter* e enfocando o que o *site* traz de relevante para articularmos com o objeto investigado. No último momento, discutimos sobre os instrumentos e os passos da coleta e de análise do *corpus*, das categorias a serem analisadas, justificando também os pressupostos teóricos utilizados para o tratamento dessas categorias, também apresentadas na sessão final do capítulo.

3.1 Situando a pesquisa

Por muito tempo, a ciência foi alicerçada na corrente de pensamento positivista, fixada num paradigma tradicional, segundo Vasconcellos (2008). Ocorreram mudanças, porém a visão tradicional não foi extinta e ainda está presente hoje no meio científico. Tal paradigma tradicional, que cerceia um modo de se fazer pesquisa, para esse autor, pode ser resumido em três dimensões: a) Simplicidade (relações causais lineares), que está relacionado à ideia de separação de um todo complexo em partes simples; b) Estabilidade (previsibilidade, controlabilidade), crença de que “o mundo já é” e que é possível ter domínio sobre ele; e c) Objetividade (subjetividade entre parênteses, uni-verso), entendido

como a ideia de que é possível conhecer o mundo tal qual como ele é na realidade, tendo a objetividade como critério de cientificidade, bem como a não consideração da subjetividade do pesquisador.

A partir do século XX, emerge um novo paradigma para se pensar a ciência. De acordo com Vasconcellos (2008), há três grandes avanços do paradigma tradicional para o emergente, o paradigma da complexidade:

- Do pressuposto de simplicidade para o da complexidade: “o reconhecimento de que a simplificação obscurece as inter-relações de fato existentes entre todos os fenômenos do universo” (VASCONCELLOS, 2008, p. 101) e que é importante ter uma atitude de contextualização dos fenômenos;
- Do pressuposto de estabilidade para o de instabilidade: o mundo é imprevisível, instável, não há como obter controle total sobre os acontecimentos;
- Do pressuposto de objetividade para o de intersubjetividade: ideia de que não existe uma realidade que seja totalmente independente de um observador.

Como se percebe, houve avanços importantes para que as ciências humanas pudessem investigar os fenômenos subjetivos, e, de modo menos reducionista possível, assumir o paradigma da complexidade.

Analisando o paradigma tradicional e positivista de ciência em contraponto ao paradigma emergente da complexidade, e pensando, ao mesmo tempo, o objeto e fenômeno que nos interessam à investigação (os discursos sobre a escrita na internet que circulam no *Twitter*), concluímos que não há como partir de uma visão objetiva, estável e simplista diante de fenômenos variáveis.

Precisamos tratar nosso foco de investigação considerando sua complexidade intrínseca, seu contexto, seus sujeitos, momento na história etc. Além disso, estamos no campo das ciências humanas, lidando com um objeto irreduzível e complexo: o fenômeno

da linguagem.

Nessa direção, nosso estudo se insere no campo de estudos da LA, campo de estudos relativamente novo, e como aponta Moita Lopes (2009), “a Linguística Aplicada é um campo de estudo cujo objeto central é a linguagem em uso” (MOITA LOPES, 2011, p. 11), e, assim, demanda de uma compreensão inter e transdisciplinar, segundo Buzato (2016).

Consideramos pertinente trabalharmos com os discursos dos sujeitos, pois “[...] o modelo que deve interessar ao linguista aplicado é aquele que capta a perspectiva do usuário” (MOITA LOPES, 2009, p. 16). Ainda segundo o mesmo autor, ideias “do senso comum sobre a linguagem podem ser muito mais úteis para o ensino de línguas, uma vez que o aprendiz e o analista operam sob condições de relevância diferentes” (MOITA LOPES, 2009, p. 15), sendo esse campo de saber (LA) preocupado não apenas com a teorização, mas com a realidade prática dos fenômenos e seus desdobramentos.

Ao adentrarmos nos contextos de produção de discursos na rede e analisarmos o que esses escritores virtuais dizem sobre o tema da escrita na internet, fazemos uso da visão de LA, que considera a perspectiva do sujeito antes de aplicar teorias pré-estabelecidas. Conhecer o campo e os sujeitos que o constituem é também fazer LA.

Tendo em vista que a linguística está situada no campo das Ciências Humanas, postulamos, então, que estamos tratando de objetos relacionados à complexidade das relações sociais. Sendo assim, nossa abordagem metodológica, além de aspectos quantitativos complementares (número de postagens e usuários, por exemplo), é de natureza qualitativa, por estarmos tratando de contextos e objetos subjetivos, não quantificáveis, não repetíveis, instáveis e heterogêneos. Segundo Prodanov e Freitas (2013, p. 70), a pesquisa qualitativa

considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números. A interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são básicas no processo de pesquisa qualitativa. Esta

não requer o uso de métodos e técnicas estatísticas. O ambiente natural é a fonte direta para coleta de dados e o pesquisador é o instrumento-chave. Tal pesquisa é descritiva. Os pesquisadores tendem a analisar seus dados indutivamente. O processo e seu significado são os focos principais de abordagem.

A partir da ideia de Gomes (2009), a pesquisa qualitativa tem como foco “a exploração do conjunto de opiniões e representações sociais sobre o tema que pretende investigar. Esse estudo do material não precisa abranger a totalidade das falas” (GOMES, 2009, p. 79), e, por isso, justificamos a escolha de analisarmos um conjunto específico de postagens, tendo em vista que nossa pretensão não é de quantificar posicionamentos, e sim analisar seus sentidos.

Podemos classificar a pesquisa como descritiva, “*status* que é amplamente usado na educação e nas ciências comportamentais” (CALEFFE; MOREIRA, 2006), tendo como principais objetivos a descrição das características de determinada população ou fenômeno, bem como o estabelecimento de relações entre as variáveis que, no nosso caso de pesquisa, trata-se do fenômeno da manifestação de discursos no *Twitter*, sobre a escrita na internet, além de adentrarmos no campo para extrair informações sobre nosso objeto de estudo. Segundo Prodanov e Freitas (2013, p. 52), a pesquisa é descritiva

quando o pesquisador apenas registra e descreve os fatos observados sem interferir neles. Visa a descrever as características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis. Envolve o uso de técnicas padronizadas de coleta de dados: questionário e observação sistemática. Assume, em geral, a forma de levantamento.

Sendo assim, descrevemos os posicionamentos e seus aspectos encontrados na rede sobre a temática enfocada nesta pesquisa: a escrita na internet no espaço do *Twitter*. Com essa descrição do fenômeno estudado, esperamos fornecer informações importantes em relação à realidade dos discursos que circulam na rede sobre a escrita na internet, oferecendo possibilidades de ampliação dos estudos na área. Além disso, a descrição dos discursos nos possibilitou refletir acerca de outro importante fenômeno: o ensino da língua. Prodanov e Freitas (2013) dizem ainda que “nas pesquisas descritivas, os fatos são

observados, registrados, analisados, classificados e interpretados, sem que o pesquisador interfira sobre eles” (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 52).

No que concerne aos procedimentos técnicos, podemos classificar nossa pesquisa do tipo documental. A pesquisa documental é baseada em materiais que não receberam ainda um tratamento analítico ou que podem ser reelaborados de acordo com os objetivos do pesquisador. Sobre isso, os mesmos autores afirmam:

entendemos por documento qualquer registro que possa ser usado como fonte de informação, por meio de investigação, que engloba: observação (crítica dos dados na obra); leitura (crítica da garantia, da interpretação e do valor interno da obra); reflexão (crítica do processo e do conteúdo da obra); crítica (juízo fundamentado sobre o valor do material utilizável para o trabalho científico). Todo documento deve passar por uma avaliação crítica por parte do pesquisador, que levará em consideração seus aspectos internos e externos. No caso da crítica externa, serão avaliadas suas garantias e o valor de seu conteúdo. (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 55).

Em nosso caso, trabalhamos com documento digital, disponível em domínio público na internet. Buscamos no histórico do *Twitter*, levando em conta filtros e critérios específicos que detalharemos no próximo tópico. Desse modo, o *corpus* coletado nos auxiliou a instaurar uma reflexão sobre os conteúdos que estão implicados em questões mais abrangentes, a exemplo do ensino de língua portuguesa.

No que diz respeito ao processo analítico dos dados coletados, a pesquisa está inserida no campo discursivo, tendo em vista que analisamos o posicionamento de sujeitos da rede diante de uma temática em específico, a escrita na internet. Ao mesmo tempo em que interpretamos os dados, articulamos com a teoria da Análise do Discurso, com base nas contribuições teóricas bakhtinianas.

Assumimos a perspectiva da teoria elencada, para análise dos dados, considerando que nosso objeto de investigação não é a gramática em si. Não iremos avaliar aspectos estruturais, e sim o discurso dos sujeitos, seus posicionamentos diante da questão da escrita na internet. É por essa via, então, que nossa pesquisa se insere no campo dos estudos discursivos, considerando aspectos além dos linguísticos, como os

sociais, históricos, contextuais e individuais.

3.2 De onde vem o *corpus*?

Nosso contexto de trabalho é a internet, mais especificamente a rede social *Twitter*. Nesse espaço, os usuários têm a opção de apresentar opiniões/pontos de vista sobre uma diversidade incontável de temas, e, por isso, escolhemos essa rede para analisarmos o discurso dos atores-rede. Apesar dos *posts* serem limitados a 140 caracteres, no *Twitter* a centralidade da linguagem ainda é em torno da escrita – aspecto em foco de nossa pesquisa.

A metodologia desenvolvida nos possibilitou analisar o processo de produção das subjetividades na contemporaneidade por meio da linguagem que se usa na rede, considerando também que “a cibercultura produzida no ciberespaço exerce papel importante na constituição de modos de existência juvenis” (SALES, 2012, p.111). E, com essa investigação, foi possível uma reflexão teórica sobre o trabalho pedagógico que com a língua/linguagem pode ser feito na era em que vivemos.

Bakhtin (2003[1979], p. 346-347) afirma que “a relação dialógica é uma relação (de sentido) que se estabelece entre enunciados na comunicação verbal. Dois enunciados quaisquer, se justapostos no plano do sentido (não como objeto ou exemplo linguístico), entabularão uma relação dialógica; ou seja, enxergamos o *Twitter* como um contexto de investigação pertinente para estudos em Análise do Discurso, considerando a dialogicidade presente nessa rede, em que os atores-rede estão em constante interação e produzindo discursos de *post* em *post*.”

Além disso, segundo Recuero (2012, p. 18), “compreender essas práticas, assim, é chave para que possamos também compreender de modo mais aprofundado essas redes e seu impacto no mundo contemporâneo”, pois o computador, mais que um instrumento de pesquisa, é também, uma ferramenta social, que pode e deve ser explorada,

principalmente para produções discursivas mais participativas e colaborativas

Desse modo, o *Twitter* se mostrou como um rico espaço para encontrarmos e analisarmos os discursos. Nele, fizemos o tratamento dos dados para responder às nossas questões de pesquisa.

3.3 Procedimentos de coleta e análise

Demos início à coleta de dados no mês de julho de 2016. Delimitamos o período de janeiro de 2016 a julho de 2016, que diz respeito às datas das postagens, a fim de obtermos dados atuais e um *corpus* pouco extenso, considerando o foco qualitativo da pesquisa. Para tanto, realizamos uma busca na caixa de pesquisa do próprio *Twitter*, selecionando o filtro “postagens”. Assim, por meio da expressão “escrever na internet”, conseguimos dispor de vários *posts*, tendo em vista que a pesquisa busca analisar os discursos dos internautas sobre a escrita na internet. O verbo no infinitivo foi relevante para a escolha da expressão de busca, pois traz a ideia de ação, proporcionando mais sentido em nossa busca. Após a coleta, o *site* mostrou o histórico de *tweets*. Dessa procura, coletamos 82 postagens, e entre elas, excluímos os *posts* que apresentavam conteúdos dispensáveis, que foram organizados em dois grupos: 1) sem relação com o objeto; e 2) repetições. Postagens que não faziam referência ao objeto desta investigação, apontando para outros contextos. Como exemplo, temos o seguinte enunciado transcrito: “Que cultura é essa que quando dá um sentimento forte, a primeira coisa que vem na cabeça é ligar o computador e escrever na internet”. Como se vê, nessa postagem, o ator-rede se refere ao ato de escrever na internet como uma prática comum em nossa cultura, apontando para um espaço de escrita que pode ser comparado a um diário pessoal. Descartamos, também, postagens repetidas, nas quais mais de um usuário escreviam exatamente o mesmo enunciado. Uma das repetições revela posicionamentos como “eu não sei escrever na internet”, que foram escritos pelos atores-rede de modo exatamente igual.

Na tabela, a seguir, demonstramos a quantidade de dados dispensáveis e repetidos, que não caberão à análise:

Tabela 4: Postagens de conteúdos dispensados

Conteúdos dispensados	Número de postagens
Sem relação de sentido com o objeto	8 postagens
Repetições	12 postagens
Total:	20 postagens

Tabela elaborada pela pesquisadora.

Desse modo, do total de 82 capturas de tela, foram descartadas 20 postagens. A coleta ocorreu a partir da ferramenta de captura de tela, a fim de apresentarmos os dados exatamente como se encontram na rede. Para facilitar o trabalho, utilizamos o aplicativo *Lightshot*⁶, que automatiza o processo de seleção do recorte em tela e armazenamento no computador, facilitando a construção e recorte dos dados para análise posterior.

Para o primeiro momento de análise, a fim de atingir nosso primeiro objetivo específico (identificar e descrever os aspectos que constituem esses discursos no *Twitter*) organizamos o *corpus* em três grandes grupos, levando em conta as categorias analíticas:

Tabela 5: Classificação do *corpus*

Grupos/categorias	Quantidade de postagens
Discursos de:	
Resistência	29 postagens
Entre resistir e aderir	12 postagens
Aderência	21 postagens

⁶ Disponível para download em <https://chrome.google.com/webstore/detail/lightshot-screenshot-tool/mbniclmhobmnbdlbpiphghaielnnpdp?hl=pt-BR>

Total	62 postagens
--------------	--------------

Tabela elaborada pela pesquisadora.

Analizamos, então, um total de 62 postagens, divididas entre as categorias apresentadas acima. As mesmas nos fornecem caminhos para respondermos à nossa questão de pesquisa.

Para o momento seguinte, em busca de nosso segundo objetivo específico (analisar e refletir sobre o lugar do ensino da escrita, a partir dos discursos que circulam no *Twitter*, sobre a escrita na internet) fizemos a análise a partir do agrupamento apresentado anteriormente, focando a reflexão nos aspectos implicados nas concepções de ensino da escrita. Com isso, buscamos responder sobre o ensino da escrita e suas implicações a partir da discussão dos dados.

Com os mesmos dados caracterizados e agrupados, analisamos as concepções de ensino implícitas nos discursos dos atores-rede, a fim de refletirmos sobre o cenário do ensino na cultura digital.

Após a captura dos *prints*, que registravam os *tweets* (que são as unidades de postagem) dos atores-rede no *Twitter*, iniciamos a organização, considerando o recorte necessário e tendo em foco nosso objeto de estudo: o discurso sobre a escrita na internet.

Assim, para atender aos nossos objetivos, subdividimos a análise em três grupos de categorias: Movimento Discursivo de Resistência (Subdividido em Negação e Adaptação), Movimento Discursivo entre Resistir e Aderir, e Movimento Discursivo de Aderência. Articulamos com as teorias e estudos que embasam a pesquisa. A categoria de resistência foi dividida em duas subcategorias, tendo em vista que observamos dois movimentos: um de negação, e outro de adaptação, detalhados mais adiante durante a análise.

Desse modo, temos a categoria MDR (Negação e Adaptação), com os *posts* que revelam discursos resistentes pela negação à escrita na internet e resistentes também pela

via adaptativa, relacionada ao processo de apropriação desse modo de produzir linguagem. Com a segunda categoria, MDRA, temos os discursos entre resistir e aderir, no qual compreendemos que os atores-rede se encontram em fase adaptativa, não defendem claramente/explicitamente se são resistentes ou aderentes à escrita da internet. Com a última categoria, MDA, discutimos os dados que mostram adesão dos sujeitos ao uso da linguagem escrita e suas especificidades em contexto virtual.

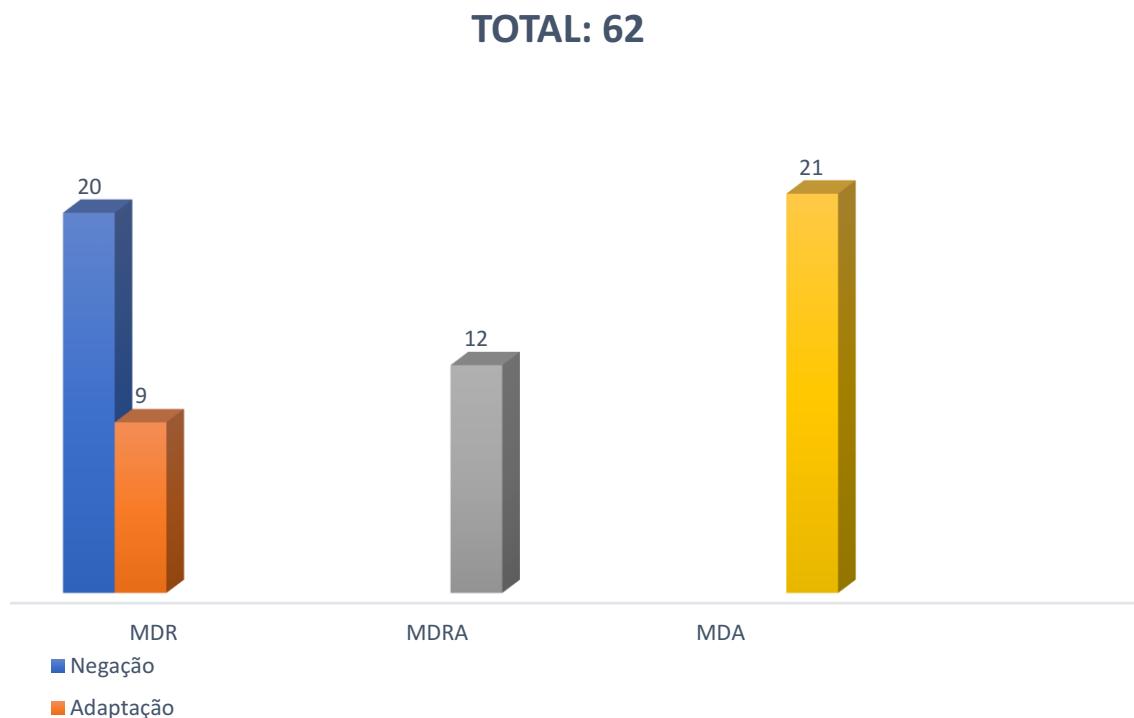
CAPÍTULO 4

OS DISCURSOS DE *POST EM POST*: A ESCRITA NA INTERNET

No presente capítulo, apresentamos ao leitor a análise do *corpus* da pesquisa. Para isso, discutiremos os posicionamentos encontrados, mostrando os *posts* correspondentes. A organização se dá em três categorias de análise. Na primeira, temos o MDR, com a Negação e Adaptação, refletindo acerca da resistência identificada nos discursos dos atores-rede. Na segunda categoria, discutimos o MDRA, no qual os sujeitos oscilam entre resistir e aderir. Por fim, trabalhamos o MDA, refletindo sobre as postagens que expressam aderência com relação à escrita na internet. Ao longo da análise, articulamos reflexões sobre o ensino da escrita.

Trazemos os *posts*, discutindo em articulação com os conceitos, buscando atender ao nosso objetivo geral, que consiste em investigar o funcionamento discursivo dos atores-rede sobre a escrita na internet, que circulam no *Twitter*, de modo que revelam o posicionamento dos sujeitos em relação à escrita na internet. Nesta seção, objetivamos, também, identificar e descrever os aspectos que constituem esses discursos.

Antes de iniciarmos a análise, apresentamos um gráfico com a visibilidade geral dos dados, informando números e representatividade de cada categoria, comparando com o *corpus* total, para compreendermos como o funcionamento discursivo está organizado.

Gráfico 1: Visão geral do *corpus*

A partir da observação do gráfico, percebemos que, quantitativamente, somando os números de adaptação e negação (constituintes da categoria MDR), há mais posicionamentos resistentes do que aderentes. Notamos também uma polarização entre o funcionamento discursivo resistente de negação e o de aderência. A categoria MDRA pode ser comparada ao grupo dos que resistem em processo de adaptação, que posteriormente poderiam se tornar potenciais sujeitos entre o resistir e aderir, alcançando enfim o grupo MDA.

O gráfico não aponta para diferenças com relação ao uso da língua, no tocante aos níveis de alfabetização ou capacidades na utilização de uma ou outra modalidade de escrita. O que buscamos avaliar é, para além do texto das postagens, o discurso que rege tais posicionamentos apresentados. Tomamos o *corpus* como unidades de análise do discurso pois

O que faz que uma frase/texto seja tomada como enunciado é portanto algo que

vai além da frase e do texto: a ação concreta do autor de conceber (intencionalidade) e executar (enunciação) um dado projeto enunciativo numa dada situação de enunciação, algo que não anula as formas da língua, mas vai necessariamente além delas. (SOBRAL, 2009, p. 92).

Assim, o enunciado abrange aquilo que é dito e aquilo que é presumido, sendo o texto a unidade visível em primeira análise. Aspectos implícitos vêm à tona a partir do olhar analítico diante das marcas discursivas. O autor diz ainda que todo sujeito tem um dado projeto enunciativo e um dado ponto de vista avaliativo, correspondentes a uma resposta ativa do outro, que pode alterar a própria maneira de realizar esse projeto. O enunciado tem valor avaliativo por fazer parte de um conjunto maior (macro enunciado), que é o discurso.

O gráfico apresenta, desse modo, a representatividade da polarização de posicionamentos presente nos dados, ou seja, agrupamos os *posts* em discursos da dimensão macro, formados pelos enunciados de cada ator-rede. Além de analisarmos aspectos estruturais nas postagens (com o olhar discursivo, e não de correção linguística), focamos na dimensão do discurso, considerando questões individuais, sociais, históricas. Vejamos, em seguida, a análise dos *posts*, divididos nas respectivas categorias já mencionadas.

4.1 MDR

Temos, nessa seção, a categoria de análise referente aos discursos que apresentam movimentos de resistência dos atores-rede a respeito da escrita na internet. Consideramos resistência como um movimento no qual os atores-rede não reconhecem os modos de escrever típicos da internet, em defesa do uso da língua em suas concepções gramaticistas. Desse modo, caracterizamos os discursos dessa categoria como resistentes.

Na análise do *corpus*, identificamos que há esse aspecto em comum em alguns discursos, nos quais os atores resistem à escrita da internet, desconsiderando a

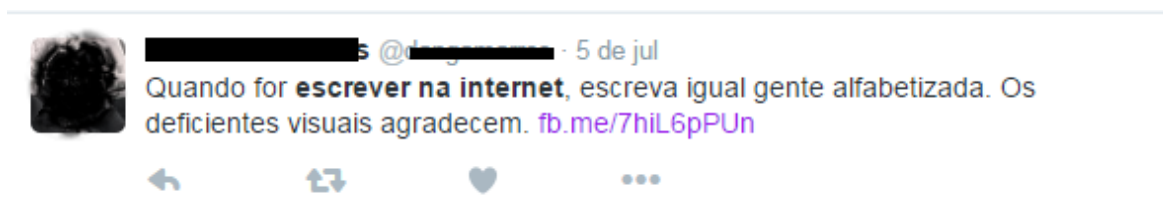
língua/linguagem como um fenômeno social e heterogêneo, focando exclusivamente na dimensão estrutural da escrita.

Assim, avaliamos, dentro do tópico sobre resistência, os discursos de Negação e de Adaptação. Entendemos o movimento de resistência como contrário, e identificamos esse aspecto nos discursos em que os atores-rede não usam a escrita informal da internet, demonstrando, também, sentidos de repulsa a essa escrita, pouco conhecimento e preservação de aspectos gramaticais. Definimos a subcategoria de Negação como a resistência no sentido de rejeição, tendo em vista que os sujeitos defendem exclusivamente a escrita formal. Já o movimento de Adaptação revela a resistência, porém de modo que os atores-rede demonstram certas marcas de transição entre o uso de uma linguagem formal para o *internetês*, porém ainda de modo resistente, devido à pouca familiaridade com a tecnologia e suas transformações na língua.

4.1.1 Negação

O presente subgrupo diz respeito àqueles discursos que carregam características de negação diante da escrita na internet, de modo deliberado. Temos, nessa subcategoria, algumas das postagens mais emblemáticas que revelam posicionamentos de resistência, nas quais os atores negam a escrita característica da internet, em defesa do modo formal de escrever. Temos, adiante, os *posts* que caracterizam os discursos de negação. É importante esclarecer, primeiramente, que em todas as postagens a expressão “escrever na internet” está em negrito, devido ao fato de que, ao pesquisar por qualquer termo no *Twitter*, o site mostra as palavras chaves em destaque em todos os resultados.

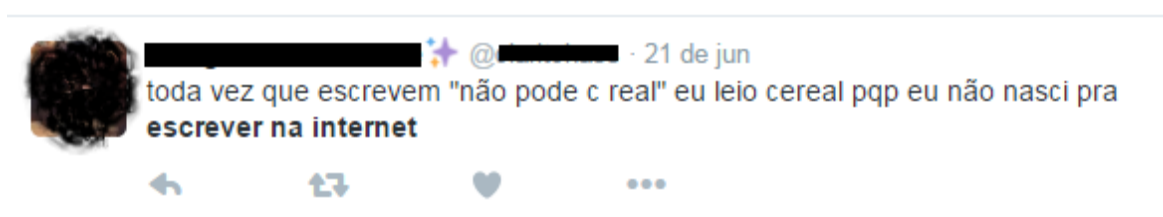
Recorte 1:



O discurso acima demonstra uma defesa ao uso “alfabetizado” da escrita na internet, revelando um certo sentido sarcástico com a enunciação “os deficientes visuais agradecem”, como se não fosse possível ler o que esteja fora do padrão de escrita, correspondente ao ensinado de modo tradicional nas instituições escolares. O ator-rede se mostra “cego” ao que escrevem os “não alfabetizados”. O sujeito, assim, resiste a esse novo modo de escrita, pois demonstra a crença de que o ato de escrever significa um registro de códigos linguísticos tais quais se aprendem na “alfabetização”. Trata-se, então, de um discurso de resistência diante da escrita tida como “não alfabetizada”, de modo a impor um modelo de linguagem no contexto informal das redes sociais.

O próximo *post* revela outro modo de se posicionar resistente e negativamente à escrita na internet.

Recorte 2:



Temos, acima, um movimento de resistência de natureza pessoal, quando diz “não nasci”, pois aqui o sujeito se coloca no discurso “eu não nasci para escrever na internet”, e se recusa a ler um enunciado contendo a abreviação da palavra “ser” com a letra “c”, que reproduz uma sonoridade semelhante. Além disso, a postura resistente (“não

pode c real” por “não pode ser real”) é demonstrada também quando o sujeito afirma que não nasceu para escrever na internet, mesmo que, na prática, seja de fato um sujeito que está a escrever no ambiente virtual, porém não nos modos considerados corretos para o mesmo.

Essa resistência não corresponde exatamente a uma preferência, mas abre caminhos para a reflexão sobre processos de inclusão, exclusão e acessibilidade ao espaço discursivo da rede. O sujeito que escreve na internet, nem sempre percebe essa questão, produzindo seu texto na *web*, desconsiderando que a tecnologia avançou e que a rede não possui um conjunto normativo que exclua do movimento discursivo das variações daqueles que estão enraizados nos preceitos da norma padrão.

Alguns *posts* nos remetem a um tom particular construído no posicionamento. Assim, o ator-rede a seguir demonstra sua resistência de modo mais radical, generalizando para o lado pessoal de quem, em sua concepção – claramente com raízes na norma padrão, não sabe escrever na internet.

Além de resistir à escrita não formal vista na internet, o discurso demonstra rejeição às pessoas que utilizam as variedades da língua, indo ao contrário do que Bakhtin (2003[1979]) chama a atenção, pois é preciso observar que o fenômeno da linguagem situa os sujeitos e a língua no meio social, uma vez que

a época, o meio social, o micro mundo – o da família, dos amigos e conhecidos, dos colegas – que vê o homem crescer e viver, sempre possui seus enunciados que servem de norma, daí o tom (BAKHTIN, 2003[1979], p. 313)

Desse modo, os sujeitos constroem suas próprias visões diante de determinadas questões, partindo, em certos momentos, a um radicalismo pessoal diante de questões mais complexas. Em seguida analisamos como um ator-rede deposita seus valores a respeito de um modo de escrever que vai contra suas perspectivas.

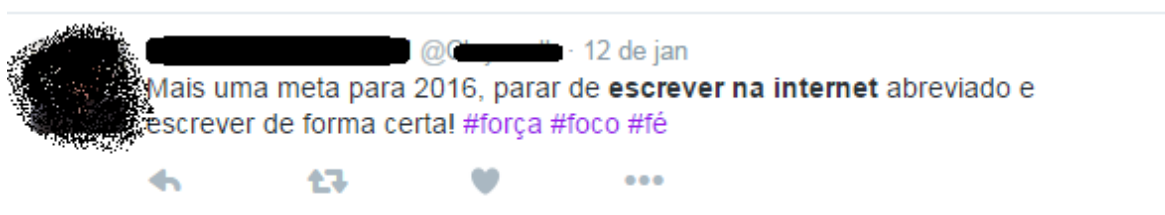
Recorte 3:



Nesse posicionamento de resistência pessoal, o sujeito desconsidera a existência de variações características de certos usuários de determinada linguagem, em contextos discursivos específicos, como no caso do uso do *internetês* pelos nativos digitais.

No entanto, em contradição ao seu discurso que revela sentimento de ódio, o próprio ator-rede do recorte 3 se revela como sujeito da cultura digital, e escreve “eu **n** gosto de **gnt** que **n** sabe escrever na internet” (negrito nosso), confirmando que “a utilização da palavra na comunicação verbal ativa é sempre marcada pela individualidade e pelo contexto” (BAKHTIN, 2003[1979], p. 313). Por isso, realçando um posicionamento individual, usa o “eu”, porém insere seu enunciado no contexto da rede e utiliza abreviações, que são características da escrita na internet, linguagem repudiada em seu próprio discurso.

Recorte 4:

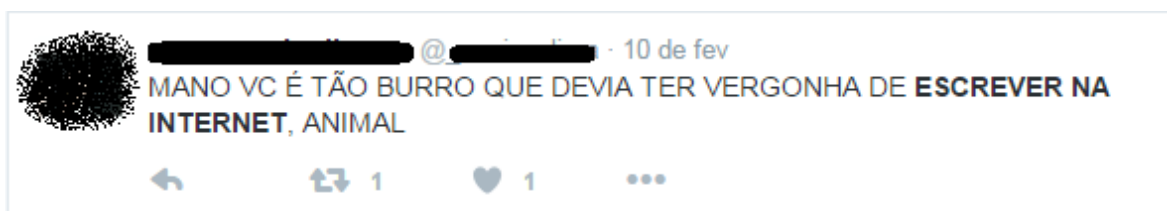


Temos, no recorte 4, mais um discurso pautado em uma concepção conservadora a respeito do que seria a forma correta e aceitável de se escrever na internet. O enunciador aponta que tem uma meta sobre como escrever na internet, almejando a escrita dita correta (de forma implícita, entendemos a relação com os preceitos gramaticais). Em seu objetivo, o ator-rede pretende parar de escrever abreviado na internet, provavelmente por não

considerar um modo “certo”. Nessa perspectiva, o sujeito considera a abreviação está fora do que defende ser uma “forma certa” de escrever, mesmo que esse recurso de diminuir a extensão das palavras digitadas seja algo comum, naturalizado, até mesmo na escrita *offline*.

Constatamos, então, a dimensão da negação no recorte acima, tendo em vista que, mesmo em ambiente digital – no qual a escrita abreviada é uma das regras naturalizadas da internet – o sujeito possui uma meta: parar de escrever abreviado e escrever de forma correta. Assim, temos um discurso conservador a respeito de como escrever na internet do modo, com resistência à modalidade abreviada, mesmo sendo esta uma característica própria da linguagem em contextos virtuais.

Recorte 5:



No recorte 5, o discurso de negação apresenta um caráter de preconceito e violência simbólica, tendo em vista as ofensas apresentadas pelo ator-rede diante de quem não escreve de acordo com suas concepções de linguagem. O mesmo usa de um tom agressivo ao chamar alguém de “burro” e “animal”, além da utilização da ferramenta Caps Look (fonte em caixa alta). Dentre as regras do mundo digital, é bastante comum a associação do uso da caixa alta com voz alta, grito, exaltação, excitação. No caso apresentado, o enunciador usa a ferramenta como modo de repressão, como se estivesse gritando.

Não está explícito por qual motivo o sujeito usa do discurso de repressão, porém, considerando a internet como espaço menos regrado, democrático e variado quanto ao uso da escrita, percebemos que o enunciador não aceita de maneira alguma o modo alheio

de escrever na internet, reforçado um discurso conservador e preconceituoso diante da escrita em ambiente digital que não seja aquela à qual o ator-rede se identifica e faz uso.

Temos, a seguir, um recorte em formato de conversação (há dois sujeitos constituindo um diálogo), no qual dois atores discutem de modo resistente sobre estudar linguagem da internet em sala de aula, com postura de negação diante do fato:

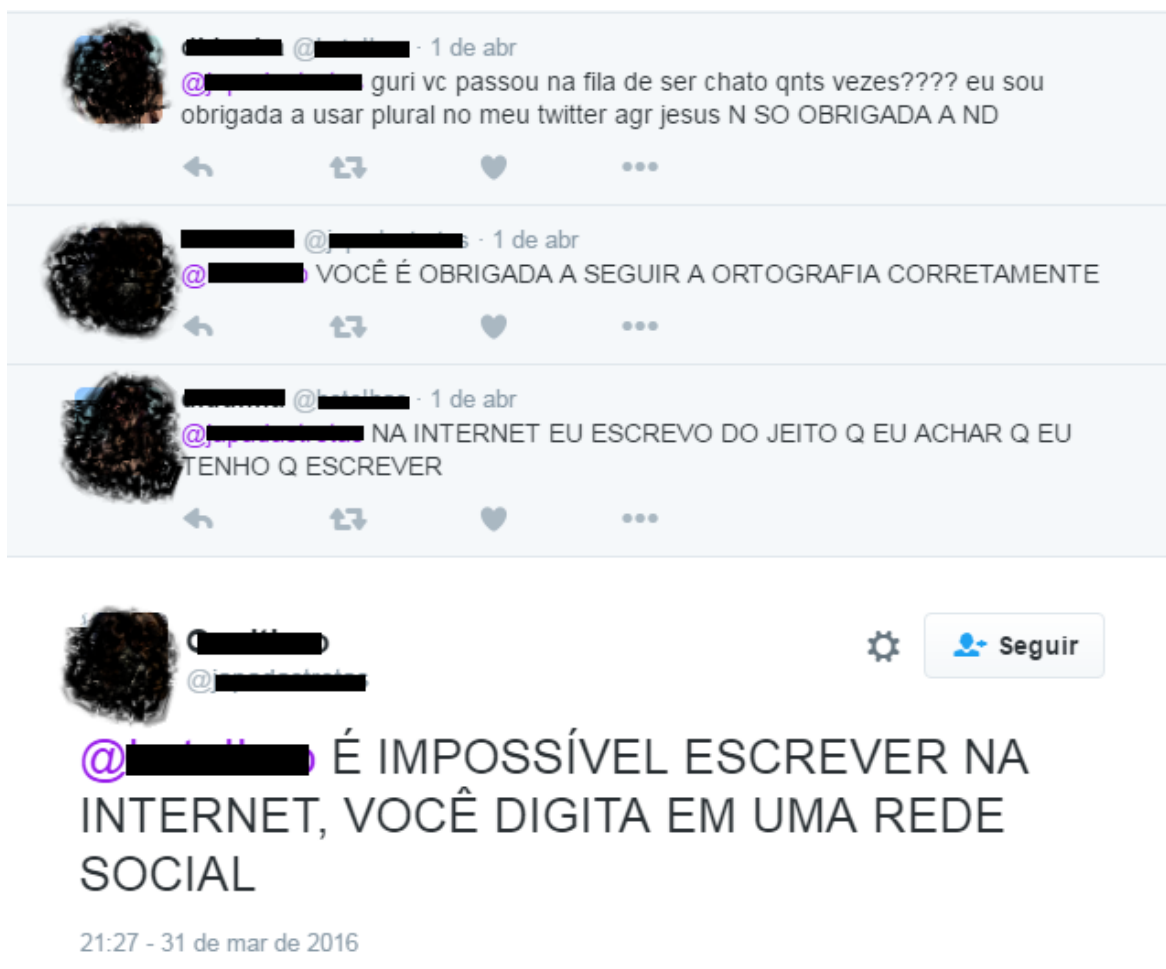
Embora não tenhamos conhecimento sobre como ocorreram as aulas mencionadas no diálogo acima, nem a forma como o livro, nesse caso, discute o *internetês*, observamos, claramente, o espanto e a resistência dos próprios usuários da rede diante de uma tentativa de ensino que considera não apenas a gramática, mas outros modos de produzir linguagem, a partir do uso da mesma. A resistência ao ensino que leve em conta a heterogeneidade da língua/linguagem não está apenas nos professores e instituições, e está presente também na visão dos próprios alunos, que não consideram *emojis*⁷ e linguagem da internet como parte das interações verbais cotidianas, desmerecendo, portanto, o estudo dessa linguagem digital no ambiente escolar.

Diante da convergência entre diferentes concepções de ensino, entre mudanças sociais em choque com concepções pedagógicas normativas e diversificadas, é pertinente que façamos essa reflexão sobre o ensino, considerando a análise que pudemos fazer do discurso dos próprios atores-rede, sobre a temática da escrita na internet, um dos diversos modos de produzir linguagem, que “fogem” aos preceitos dos manuais e gramáticas tradicionais.

A seguir, no recorte 7, temos mais um discurso inscrito em formato de conversação entre dois atores-rede. Neste caso, apenas um dos enunciadores apresenta a postura resistente, configurando uma conversação de confronto:

⁷ O termo *emoji* possui o mesmo significado de *emoticon*. “Emot” diz respeito a moções, e “icon” corresponde a ícone. Desse modo, *emoticon* significa ícone de emoções.

Recorte 7:



No registro da interação entre os sujeitos acima, percebemos que há um enunciador defendendo a liberdade de escrever na internet do seu modo, enquanto é reprimido por outro que impõe o uso da ortografia em qualquer circunstância e em qualquer situação.

Há nesse caso, por um lado, um ator-rede que impõe a ortografia, uma concepção homogênea da língua, baseada no que Volochinov e Bakhtin (2006[1929]) chamam de objetivismo abstrato. Trata-se de uma concepção criticada pelo autor, que afirma: “Dizer que a língua, com sistema de normas imutáveis e incontestáveis, possui uma existência objetiva é cometer um grave erro” (VOLOCHINOV; BAKHTIN, 2006[1929], p. 92).

No discurso do primeiro enunciador, está implícita a concepção de língua

defendida por Volochinov e Bakhtin (2006[1929], p. 93-94):

[...] o locutor serve-se da língua para suas necessidades enunciativas concretas (para o locutor, a construção da língua está orientada no sentido da enunciação da fala). Trata-se, para ele, de utilizar as formas normativas (admitamos, por enquanto, a legitimidade destas) num dado contexto concreto. Para ele, o centro de gravidade da língua não reside na conformidade à norma da forma utilizada, mas na nova significação que essa forma adquire no contexto.

Assim, a defesa dos autores é de que o essencial na descodificação não é reconhecer apenas a forma da língua utilizada, mas compreender seu sentido no contexto de enunciação particular, pois “o processo de descodificação (compreensão) não deve, em nenhum caso, ser confundido com o processo de identificação. Trata-se de dois processos distintos” (VOLOCHINOV; BAKHTIN, 2006[1929], p. 94).

Vemos então, a partir dessa concepção, que há duas formas de identificação distintas entre os pontos de vista dos enunciadores na postagem apresentada. Uma baseada na língua como realidade concreta imutável, e, outra, entendendo a língua/linguagem como heterogênea e contextual.

O enunciador resistente afirma, ainda, que não é possível escrever na internet, compreendendo a escrita como uma prática tradicional possível apenas no registro em lápis e papel, e que, no ambiente virtual, há apenas uma mera digitação. O sujeito compreende escrita cursiva e digitação como práticas distintas, desconsiderando a última. Tal consideração demonstra uma radicalidade e preconceito, provavelmente devido ao conhecimento insuficiente do que seria o ato de escrever.

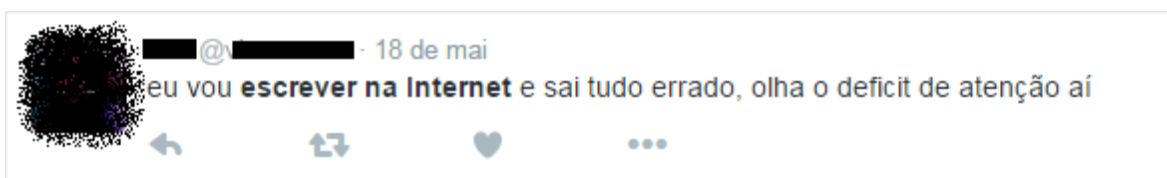
Recorte 8:



Temos, no recorte 8, uma forma de resistência de negação, enunciada pelo ator-rede que considera ridículo escrever na internet usando a segunda pessoa do singular. Podemos perceber mais uma crítica a modos variados de escrita em ambiente digital, que parece estar pautada apenas em preferências individuais e ideais conservadores. Tal postura aponta para um preconceito linguístico excludente.

Se, no *Twitter*, temos uma forte marca da oralidade nas postagens, a escrita em segunda pessoa demonstra simplesmente uma transposição de “vícios de fala” para a modalidade escrita. Na oralidade, talvez, o uso de segunda pessoa não passe por tal crítica. Assim, podemos observar que a modalidade escrita (ainda que em ambiente informal e com marcas da oralidade) ainda é tida como rígida, padronizada, imutável. Está enraizado, no imaginário de quem critica a variação, um ideal inalcançável de escrita regrada, seja qual for o meio de circulação.

Recorte 9:

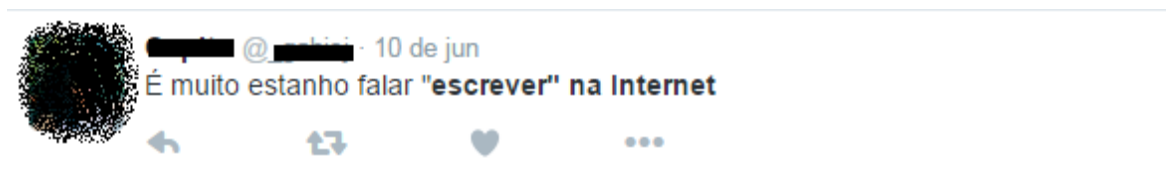


No recorte 9, o ator-rede afirma que tudo o que escreve na internet sai errado, devido ao suposto *déficit* de atenção. O sujeito apresenta, então, uma negação de si mesmo, auto cobrança, além de diagnosticar a si mesmo como alguém com problemas de atenção. Tal atitude diz de um ideal de língua no qual o “português correto” ainda impera (é o que podemos observar nos próprios discursos de resistência aqui analisados), e, assim, acaba refletindo certa repressão diante de “erros”, resultando na cobrança que podemos inferir no discurso acima.

Mesmo sendo em ambiente digital e numa rede social marcada pela oralidade e

por regras menos rígidas da norma padrão, notamos certo cuidado na escrita, espelhado nas proposições da gramática, como no recorte 10:

Recorte 10:



Trata-se de um exemplo de resistência que aponta a dificuldade de reconhecer a internet como espaço de escrita, como se escrever fosse um ato ainda baseado no tradicional lápis e papel, mesmo que, nos tempos e gerações atuais, escrevamos muito mais pela via dos equipamentos tecnológicos do que no próprio papel.

Há a negação que parte de um ator-rede que está de fato escrevendo, mas que não reconhece totalmente o fato da internet ser um espaço de escrita (não apenas das tradicionais palavras grafadas).

O conceito de escrita, no discurso analisado, parece estar enraizado no modelo tradicional e “artesanal” de caligrafia, mesmo que os nativos digitais estejam tão mais mergulhados na realidade digital do que aqueles que cresceram unicamente com lápis e papel. Tal resistência nos faz pensar na concepção de linguagem apreendida pelo sujeito do recorte acima, aprendizagem essa que parte da educação institucional, desde os primeiros anos de alfabetização. O ator-rede parece não estar de fato “alfabetizado” na realidade da linguagem da internet.

A educação, de modo geral, nos condiciona a reconhecer a língua em seus preceitos objetivos e tradicionais, fazendo refletir no discurso de preconceito linguístico e na resistência às variações de uso da escrita.

Recorte 11:



Com tom de resistência radical, o ator-rede acima defende a proibição do brasileiro de escrever na internet. Analisando o enunciado em conjunto com o *corpus* total, podemos inferir que se trata também de resistência quanto às variações da escrita na internet. Podemos perceber que há um imaginário com relação à escrita do brasileiro, com um discurso autoritário de proibição. Assim, para o enunciador, nós brasileiros não sabemos escrever na internet, e por isso deveríamos ser proibidos.

Considerando também a característica humorística e original de grande parte dos brasileiros, o modo de produzir linguagem não poderia deixar de fazer parte desse conjunto de comportamentos, afinal, somos sujeitos de linguagem. As famosas frases "jeitinho de brasileiro", "mania de brasileiro", "brasileiro é relaxado", etc., nos dizem desse modo de ser, criticado pelo enunciador no que se trata de escrita na internet.

Após a compreensão dos discursos de negação, que nos revelaram resistências com marcas num pensamento conservador sobre a língua, vejamos outro modo de resistir ao uso da escrita na internet, agora relacionado ao uso, à prática, enfim, ao processo de adaptação aos diferentes usos da escrita.

4.1.2 Adaptação

Continuando nossa análise, ainda sobre categoria MDR, apresentamos, em seguida, o segundo subgrupo de postagens. São eles os discursos que revelam um processo de resistência no sentido adaptativo, em consequência da dificuldade no uso da escrita em ambiente digital, o que os impedem, em alguma medida, de se desprenderem

da grafia padrão, porém sem negar completamente as variações, especialmente a escrita na *web*.

Para esse subgrupo da categoria MDR, apresentamos algumas das 9 postagens que revelam os aspectos característicos que explicam os posicionamentos. Nos *posts* analisados, percebemos os discursos de adaptação, como fundante da resistência dos atores-rede. Diferentemente do grupo de discursos de negação, com tom de recusa presente nos enunciados, a resistência aqui parece menos radical, é velada. O *post*, a seguir, nos mostra uma dificuldade do enunciador no uso da escrita em ambiente digital.

Recorte 12:



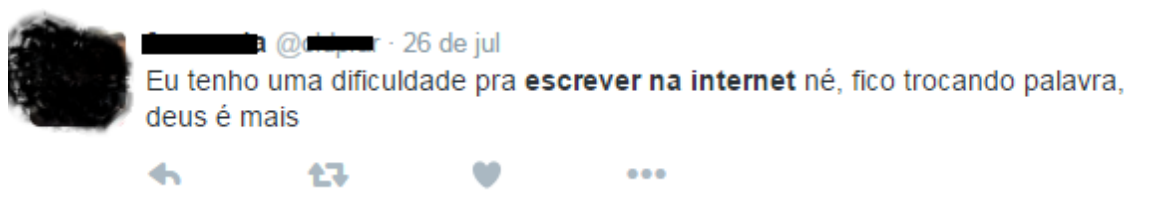
Na postagem acima, o ator-rede afirma que não sabe escrever na internet. Porém, sabemos que não há uma gramática oficial de regras para uso da linguagem na internet do mesmo modo que temos a gramática do Português, e o ambiente digital não é igualmente arbitrário diante de quem utiliza a escrita formal na rede. A resistência quanto ao uso do *internetês*, aqui, parece ser na forma de adaptação, ao consideramos que está implícita a tentativa de usar os artifícios da linguagem da internet, pois para dizer que não se sabe usar, provavelmente, existiu a tentativa.

Percebemos, também, um tom determinista, tendo em vista que ao escrever “definitivamente”, parece demonstrar que já tentou fazer uso da escrita na internet. O enunciado carrega um sentido radical, como se fosse impossível escrever na linguagem da internet, pois ele crê que não sabe e considera que é algo definitivo. Considerando esse posicionamento, podemos inferir que há uma espécie de ambiguidade, na qual a norma padrão e a linguagem da internet, para o ator-rede, não podem coexistir.

O sujeito está, literalmente, escrevendo na internet, porém provoca um sentimento de que deveria “saber” escrever de outra maneira, a partir de uma norma específica do ambiente *online*. Ora, sabemos que não há uma gramática padronizada do *internetês*, e que o uso da linguagem padrão (linguagem que, diferentemente, é pautada em um conjunto normativo) no *Twitter* não é algo “errado”, e não se trata de um espaço impositivo quanto ao uso da língua/linguagem. Porém, a escrita na internet possui características específicas do ambiente virtual, como as abreviações, por exemplo, que surgiram na própria rede, não sendo comum na escrita cotidiana *offline*.

Apresentamos, em seguida, um posicionamento de resistência de caráter adaptativo, porém se diferenciando do anterior, por não ser tão radical, quando o sujeito usa “definitivamente”. O uso, no exemplo a seguir, não está descartado, apesar do sentimento de confusão que percebemos no enunciado:

Recorte 13:



Temos, acima, mais um exemplo de resistência em escrever na internet, caracterizada pelo uso do termo “dificuldade”, presente em “eu tenho uma dificuldade pra escrever na internet”, que o atrapalha na utilização de uma variação diferente da apreendida nas aulas de língua. A “confusão” do enunciador está revelada quando observamos “fico trocando palavra, deus é mais”.

O enunciado, nesse caso, parece demonstrar, implicitamente, que o ator-rede tenta escrever na internet, utilizando outros artifícios além dos tradicionais, mesmo com dificuldade e trocando as palavras, o que causaria certa resistência. No entanto, ao mencionar “deus é mais”, parece desejar a adaptação, como uma súplica diante da dificuldade e da troca de palavras durante as tentativas de escrita.

Recorte 14:



No recorte 14, podemos perceber uma resistência parcial, que parece ser adaptativa, implícita quando ator-rede afirma “sou muito chata na hora de escrever na internet”, ou seja, seria alguém que está a escrever sem acentos nas palavras, mas resiste em outros aspectos.

Ao afirmar que “eu sou muito chata”, nos diz, de certo modo, que é exigente e leva em consideração o estilo de escrita baseado na norma padrão. Apesar de estar escrevendo na internet e ter deixado “escapar” a ausência de acentuação nas palavras, o ator-rede revela marcas, em seu discurso, que apontam para o modelo de escrita da norma padrão, que preza o uso da acentuação, provocando no sujeito a resistência quando vai escrever na internet, resistência essa aparente na característica “chata”.

O fato de não usar acento pode apontar para uma busca por agilidade no processo da escrita, tendo em vista que o ato de acentuar, a partir do teclado de equipamentos digitais, exige determinadas pausas no ritmo da digitação. Tal costume, presente em ambientes virtuais, não significa exatamente que a pessoa não sabe escrever de acordo com os preceitos da norma padrão. Porém, a falta de acentuação é comum na internet, faz parte do conjunto de características da linguagem *online*.

Para o enunciador, o ato de não usar a acentuação nas palavras é desconsiderado, ao menos na postagem apresentada, de suas exigências, de alguém que é “chato” para escrever. O “chato”, nesse sentido, seria aquele que corrige, que reprime, que tem restrições ao que foge à norma.

Diante da análise dos discursos resistentes com foco no processo de adaptação ao uso da escrita na internet, podemos perceber que os posicionamentos não tratam

exatamente de uma defesa ao ideal gramaticista da língua/linguagem, mas aponta para dificuldades no uso, provavelmente em consequência da internalização da norma como modo correto de grafar as palavras.

Tal internalização da concepção tradicional da língua pode trazer a consequência da resistência no processo de adaptação diante de novas modalidades de uso da linguagem, pois

São muitas as pessoas que, dominando magnificamente a língua, sentem-se logo desamparadas em certas esferas da comunicação verbal, precisamente pelo fato de não dominarem, na prática, as formas do gênero de uma dada esfera. Não é raro o homem que domina perfeitamente a fala numa esfera da comunicação cultural, sabe fazer uma explanação, travar uma discussão científica, intervir a respeito de problemas sociais, calar-se ou então intervir de uma maneira muito desajeitada numa conversa social. Não é por causa de uma pobreza de vocabulário ou de estilo (numa acepção abstrata), mas de uma inexperiência de dominar o repertório dos gêneros da conversa social, de uma falta de conhecimento a respeito do que é o todo do enunciado, que o indivíduo fica inapto para moldar com facilidade e prontidão sua fala e determinadas formas estilísticas e composicionais. (BAKHTIN, 2003[1979], p.303-304, grifo nosso).

Assim, certa imposição social ao longo da história em defesa de um purismo linguístico acaba por causar resistência ao uso das novas linguagens, principalmente da internet. Mesmo assim, diferenciando-se do radicalismo da resistência de negação, os sujeitos que estão em adaptação já demonstram certa abertura ao uso de novas formas de escrever, porém a passos curtos.

Recorte 15:

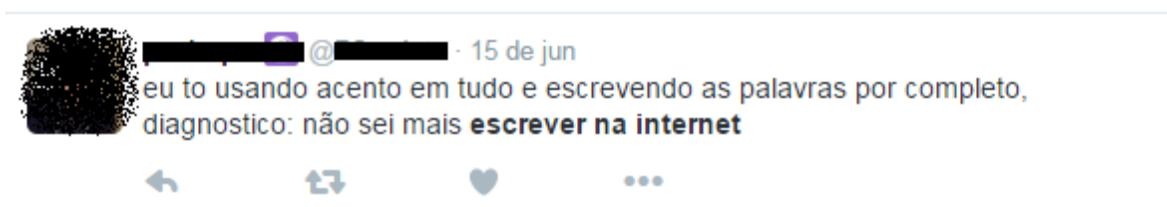


De certa forma, tomando como base as características da linguagem da internet, o ator-rede “sabe” escrever, considerando o uso de abreviações em “Qria” (queria) e “q” (que). Mesmo não percebendo, de imediato, o uso que fez da linguagem abreviada, o

sujeito demonstra ter interesse no conhecimento da escrita na internet, apesar de acreditar ser alguém que não sabe.

Percebemos, então, a resistência adaptativa, pois há a pretensão de aderir à escrita da *web*. Assim, o ator-rede se encontra num movimento de resistência, ocasionado pela não adaptação ao uso da escrita não-formal. Diferentemente dos resistentes da primeira categoria, não há a negação, e sim o desejo de sair da zona dos que consideramos não aderentes à escrita em ambiente digital.

Recorte 16:



No recorte 16, vemos que o uso do acento não foi concretizado em todas as palavras, como afirma o ator-rede. Do mesmo modo, a palavra “estou” foi representada com o “to”. Assim, o sujeito diz algo, e, sem perceber, escreve de modo contraditório.

O enunciador diagnostica a si mesmo como alguém que não sabe mais escrever na internet, devido ao fato de estar usando acentuação e grafia completa das palavras, como determina a escrita formal. Para ele, a escrita no meio digital não admite a forma padrão de regras. Apesar de sabermos que existem normas específicas para a escrita na esfera *online*, o gênero digital não é (ao menos por enquanto), um ambiente arbitrário, regido na medida da gramática, por exemplo. Sobral (2009) traz um importante esclarecimento a respeito das características dos gêneros, com base na teoria do Círculo de Bakhtin:

O gênero tem um certo “tom”, certa “linguagem”, que não devem contudo ser confundidos com fórmulas fixas [...] O gênero traz o novo (a singularidade, a permanência) articulado ao mesmo (a generalidade, a permanência), porque

não é uma abstração normativa, um vir-a-ser concreto cujas regras supõem uma dada regularidade e não uma fixidez. (SOBRAL, 2009, p. 117-118).

Assim, entendemos o gênero *Twitter* como um espaço que possui características exclusivas da escrita digital (variação que só existe graças ao advento internet), mas que não está fixado a partir de normas protocoladas. Não existe uma gramática oficial da linguagem da internet, pois a mesma foi e é constituída processualmente, no qual todos os usuários são atores, que, juntos, constituem a rede e os usos da escrita. Desse modo, defendemos a teoria bakhtiniana dos gêneros como tipos relativamente estáveis de enunciados, com características contextuais, sociais, individuais e linguísticas, porém não fixadas/rígidas. Sobral (2009) diz ainda que, ao longo do tempo, ocorre certa cristalização dos gêneros, mas sem fixidez, pois os gêneros se apresentam em constante mudança, em diferentes ritmos. O autor exemplifica que um memorando é mais estável que um *blog*, e com isso compreendemos que cada gênero possui uma dinâmica de funcionamento. No caso do *Twitter*, apesar da divergência de discursos sobre a escrita na internet, o mesmo possui características próprias.

Nas redes sociais, encontramos desde a escrita formal até variações com marcas da oralidade e linguagem multimodal. Mesmo assim, o sujeito demonstra a resistência por não estar adaptado a escrever na internet, e por estar habituado com a modalidade formal da escrita, tende a trazê-la os gêneros do ambiente virtual.

Notamos, no discurso dos atores-rede resistentes, que há ainda o preconceito linguístico e social contra grupos de pessoas que utilizam de modos alternativos de escrita, modos esses que correspondem ao conjunto de características do meio, por isso acabam por não atender à demanda gramaticista. Desse modo, o discurso de rejeição afeta aspectos mais complexos do que simplesmente a linguagem do outro. Sobral (2007) chama atenção para uma importante reflexão diante desse cenário:

Temos que lutar, sim, é para permitir o convívio tranquilo e tolerante entre as muitas formas de se dizer a mesma coisa, reconhecendo nelas uma riqueza da

nossa língua e, por conseguinte, da nossa cultura e da nossa vida pessoal. A norma-padrão tradicional é um patrimônio dos povos que falam o português, e todos esses falantes têm o direito de aprendê-la, por mais distante que ela esteja dos usos reais contemporâneos. O inaceitável é querer impor esse padrão como única opção de uso da língua. (SOBRAL, 2007, p. 158).

Tal reflexão se faz importante nos tempos atuais, tendo em vista também o que pudemos constatar nos discursos analisados. A resistência dos sujeitos está baseada no ideal de escrita considerado correto na perspectiva da gramática, fazendo com que haja a desqualificação e resistência ao modo próprio de escrever na internet.

Finalizando, então, a discussão sobre a nossa primeira categoria de análise MDR, pudemos observar aspectos como preconceito linguístico, de cunho pessoal, dificuldades em adaptação e uso, e defesa ao purismo da língua, ainda na era digital. Vimos também que, apesar do *Twitter* ser um gênero com características próprias, existentes graças ao seu advento, ainda existem muitos atores-rede que não as reconhecem, bem como aqueles que não fazem uso por obstáculos no processo de adaptação às novas formas de linguagem.

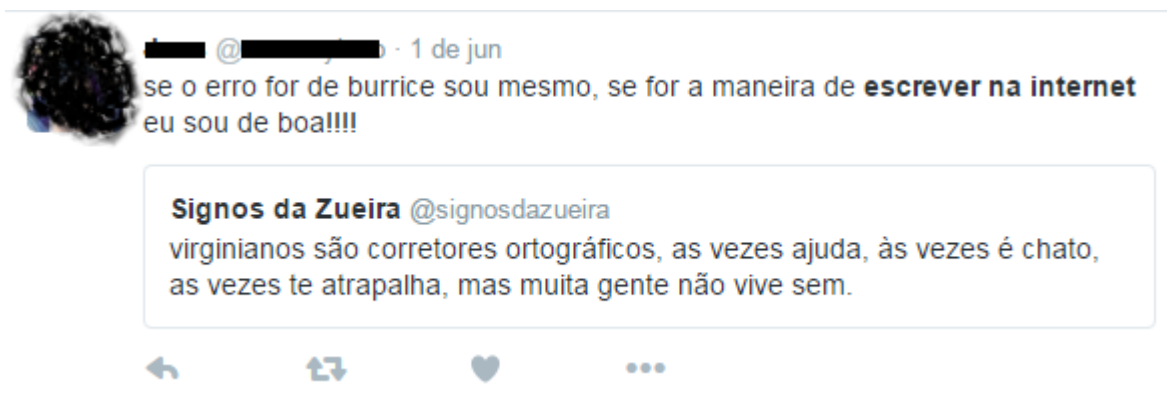
4.2 MDRA

Analisamos, nesse tópico, os recortes característicos da segunda categoria de análise. Temos, ao todo, postagens nas quais estão implícitos os posicionamentos dos atores-rede sobre escrever na internet. Desse modo, os chamamos de MDRA.

Tal aspecto não faz com que esses *posts* sejam “neutros” na questão dos sentidos que carregam, pois todo enunciado traz consigo uma ideologia, e a categoria não deixa de considerar as concepções dos enunciadoreis diante do nosso objeto de estudo – discursos sobre a escrita na internet.

Considerando as postagens que não explicitavam se os atores-rede são aderentes ou resistentes com relação à escrita na internet, observamos que os discursos revelam aspectos variados sobre a língua(gem) no *Twitter*.

Recorte 17:



O ator-rede, acima, utiliza do recurso *retweet*, que funciona como “repostagem” do *tweet* de outra pessoa, compartilhando os dizeres de outro usuário. Desse modo, elabora seu discurso a partir do posicionamento de outro, e, concordando com esse discurso, compartilha, demonstrando que

a expressividade de um enunciado é sempre, em menor ou maior grau, uma resposta, em outras palavras: manifesta não só sua própria relação com o objeto do enunciado, mas também a relação do locutor com os enunciados do outro (BAKHTIN, 2003[1979], p. 316).

Com as ferramentas de compartilhamento de postagens das redes sociais, é possível elaborar o próprio discurso, a partir do dizer literal contido no *tweet* de outros usuários. No caso acima, o ator-rede utilizou de uma afirmação compartilhada por uma página sobre signos, para concordar e justificar seu posicionamento.

O *post* compartilhado traz uma característica astrológica dos virginianos, tidos, pela astrologia, como pessoas que corrigem erros ortográficos, segundo podemos concluir a partir do *tweet* compartilhado. O sujeito o incorporou em seu discurso, acrescentando que é aderente à maneira de cada um de escrever na internet, ao estilo pessoal, porém com a ressalva de que erros ortográficos devem ser corrigidos, pois correspondem à “burrice”.

Trata-se de um posicionamento no qual não é bem definido e, de certa forma,

contraditório, pois maneiras particulares de escrever na internet não precisam necessariamente seguir a ordem gramatical. O estilo pessoal, mesmo tido como algo subjetivo, é reprimido caso não siga as normas gramaticais.

No recorte 18, percebemos mais um discurso que se situa entre a resistência e aderência, tendo em vista que não mostra claramente a relação do sujeito com a escrita na internet, em especial, por enunciar “tou tão preguiçosa”, ou seja, pode até resistir, mas a “preguiça” permite a linguagem de abreviações.

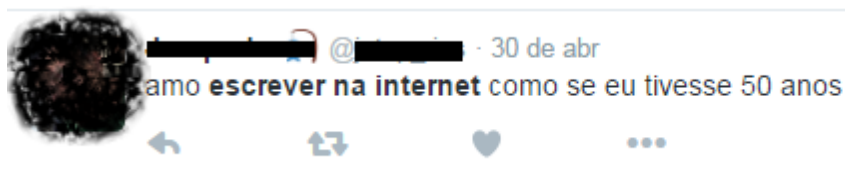
Recorte 18:



Em seu discurso, esse sujeito afirma ter preguiça para escrever abreviações na internet, porém percebemos certa contradição ao considerarmos que as abreviações servem justamente para diminuir a quantidade de caracteres digitados.

Além disso, percebemos traços de resistência ao afirmar que “nem sou capaz de ler o que escrevo”, como se demonstrasse que esse tipo de uso “prejudica” a compreensão da leitura. Alguns traços de aderência mostram que o fato de ser preguiçosa não exclui a possibilidade do uso das abreviações, porém se trata de algo não usual para o sujeito, provavelmente só quando está com preguiça, reforçando a ideia de que não se posiciona nem a favor, nem contra.

Recorte 19:



No *post* do recorte acima, o ator-rede afirma amar escrever na internet, mas não de qualquer modo. Para isso, especifica o estilo de escrita alguém com 50 anos de idade, esse posicionamento aponta para uma percepção de estilo de escrita é possível, correspondente ao que caracteriza os chamados imigrantes digitais, que seria um grupo de usuários que não dominam o *internetês* do mesmo modo que os jovens (PALFREY; GASSER, 2011).

O enunciador acima, aparentemente nativo digital, demonstra se utilizar de estilos diferentes de escrita na internet. O estilo característico de imigrantes digitais naturalmente tende a ser da grafia padrão, considerando que, historicamente, a língua é ensinada nos moldes do conjunto de regras gramaticais. Sabemos, também, que a internet, em geral, está mais presente no cotidiano nos nativos digitais, o que parece influenciar o discurso do ator-rede nativo.

Nos exemplos das postagens analisadas, pudemos notar que os atores-rede se posicionam, mas não em defesa de determinado ideal de língua. No entanto, ao apresentarem seus pontos de vista, eles deixam rastros que apontam para outras características sobre escrever na internet.

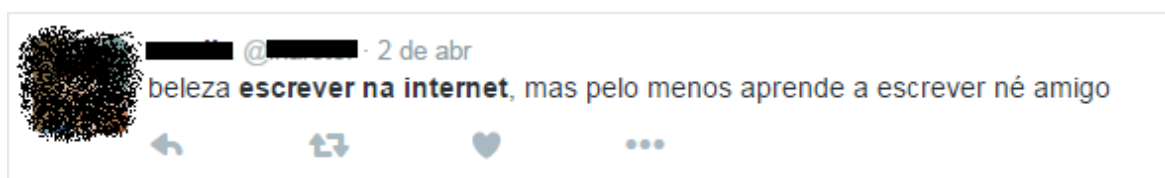
O estilo, porém, não seria uma ameaça à gramática, não seria cada indivíduo mestre de suas regras de modo determinista, pois “a língua vive e evolui historicamente na comunicação verbal concreta, não no sistema linguístico abstrato das formas da língua nem no psiquismo individual dos falantes.” (VOLOCHINOV; BAKHTIN, 2006[1929], p. 127).

Assim, o fenômeno da linguagem abrange a língua em si, os aspectos sociais, culturais e individuais, visto que

As leis da evolução linguística não são de maneira alguma as leis da psicologia individual, mas também não podem ser divorciadas da atividade dos falantes. As leis da evolução linguística são essencialmente sociológicas (VOLOCHINOV; BAKHTIN, 2006[1929], p. 130).

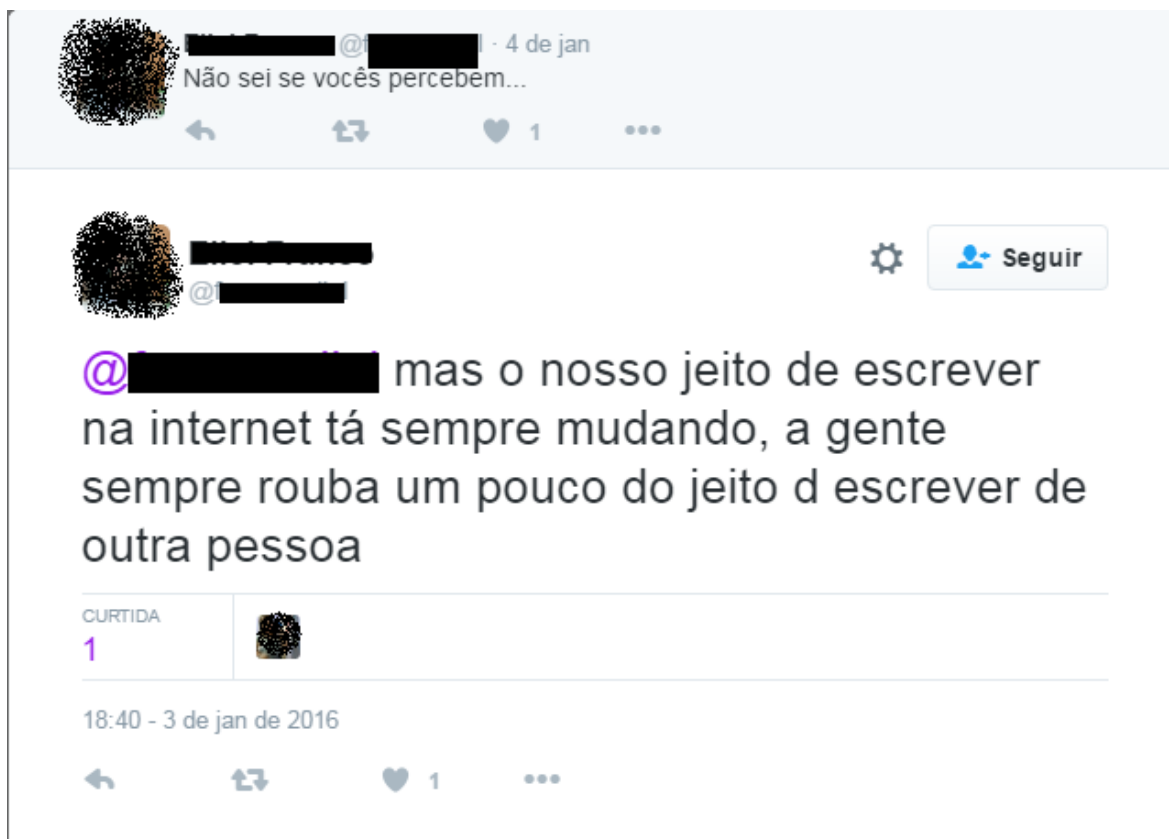
A dimensão do estilo pessoal de produção de linguagem confirma o fato de que a língua não é rígida, não se manifesta igualmente entre todo e qualquer enunciador. Além disso, a escrita carrega traços psicológicos, ideológicos, sociais e históricos dos sujeitos e grupos sociais, pois “as palavras são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos e servem de trama a todas as relações sociais em todos os domínios” (VOLOCHINOV; BAKHTIN, 2006[1929], p. 40).

Recorte 20:



Percebemos, no discurso acima, que o autor, por um lado, demonstra aspectos aderentes (a partir do dizer “beleza escrever na internet”), porém apresenta um movimento de resistência ao criticar o outro, ao afirmar “mas pelo menos aprende a escrever né amigo”. Ou seja, o sujeito tem certa consciência de que na internet há uma escrita diferenciada da formal, porém o mesmo possui crenças pessoais do que seria escrever certo, criticando o outro, que para ele não sabe escrever. Assim, o ator-rede leva para o *Twitter* um discurso preconceituoso, baseado em regras.

Recorte 21:



No recorte 21, o sujeito comenta que o modo das pessoas escreverem na internet está em constante mudança, o que remete ao caráter relativamente estável dos gêneros, defendido na teoria bakhtiniana. Dito de outra forma, defende-se que a linguagem como um todo está sempre sofrendo transformações, pois se trata de um produto humano, influenciado por aspectos sociais, individuais, históricos e contextuais.

O enunciador do *post* afirma também que “roubamos” modos de escrever de outra pessoa. Isso ocorre porque somos sujeitos de linguagem, e a apreensão da mesma se dá a partir do outro, pois somos ensinados, aprendemos a imitar e estamos sempre constituindo nosso modo de escrita de acordo com os diversos fatores complexos que influenciam a língua, incluindo o fator social, no qual apreendemos formas de enunciar a partir da interação com o outro. Somos seres relacionais, constituídos por linguagem, e por ela nos comunicamos. Inevitavelmente, considerando esse movimento, a nossa escrita

também carrega marcas do outro.

A partir do discurso do ator-rede, associamos o caráter de “roubar” o estilo de escrita do outro ao dialogismo bakhtiniano:

O sentido nasce de “diálogos” (no sentido amplo) entre formas de enunciados/discursos passados, que já foram produzidos, e formas de enunciados/discursos futuros, que podem vir a ser produzidos – independentemente do “texto” desses discursos, mas claro que levando em conta formas textuais tipicamente presentes em discursos. Aqui vemos a profundidade do conceito de dialogismo no plano do discurso: antes mesmo de pronunciar uma só palavra diante do outro, seja qual for a materialidade da expressão, o sujeito já está “respondendo” a esse outro, “antecipando-se” a objeções suas, “perguntando-lhe” algo, questionando-o e questionando a si mesmo. (SOBRAL, 2009, p. 36)

Assim, não só nossa escrita, mas nossos atos discursivos, como um todo, surgem do diálogo, da interação, de modo responsivo ativo. Desde o texto em si até a estrutura macro do discurso, há marcas sociais, individuais, históricas e contextuais.

Pudemos perceber, nos *posts* daqueles que não estão com um posicionamento bem definido a respeito da escrita na internet, que são potenciais sujeitos aderentes, ou seja, estão no caminho de reconhecimento da linguagem da internet. Do mesmo modo que existem teorias sobre a evolução, a respeito da adaptação das girafas ao ambiente advinda da escassez de vegetação rasteira, que explica o fato de terem pescoço comprido (tanto a de que existiam espécies de tamanhos variados de pescoço, e que sobreviveram as de maior altura, quanto a que explica a adaptação genética passada por gerações), há também como explicarmos as mudanças linguísticas. Com um novo meio de comunicação – internet, surgem novas necessidades comunicativas, que afetam o modo de escrever. Os “sujeitos girafa” que não se adaptarem, perderão espaço para os “sujeitos de pescoço comprido”, ou seja, os que aderem às transformações apresentam maior facilidade na utilização das ferramentas digitais.

Após analisarmos o MDRA, vejamos, em nossa última categoria, aqueles que revelam o sentido de aderência dos atores-rede sobre a escrita na internet.

4.3 MDA

Sabemos que as marcas históricas da língua e seu ideal de norma padrão acabam por influenciar as concepções e pontos de vista dos sujeitos, que carregam consigo, muitas vezes, a resistência diante de outras variedades linguísticas, diferentes da aprendida nas instituições escolares.

Considerando, também, que “o sistema linguístico, único e sincronicamente imutável, transforma-se, evolui no processo de evolução histórica de uma determinada comunidade linguística” (VOLOCHINOV; BAKHTIN, 2006[1929], p. 79), temos adiante a categoria analítica com os *posts* daqueles que aderem/aceitam o uso da escrita na internet, considerando as especificidades contextuais surgidas na era digital.

Recorte 22:

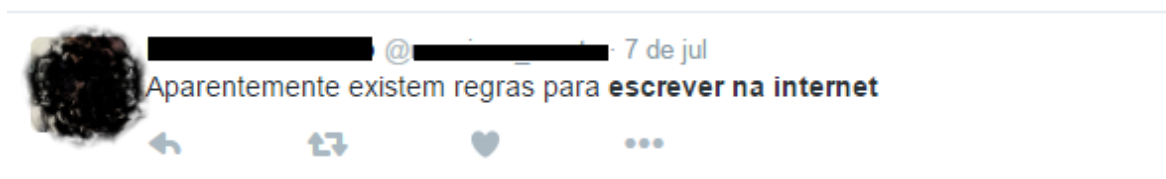


O termo *underground*⁸ sinaliza para um sentido “diferente” de escrever, correspondente a uma certa “tribo” de usuários. A aderência aqui é de tal modo que o sujeito demonstra seu apoio para o uso da escrita na internet no cotidiano. De acordo com Volochinov e Bakhtin (2006[1929], p. 96), “a prática viva da língua, a consciência linguística do locutor e do receptor nada tem a ver com um sistema abstrato de formas normativas”, e, assim, podemos verificar que a defesa sobre o modo *underground* da internet deve ser respeitado. O enunciador parece apelar para que a sociedade aceite o modo de escrever na internet também na “vida real”, que entendemos aqui como a vida fora das telas digitais, *offline*.

⁸ Significa algo que não é popular/comum.

De certo modo, a língua é originária do uso, não da gramática, mas sim na vida real, em situações práticas. Existem modos de usar a linguagem, como a materialização da fala, que estão também presentes na internet, a exemplo do verbo “tô”, correspondente ao verbo estar na grafia padrão “estou”, que tanto na linguagem informal quanto na internet é, comumente, utilizado, em especial nas situações de conversações informais e interações na rede. Porém, estaríamos partindo a outro extremo de autoridade linguística se os modos de escrever surgidos no contexto do universo *online* tomassem conta do cotidiano completamente, pois não há como unificar a língua em um só conjunto de características.

Recorte 23:



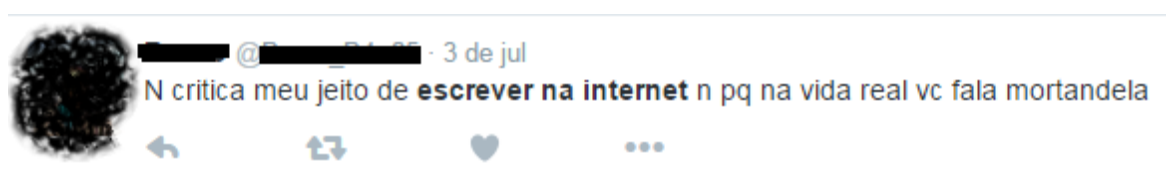
Não apenas aparentemente, mas de fato existem regras de escrita no universo digital, porém menos rígidas e formais como as regras gramaticais. A internet, com suas especificações em relação à comunicação, deu espaço para uso de novas regras de escrita. Assim, surge mais uma variação linguística, que conhecemos como a linguagem digital, ou *internetês*. O artifício da abreviação, por exemplo, começou a ser mais popular quando passou a existir o teclado dos aparelhos eletrônicos, no contexto da comunicação dinâmica, advinda da era digital. Outra importante forma de fazer uso do internetês é o emprego de recursos multimodais de escrita, como já mencionamos. Apenas no universo *online* (também da comunicação televisiva, porém se trata de um gênero restrito a profissionais da comunicação social, e estamos focando nas práticas populares de grande alcance social) é possível escrever, utilizando de forma simultânea, com o texto

propriamente dito, imagens estáticas, vídeos, *gif's*⁹, áudio etc. Assim como em outros gêneros, que apresentam características próprias (jornalístico, prontuários médicos, laudos jurídicos), na internet não poderia ser diferente no que diz respeito à forma de produzir textos escritos. Cada meio de produção e circulação de linguagem apresenta particularidades, porém não de forma rígida:

[...] apesar de típicos e estáveis, os gêneros são também flexíveis; quer dizer, variam no decorrer do tempo, das situações, conforme a própria trajetória cultural diferenciada dos grupos em que acontecem. Variam ainda porque assumem novas formas, novas representações e valores; porque alteram sua frequência de ocorrência ou, ainda, porque surgem “caras novas”, isto é, surgem gêneros novos (o *e-mail*, a teleconferência, por exemplo). (ANTUNES, 2009, p. 55).

Assim, o *Twitter* é flexível quanto ao uso da escrita e também um meio novo no âmbito de circulação dos gêneros. Apesar de não ser um espaço rígido e regado, e permitir o uso de diversas variações da língua, o mundo digital possui especificidades que não estão presentes em outro ambiente que não seja nele mesmo. Desse modo, concluímos, a partir do discurso do recorte 23, que existem, de fato, regras para escrever na internet, com um funcionamento diferente das regras gramaticais.

Recorte 24:



No exemplo acima, podemos constatar que o sujeito considera que a linguagem é originária do uso, não apenas de sua normatividade criada e ensinada de forma padronizada nas instituições. O ator-rede é aderente à escrita não formal na internet, e se defende também do preconceito diante de seu modo de escrita, apontando que a escrita,

⁹ O *Gif* é como uma animação de curta duração. Não é estática como o *emoticon*, nem elaborada como um vídeo. É constituído por sequências de imagens de baixa resolução, e apresenta movimentos curtos e geralmente rápidos.

nas situações do cotidiano, raramente segue à risca os padrões da norma culta. A respeito dessa atitude de aderência à escrita na internet, cabe a colocação de Faraco (2008, p. 43), quando diz que

Um mesmo falante, como vimos, domina mais de uma norma (já que a comunidade sociolinguística a que pertence tem várias normas) e mudará sua forma de falar (sua norma) variavelmente de acordo com as redes de atividades e relacionamentos em que se situa.

Desse modo, é inviável julgar qualquer linguagem como “errada”, fora da norma, sem considerar o contexto, a situação e as condições de quem escreve, dentre outros aspectos também relevantes. Por isso, nada mais comum, na rede, do que o uso do *internetês*. Porém, como podemos constatar em outros *posts* já analisados, ainda há um ideal de língua gramaticista que impera em certos discursos de resistência.

Da mesma maneira, quando o enunciador critica o modo como alguém (que também o criticou) pronuncia a palavra mortadela como “mortandela”¹⁰, está implícito um ideal de fala, semelhante ao de escrita formal. Sabemos que, assim como as variações na escrita, a fala também é variada, dependendo dos diferentes sotaques (influências regionais), da condição social etc. Além disso, a respeito do “jeito” de escrever na internet, ocorrem variações de estilo com um mesmo sujeito ao longo de sua vida, por meio de diferentes fases de escrita. A seguir, continuaremos a discussão a respeito do estilo individual de escrita.

¹⁰ O termo corresponde a um processo fonológico de nasalização, no qual o modo como é falado, anasalado, acaba sendo transferido para a grafia. Outros exemplos que costumamos perceber também são: *ingreja*, *indentidade*, *ingual*, etc.

Recorte 25:



Da mesma forma, com certo tom de protesto, o ator-rede demonstra insatisfação com o fato de que os resistentes estão reclamando do jeito de outros internautas escreverem na internet. Em seu discurso, entendemos que, para o enunciador, não deveria existir tal movimento de reclamação diante de determinados modos de escrever na *web*. O sujeito se inclui no alvo das críticas ao dizer “nosso jeito”.

A escrita, bem como a linguagem em geral, são produtos humanos, e, assim, carregam um pouco de “nosso jeito”, como diz o autor do discurso acima, ainda que determinados gêneros imponham regras estruturais de escrita.

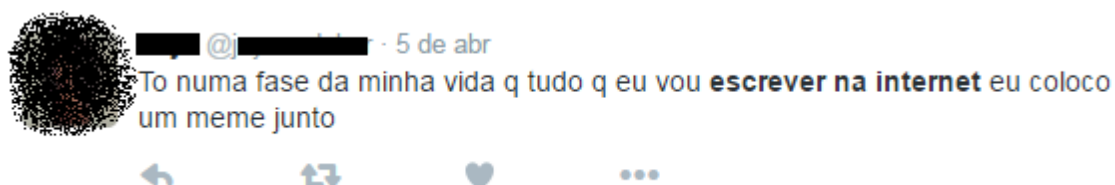
O discurso é parte do conjunto de atos humanos e todo produtor de atos humanos é um autor (Sobral, 2009). O mesmo autor chama atenção ao fato de que a questão da autoria acaba por opor a concepção bakhtiniana a algumas formalistas, que “matam” o texto em nome do contexto, que propõem o contexto como “outro texto” independente, e não como algo uno. Além dessa questão, o estudioso diz ainda que as tendências formalistas, que aceitam a separação entre texto e contexto, acabam também por separar a realidade discursiva da realidade *per se*, tomando a teoria em termos linguísticos, concebendo o texto como documento em vez de unidade de sentido. Com essa compreensão, percebemos no último recorte que o sujeito sofre uma crítica a respeito do modo de escrever na internet, crítica esta que está descontextualizada, pautada em concepções formalistas, não considerando a unidade discursiva, mas apenas a grafia em si.

Para complementar a linha de pensamento, trazemos um trecho interessante a respeito do estilo para a teoria bakhtiniana:

O “tudo dizer” pode assumir várias formas. O estilo, diante disso, também é interativo, também é dialógico, vem da relação entre o autor e o grupo social de que faz parte, em seu representante autorizado, ou típico, a imagem social do ouvinte, que também é um fator intrínseco vital da obra. O estilo tem relações com a forma do conteúdo, o modo como o conteúdo é organizado, e não tem que ver com um “desvio” da norma, do mesmo modo como seu uso não se restringe à obra literária. (SOBRAL, 2009, p. 64)

Desse modo, compreendemos que existem diferentes formas de escrever, e tal compreensão discursiva não alcançou os puristas e leigos, que ainda criticam o modo como determinadas pessoas escrevem na internet.

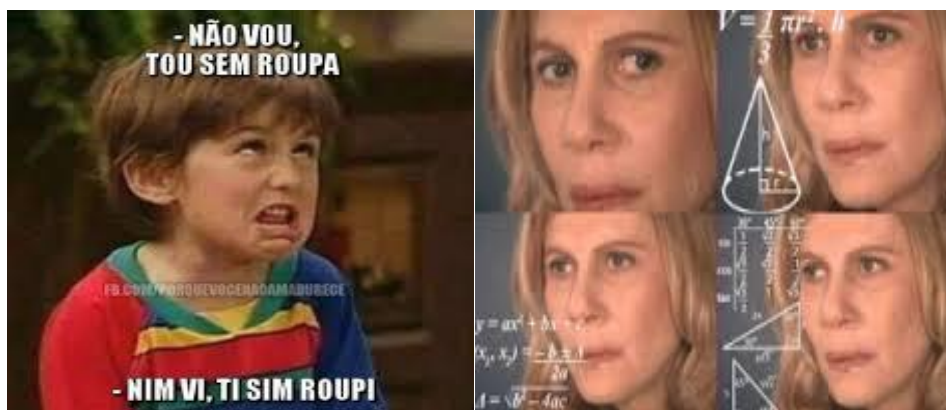
Recorte 26:



O ator-rede começa por enfatizar que sua escrita se refere a uma fase de sua vida. Compreendemos que a linguagem também passa por transformações em fases, e que não é legítimo partir de um determinismo que engesse modos de escrever, pois sabemos que a língua é heterogênea.

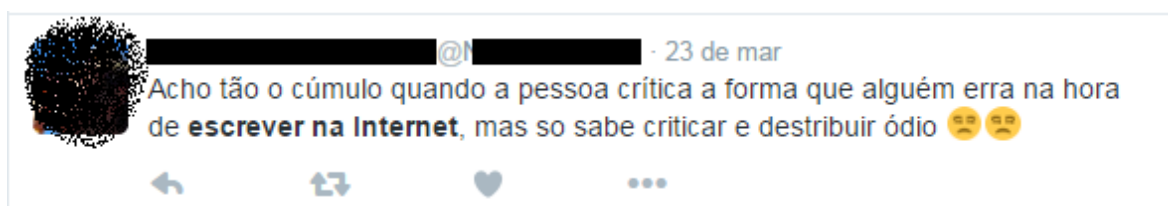
Ao dizer que em tudo o que vai escrever na internet o sujeito coloca um *meme* junto, percebemos a aderência do mesmo quanto à linguagem multimodal característica da internet. *Meme* é um enunciado hipermidiático com base em uma imagem, que circula na rede a partir do compartilhamento entre os atores da rede. Em geral, são caracterizados por fotos compartilhadas que ficam famosas durante certo período nas redes sociais. A seguir, apresentamos dois exemplos de memes que tiveram grande visibilidade em 2016-2017, no Brasil:

Figura 3: Exemplos de *memes*



Com o uso de *memes*, é possível complementar um discurso a partir de recursos multimodais de linguagem. Na figura da esquerda, temos uma criança “fazendo birra”, falando “fino”, de modo a zombar de alguma crítica feita a ele. Com tom de ironia e humor, há uma interação entre posicionamentos divergentes. Na figura da direita, temos a conhecida personagem de uma telenovela brasileira de grande sucesso, Nazaré Tedesco. Em meio a expressões faciais de confusão, surgem “cálculos” mentais, carregando o sentido de um *meme* no qual o foco é a situação de dúvida.

Recorte 27:



Podemos perceber, nesse *post*, que mesmo com a popularização das redes sociais, ainda assim a divergência de posicionamentos ocasiona a violência simbólica, com a disseminação dos discursos de ódio. Sabemos que há, na internet, diversas formas de propagar o preconceito (contra mulheres, homossexuais, negros etc), porém, mesmo que pareça um ato extremo, o preconceito atinge também o campo da escrita. O purismo

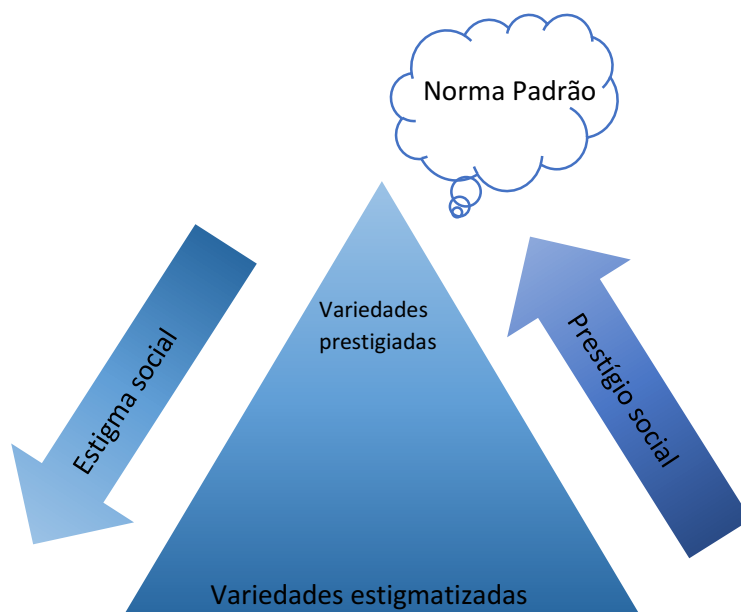
linguístico é ainda algo forte, mesmo em ambientes informais como o *Twitter*. Muito além do que apenas uma repressão dos puristas quanto à modos variados de escrita, o preconceito e discursos de ódio atingem uma dimensão ainda mais complexa:

A qualificação de *purista* é atribuída àquela pessoa que defende a “pureza” da língua contra todas as formas inovadoras, que são sempre consideradas como sinais de “decadência”, “corrupção” e “ruína”, não só da língua como também, muitas vezes, dos valores morais da sociedade. De fato, é interessante observar como, no discurso dos puristas, existe sempre uma relação estreita entre a tentativa de preservar a língua e preservar a “moral” da sociedade. (BAGNO, 2009, p. 30)

No discurso do recorte 27, há a resposta diante da crítica recebida, com o argumento de que o preconceito consiste apenas no discurso de ódio, sem diálogos construtivos, sem interação respeitosa, e que isso, para o enunciador, chega ao ponto do cúmulo. Bagno (2007) afirma que, para o estudioso da linguagem, “todas as variedades linguísticas se equivalem, todas têm sua lógica de funcionamento, todas obedecem a regras gramaticais que podem ser descritas e explicadas” (BAGNO, 2007, p. 48), porém essa compreensão parece estar ainda num patamar acadêmico, restrito a um específico grupo de estudiosos da língua portuguesa. Parece existir um longo caminho para que a ideia da variação seja compreendida pela sociedade, eixo importante a ser incluído nas discussões em sala de aula.

Notamos que a escrita é vista a partir de dois pontos de vista polarizados. O autor acima citado afirma que há o discurso científico sobre a língua, que é baseado em teorias modernas, pautadas em noções de variação e mudança, e, por outro lado, temos o discurso do senso comum, impregnado de noções ultrapassadas, preconceitos fortemente disseminados, operando com a noção de erro gramatical. Tal polarização, não trabalhada de modo desconstruído e efetivo em todas as esferas da educação, acaba por contribuir para a ocorrência de situações de preconceito e ódio.

A seguir, apresentaremos uma releitura inspirada em um esquema que podemos encontrar na discussão feita por Bagno (2007), a respeito do preconceito linguístico:

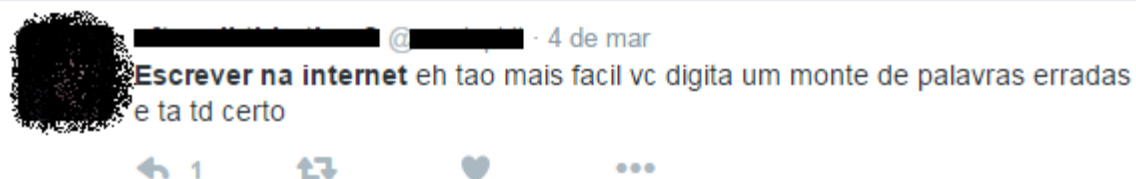
Figura 4: Variedade e estigma

Fonte: Bagno (2007, p. 106).

O uso de variedades consideradas prestigiadas pela sociedade acaba por conferir prestígio a determinados sujeitos, bem como o uso de variedades desprestigiadas acomete os usuários com o preconceito das classes mais favorecidas. Dentro dessa guerra ideológica na qual há, de um lado, o prestígio, e, de outro, o preconceito, temos a variação padrão em suspenso, pois se trata de uma normatização objetiva, regulamentada teoricamente, e que não se manifesta à risca nos usos sociais, mas acaba por ser como um ideal de língua inatingível. Podemos afirmar, assim, que existe a variedade da norma culta como sinônimo de prestígio, não sendo a mesma coisa que norma padrão (como o nome já diz, padrão diz de uma referência geral, enquanto o “culto” remete à classe social).

O autor problematiza também o fato de que alguns “erros” são considerados mais “errados” que outros, ou seja, quanto maior o prestígio social e nível de instrução de alguém, menos peso terá algum “erro” gramatical.

Recorte 28:



Podemos relacionar a facilidade de escrever na internet com o fato de se tratar de um espaço menos regrado, no qual quem faz as “normas” são os usuários, os atores-rede. Retomamos, aqui, o conceito de *lautor*, apresentado por Rojo (2013), que diz respeito aos atores da rede, que são leitores e ao mesmo tempo autores da linguagem na internet, num movimento horizontal e dinâmico. Somos ativos nesse processo, pois

[...] somos nós, os falantes, que, imperceptivelmente, inconscientemente, vamos alterando as regras de funcionamento da língua, tornando ela mais adequada e mais satisfatória para nossas exigências de processamento mental, de comunicação e interação. Não existe língua sem falantes. Por isso, não é “a língua” que muda – a língua, afinal, não existe sozinha, solta no espaço, como uma entidade mítica... **São os falantes, em sociedade, que mudam a língua.** (SOBRAL, 2007, p. 166)

Apesar da autora mencionar os falantes, o raciocínio é o mesmo para os atores da rede, com relação à escrita. Tomando o discurso do recorte 28, escrever na internet acaba sendo mais “fácil” devido à dinâmica da autoria possível em ambiente digital informal, como o *Twitter*. O sujeito diz ainda que se escrevem palavras “erradas” e assim está tudo “certo”, termos utilizados, provavelmente, em referência ao modelo gramaticista de escrita.

É importante destacarmos, também, que a escrita na internet não se dá de modo aleatório, sem correspondências com o contexto, sem referência ao gênero. Apesar do aspecto democrático existente no meio virtual, trata-se de um espaço com particularidades, assim como em qualquer outro gênero de circulação do discurso. Assim,

O modo de ocorrência da atividade verbal não é, portanto, uma questão de escolha aleatória do sujeito, uma espécie de prática livre e fora de qualquer coerção. Primeiramente, porque, para interagir verbalmente, não existe outro recurso senão o texto, oral ou escrito. Em segundo, porque todo texto se submete a uma série de regularidades, que promovem, sinalizam e determinam seu teor de “peça com sentido”, capaz de funcionar como mediação interativa. (ANTUNES, 2009, p. 37)

A escrita na internet, então, é caracterizada a partir de aspectos específicos, normatizados na rede, mesmo que de modo não formal. Diferentemente da norma padrão, regulamentada em gramáticas oficiais e dicionários, as regras da internet circulam de maneira heterogênea, construídas a partir dos próprios usuários e suas necessidades de comunicação, dentro do gênero *Twitter*. O ator-rede do recorte 28, a partir dessa consideração, escreve nos “moldes” da rede, que, para ele, configuram uma escrita mais fácil. A linguagem está enraizada no contexto, tempo histórico, em cada sujeito e cultura, ou seja, por ser um produto social e heterogêneo, por sua aquisição não ser possível de modo individual e independente, dizemos que a escrita não pode ser autônoma e aleatória.

Para ilustrar essa discussão, mencionamos uma metáfora de Sobral (2007), que apresenta a seguinte estória: há dois prédios públicos, com um amplo terreno cheio de mato separando eles. O único caminho de acesso de um para outro é uma calçada pavimentada que contorna todo o terreno dos prédios. Como esse percurso leva muito tempo, por ser um caminho circular que envolve uma grande área, as pessoas que precisam com frequência caminhar de um prédio a outro começaram a atravessar o mato como forma de criar um atalho. A primeira pessoa a fazer isso precisou abrir o caminho, pisando no capim alto, formando uma trilha e chamando a atenção das outras pessoas que necessitam ir ao outro prédio. Na medida em que mais pessoas passam a utilizar o atalho, mais a trilha vai se definindo e o caminho fica mais livre de mato. É importante enfatizar que ninguém em especial fez um planejamento do atalho, ninguém teve a intenção prévia de dispensar a calçada, e o novo caminho surgiu de forma espontânea, a partir das necessidades de determinado grupo de pessoas.

O autor utiliza essa comparação para explicar as transformações da língua ao

longo do tempo e dos diferentes meios de circulação. Assim como na metáfora, o ator-rede do recorte 28 menciona a facilidade que é escrever na internet “errado”, ou seja, escrever com os artifícios da linguagem *online*. Na internet, predomina-se a “facilidade” das abreviações, por exemplo, surgidas também de modo espontâneo, para agilizar a comunicação no mundo *online*.

Assim, buscamos analisar o que os próprios sujeitos, constituintes das relações e produções de linguagem no meio virtual, dizem sobre a escrita na internet, pois são eles quem possibilitam a construção de uma linguagem própria das redes sociais.

O que nos interessou discutir não foi o modo como escrevem, nem o foco em explicar as concepções de escrita existentes, e também não nos cabe defender uma ou outra variação de linguagem. Objetivamos, especificamente, refletir acerca dessas questões a partir das ideologias marcadas nas postagens, em como aparecem, que implicações podem provocar. Analisar o discurso construído nesses *posts* não significou decodificar frases, orações e palavras, mas compreender os sentidos enraizados nos discursos que revelam o tema da escrita na internet.

Os recortes analisados, sejam MDR, MDRA ou MDA, representam posições sobre uso dessa escrita presente na internet, a partir de julgamentos de valores, avaliações pessoais que confirmam o *Twitter* como espaço de produção e circulação de discursos, um espaço possível e rico para a instauração de debates sobre vários temas.

Vemos, então, o quanto a normatividade ensinada nas instituições escolares apresentam marcas nas produções cotidianas de linguagem. Por não se tratar de uma realidade objetiva e manipulável,

A língua não se transmite; ela dura e perdura sob a forma de um processo evolutivo contínuo. Os indivíduos não recebem a língua pronta para ser usada; eles penetram na corrente da comunicação verbal; ou melhor, somente quando mergulham nessa corrente é que sua consciência desperta e começa a operar. (VOLOCHINOV; BAKHTIN, 2006[1929], p. 109).

Dessa forma, os dados nos mostram o quanto a concepção gramaticista deixa de

considerar a língua a partir de seu uso. Nesse sentido, é preciso levar em conta que a prática, em determinados contextos, flexibiliza os modos de produzir linguagem. Porém, a dualidade entre escrita padrão e escrita na internet não deixou de existir.

Nesses registros que recortamos do *Twitter*, o ator-rede se mostra como sujeito dialógico, construindo um todo enunciativo, que, com seu estilo específico de escrever na rede, vai compondo o tema sobre a escrita na internet, “pela relação valorativa que [...] estabelece com o enunciado” (BAKHTIN, 2003[1979], p. 315) e isso também acontece, uma vez que

A orientação dialógica é naturalmente um fenômeno próprio a todo discurso. Trata-se da orientação natural de qualquer discurso vivo. Em todos os seus caminhos até o objeto, em todas as direções, o discurso se encontra com o discurso de outrem e não pode deixar de participar, com ele, de uma interação viva e intensa. (BAKHTIN, 1993, p. 87)

Assim, a partir dessa ideia, percebemos que o *Twitter*, de *post* em *post*, se configura como espaço discursivo, criando uma rede de ideologias e posicionamentos, construindo saberes de modo democrático, com a participação de quem faz a *web* ser como é: os atores-rede. A cada postagem, os sujeitos se colocam diante da escrita na internet, defendendo seus pontos de vista. Por meio da pesquisa pelo termo “escrever na internet”, tivemos acesso a uma rede de significados rica, do ponto de vista da discursividade. É diante da atitude de postar e se posicionar que a rede é constituída, não existindo sentido discursivo sem a voz de quem a usa, que passam a ser atores da rede a partir do momento que a usam por meio da linguagem.

Pudemos perceber que, nos sentidos presentes nos *posts* analisados, os atores-rede manifestam também sentimentos, e

Emoções individuais podem surgir apenas como sobretons acompanhando o tom básico da avaliação social. O “eu” pode realizar-se verbalmente apenas sobre a base do “nós”. [...]. Cada enunciado nas atividades da vida é um entimema social objetivo. Ele é como uma “senha” conhecida apenas por aqueles que pertencem ao mesmo campo social. (VOLOCHINOV; BAKHTIN, 1926, p.7)

Os discursos que inferem conotações emotivas, como em “amo escrever na internet como se tivesse 50 anos” e “n gosto de gnt que n sabe escrever na internet” e em todas as postagens analisadas, carregam concepções pessoais, porém com marcas de valores transmitidos socialmente, principalmente pelas instituições educacionais. A heterogeneidade da língua reflete a heterogeneidade social:

A **heterogeneidade social** é um fator importantíssimo para se compreender os fenômenos da mudança linguística – a sociedade é composta por diversos grupos, cada um deles com seu modo característico de falar a língua (sua **variedade** linguística), com sua dinâmica social própria, com sua cultura particular. Por isso, como em outros aspectos da vida social (como os hábitos, os comportamentos, as crenças, os rituais etc.), a mudança linguística não ocorre toda de uma vez dentro da comunidade de falantes – uma parte dos falantes adota mais rapidamente a mudança, outra parte conserva por algum tempo as formas antigas. Assim, o que ocorre é uma **competição**, uma **concorrência** entre a variante inovadora e a variante conservadora. Por isso o estudo da **variação** é tão importante para a compreensão do fenômeno da mudança linguística – **a língua muda porque varia**, isto é, porque algumas pessoas preferem usar um atalho em vez de seguir pelo caminho pavimentado já existente... (SOBRAL, 2007, p. 169).

A partir dessa reflexão, podemos concluir que os dizeres do autor estão intimamente relacionados com o discurso que pudemos analisar nas postagens. Há a diversidade social dentro do gênero, com os sujeitos que se adaptam e os conservadores, em movimento de competição, e há também marcas que demonstram que, na internet, a escrita própria do ambiente virtual informal está sendo consolidada.

Podemos relacionar os posicionamentos divergentes analisados com as mudanças de mentalidades no contexto de passagem da *web* 1.0 para *web* 2.0, de Lankshear e Knobell (2007). Os atores-rede do MDR carregam marcas da primeira mentalidade, caracterizada pelo pensamento homogêneo, linear, no qual o mundo era concebido a partir da lógica material – características que se assemelham ao pensamento positivista diante da língua. Já o grupo MDA demonstram modos de posicionamento compatíveis com a mentalidade da *web* 2.0, que abarca concepções heterogêneas, de descentralização, visões contextuais e fluidas.

Com a polarização discursiva que pudemos constatar, concluímos também que o gênero no qual o *Twitter* se insere – o gênero digital – confirma a concepção bakhtiniana do “relativamente estável”, considerando que as concepções de escrita não são homogêneas, que há uma grande diversidade de sujeitos que atuam na rede, e que não há apenas um modo de escrever na internet. Nesse sentido, pudemos perceber em nosso ambiente de coleta que,

Assim como uma dada forma textual não pertence necessariamente a um dado gênero, assim também um dado gênero não se restringe a uma dada forma textual e, por isso, ao escolher um gênero escolhem-se as forma(s) textual(is) historicamente mobilizada(s) e cristalizadas por esse gênero. As formas textuais, ou textualizações, se alteram com maior frequência do que os gêneros, ou as generificações, e as formas discursivas, ou discursivizações, ponto de ligação entre texto e gênero, imprimem ao texto as “regras do gênero” – com suas fronteiras imprecisas e suas sedimentações histórico-sociais. (SOBRAL, 2009, p. 133).

Com esse raciocínio, percebemos que o *Twitter* é, no momento, um gênero que admite uma diversidade de usos da escrita. Como pudemos observar nos enunciados, existe uma polarização ainda em vigor, como num processo de apropriação das marcas textuais. Há, ainda, os defensores da perspectiva tradicional, e, por outro lado, os avanços na escrita abrem espaço para solidificação de novos modos de produzir linguagem.

Outro ponto que pudemos observar na dinâmica discursiva dos atores-rede é a entoação avaliativa, que implica na responsividade ativa. Um sujeito, ao posicionar-se pelo discurso, mostra seu tom de avaliação. O interlocutor, ao se colocar discursivamente diante do dizer do outro, está assumindo a responsividade ativa. Desse modo,

A um dado tom avaliativo, ou entoação avaliativa, corresponde um dado “tom” responsivo, uma atividade “ativa” de resposta, aquilo que o Círculo denomina “responsividade ativa”, que não é mera recepção passiva, mas justamente uma forma avaliativa ativa de recepção pelo interlocutor, uma avaliação que é presumida pelo locutor antes de este falar. (SOBRAL, 2009, p. 87).

Essa dinâmica da avaliação do locutor e resposta do interlocutor está visível no nosso *corpus*, no qual há um grupo criticando modos “não-padrão” de escrita na internet,

ao mesmo tempo em que existe outro grupo rebatendo críticas, defendendo significações polarizadas. Mesmo que de forma indireta (as postagens não são endereçadas diretamente para alguém em específico), os atores-rede falam para um outro simbólico, um sujeito que está numa determinada situação social, ou seja, não é uma “guerra” interna entre quem é aderente ou resistente, mas uma discussão social a nível macro, que diz sobre uma temática complexa e em destaque na atualidade.

Segundo o mesmo autor, a entoação avaliativa e a responsividade ativa são atitudes vitais presentes em toda enunciação, enraizados em processos sociais e históricos e presentes no ideal dos sujeitos, sendo fenômenos que só se manifestam por meio de enunciados e discursos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na conjuntura atual em que nossa sociedade se encontra, rodeada de tecnologias nas mais diversas atividades cotidianas, julgamos importantes os estudos acadêmicos que considerem as práticas sociais presentes no universo *online*. Em nossa pesquisa, nosso olhar investigativo se deu no contexto da escrita, sob a perspectiva discursiva da temática. Na presente dissertação, buscamos pesquisar, na rede social *Twitter*, o discurso dos atores-rede a respeito da escrita na internet.

Com a metodologia de pesquisa, na própria rede social, dos discursos manifestados pelos sujeitos usuários do *Twitter*, captamos um *corpus*, rico em produção discursiva, a partir da expressão-chave “escrever na internet”. Assim, foi possível responder às questões de pesquisa: a) O que dizem os atores-rede, no *Twitter*, sobre a escrita na internet e que lugar ocupa o ensino da escrita, a partir dos posicionamentos desses sujeitos?

Para o primeiro questionamento, pudemos concluir que os discursos sobre a escrita na internet são ainda polarizados, mesmo com a popularização do *internetês*. Após um primeiro olhar diante dos *tweets* captados, chegamos a três grupos discursivos: no primeiro, MDR, identificamos um movimento resistente do ponto de vista da negação, no qual os sujeitos rejeitam conscientemente a escrita da internet, em defesa do uso da gramática padrão na internet. Nesse movimento, notamos também a resistência com relação à adaptação, considerando que os atores-rede resistem à escrita virtual por pouca ou nenhuma familiaridade ao *internetês*, ou seja, a partir do argumento de que “não sei escrever na internet”, por exemplo, os atores-rede apresentam resistência diante da escrita na internet.

Tivemos ainda o grupo que classificamos MDRA, abrangendo os posicionamentos no entremeio, ou seja, nos quais os sujeitos não defendiam claramente o que pensam a respeito da escrita na internet. Desse modo, consideramos esses atores-rede como

aqueles que transitam entre resistência e aderência. Por fim, analisamos o grupo MDA, na qual apresentamos os discursos dos atores-rede que fazem uso da modalidade escrita própria do contexto da internet, sendo sujeitos que se utilizam de abreviações e da linguagem multimodal na rede social *Twitter*.

Pudemos perceber, com a análise dos dados, que ainda são polarizados os posicionamentos dos sujeitos a respeito da escrita na internet. Mesmo com a popularização das redes sociais e do uso comum da multimodalidade e do *internetês*, existem ainda muitos atores-rede que defendem a escrita padrão como única variação “correta”, ainda que se trate de ambientes não formais, como o *Twitter*.

Mesmo com a nossa reflexão teórica a respeito da variação linguística, das diferentes possibilidades de uso da língua(gem) e da consolidação do *internetês* como uma modalidade popularizada, o discurso purista em defesa da gramática ainda está presente de maneira evidente no discursos de muitos dos sujeitos da rede. Temos, por um lado, o discurso acadêmico sobre a língua e suas variações, que reconhece a diversidade de modos de escrita, inclusive da linguística da internet. Por outro lado, há a dualidade discursiva entre os atores-rede, aqueles que produzem a linguagem em ambiente virtual. Diante disso, percebemos a importância da reflexão sobre o ensino da escrita na contemporaneidade.

Sobre a segunda questão de pesquisa, refletimos acerca do ensino da escrita, considerando o conhecimento produzido a partir da análise dos dados. Partindo de um breve percurso das diferentes correntes de pensamento, percebemos a importância de adequar o ensino da língua ao contexto histórico e social, tendo em vista que a linguagem é um saber complexo, variável. Concluímos também que a perspectiva tradicional da linguagem e seu ensino acabam por contribuir para o olhar resistente dos sujeitos diante das variações linguísticas. É preciso, assim, ensinar a língua a partir dos usos reais, não apenas com base em manuais e gramáticas.

Percebemos, nas concepções de escrita e na análise do *corpus*, que há marcas

das mentalidades da *web* 1.0, que diz respeito ao objetivismo, remetendo às concepções tradicionais de ensino e uso da linguagem, bem como pudemos notar nos discursos do grupo do MDR. Do mesmo modo, identificamos a mentalidade *web* 2.0 no MDA e nas concepções holísticas de ensino da linguagem, pautadas no modelo da LA.

Podemos concluir que estamos em um movimento de crescimento das práticas discursivas digitais, e que a perspectiva tradicional da linguagem está sofrendo transformações, deixando de ser predominante em todas as práticas de escrita, dando espaço aos modos informais de uso da língua. Sabendo que a linguagem é uma prática que envolve aspectos sociais, históricos, individuais, é pertinente que consideremos características para além da estrutura gramatical, e que as instituições educacionais acolham esse olhar nos contextos de ensino.

Consideramos importantes os estudos que abrangem as produções linguísticas na rede, tendo em vista o espaço que as redes sociais ocupam em nossa sociedade. Pudemos perceber que, nas redes sociais, há um rico campo discursivo e de linguagem. Os atores-rede estão sempre a escrever em suas redes sociais, produzindo conhecimento a respeito dos mais variados temas. Assim, a internet se mostra um espaço rico em discursos, como pudemos analisar em nossa pesquisa.

A análise nos permitiu concluir, também, que o internetês é uma variação comumente utilizada pelos sujeitos da rede, ainda que existam posicionamentos resistentes que defendem o modelo tradicional. Na medida em que os meios de comunicação e seus recursos variam e se transformam ao longo do tempo, inevitavelmente as formas de linguagem assumem características contextuais específicas. Desse modo, defendemos o estudo das diferentes manifestações linguísticas, por uma pedagogia que considere não apenas a estrutura gramatical, mas também a linguagem em uso.

A partir da análise dos posicionamentos daqueles que produzem a linguagem da internet, foi possível a reflexão sobre o ensino da escrita na contemporaneidade, sendo importante que as instituições de ensino abarquem a visão holística dos fenômenos

linguísticos, indo além do conhecimento gramaticista. Desse modo, concluímos ser possível a diminuição da dualidade e resistência entre discursos sobre a escrita, amenizando o preconceito linguístico, os discursos de repressão, e a abertura para maior usufruto dos variados recursos de linguagem possíveis em ambientes virtuais.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. **Língua, texto e ensino**: outra escola possível. Parábola Editorial. São Paulo, 2009.

BAGNO, Marcos. **Não é errado falar assim!** Em defesa do português brasileiro. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

_____. **Nada na língua é por acaso**: por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003[1979].

_____. **Questões de literatura e de estética**: a teoria do romance. Trad. Aurora Fornoni Bernadini et al. 5ª ed. São Paulo: Editora da UNESP e HUCITEC, 1993.

BARBOSA, Jacqueline; ROJO, Roxane. **Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

BARTON, David; LEE, Carmen. **Linguagem online**: textos e práticas digitais. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

BEZERRA, Benedito Gomes. **O discurso acadêmico sobre língua e linguagem na internet**. In: 5º Simpósio Hipertexto e Tecnologias na Educação. Recife: UFPE/NEHTE, 2013.

_____; LÊDO, Amanda Cavalcante de Oliveira. Concepções de alunos sobre língua e escrita em dispositivos móveis. **Hipertextus Revista Digital** (UFPE), v. 14, 2015, p. 74-90.

BUZATO, Marcelo El Khouri. Três concepções para o estudo de redes sociais. In.: ARAÚJO, Júlio.; LEFFA, Vilson. **Redes Sociais e ensino de línguas**: o que temos de aprender? São Paulo: Parábola Editorial, 2016.

_____. (Org.) **Cultura Digital e Linguística Aplicada**: Travessias em linguagem, tecnologia e sociedade. Campinas, SP: Pontes Editores, 2016.

FARACO, Carlos Alberto. **Norma culta brasileira**: desatando alguns nós. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

FIORIN, José Luiz. **A internet vai acabar com a língua portuguesa?** Texto Livre, v. 1, n. 1, p. 1-8, _____ 2008. Disponível em: <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/textolivre/article/view/10/7299>>. Acesso em: 12 de maio de 2016.

FRUET, Fabiane Sarmiento Oliveira et al. **Internetês: ameaça à ou evolução na língua portuguesa?** Revista da ANPOLL, v. 1, n. 26, p. 100-112, 2009. Disponível em: <<http://www.anpoll.org.br/revista/index.php/revista/article/view/131/139>>. Acesso em: 12 de maio de 2016.

GERALDI, João Wanderley. Concepções de linguagem e ensino de português. In: _____. João

Wanderley. (Org.) **O texto na sala de aula**. 5ª ed. São Paulo: Ática, 2011 [1984].

GOMES, R. Análise e interpretação de dados de pesquisa qualitativa. In: MINAYO, Maria Cecília de Sousa. (Org.). **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009, p. 79-108.

LANKSHEAR, Colin; KNOBEL, Michele. Sampling “the New” in New Literacies. In: _____. (Orgs.). **A new literacies sampler**. New York: Die Deutsche Bibliothek, 2007.

MAGNABOSCO, Gislaine Gracia. **Hipertexto e gêneros digitais: modificações no ler e escrever?** Conjectura, v. 14, n. 2. 2009

MARCUSCHI, Beth. Escrevendo na escola para a vida. In: RANGEL, Egon.; ROJO, Roxane Helena Rodrigues. **Língua Portuguesa: ensino fundamental**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010, p. 65-84. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=7840-2011-lingua-portuguesa-capa-pdf&category_slug=abril-2011-pdf&Itemid=30192>. Acesso em 18 de novembro de 2016.

MOITA LOPES, Luiz Paulo. Da aplicação da Linguística à Linguística Aplicada Indisciplinar. In: PEREIRA, R. C.; ROCA, P. (Orgs.). **Linguística Aplicada/um caminho com diferentes acessos**. São Paulo: Contexto, 2009.

MOREIRA, Herivelto; CALEFFE, Luiz Gonzaga. **Metodologia da pesquisa para o professor pesquisador**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2008.

MURANO, Edgard. A maturidade do internetês. In: **Revista Língua Portuguesa**, nº 40, São Paulo: Editora Segmento, 2009, p. 24-27.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos**. Campinas, SP: Pontes, 2ª edição, 2005.

PALFREY, John; GASSER, Urs. **Nascidos na era digital: entendendo a primeira geração de nativos digitais**. Porto Alegre: Artmed, 2011.

POSSENTI, Sírio. Você entende internetês? In: **Revista Discutindo a Língua Portuguesa**, nº 2, São Paulo: Editora Escala Educacional, 2006, p. 28-33.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2ª ed. – Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. Repensar o Papel da Linguística Aplicada. In: MOITA LOPES, L. P. (org.). **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006.

_____. Como o internetês desafia a linguística. In.: SHEPHERD, Tania G.; SALIÉS, Tânia G. **Linguística da Internet**. São Paulo: Contexto, 2013.

RECUERO, Raquel. **A conversação em rede: comunicação mediada pelo computador e redes sociais na Internet**. Porto Alegre: Sulina, 2012.

_____. **Redes sociais e internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

RIBAS, Elisângela et al. **A influência da linguagem virtual na linguagem formal de adolescentes**. Renote: Revista Novas Tecnologias na Educação, v. 5, n. 1, p. 1-10, 2007. Disponível em: <<http://www.cinted.ufrgs.br/ciclo9/artigos/8dElisangela>>. Acesso em: 12 de maio de 2016.

RIBEIRO, Laura. **Quais são as redes sociais mais usadas no Brasil**. Disponível em: <<http://marketingdeconteudo.com/redes-sociais-mais-usadas-no-brasil/>>. Acesso em 24 de agosto de 2016.

ROJO, Roxane; BARBOSA, Jaqueline. P. **Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

ROJO, Roxane (Org). **Escol@ Conectada: os multiletramentos e as TICs**. São Paulo: Parábola, 2013.

_____. Alfabetização e letramentos múltiplos: como alfabetizar letrando? In: RANGEL, Egon.; ROJO, Roxane Helena Rodrigues. **Língua Portuguesa: ensino fundamental**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010, p. 15-36. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=7840-2011-lingua-portuguesa-capa-pdf&category_slug=abril-2011-pdf&Itemid=30192>. Acesso em 18 de março de 2017.

SALES, Shirley Rezende. Etnografia+netnografia+análise do discurso: articulações metodológicas para pesquisar em Educação. In: MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucy Alves. **Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação**. Belo Horizonte: Mazza Edições; 2012.

SANTAELLA, Lúcia. Os espaços líquidos da cibermídia. In.: MATUCK, Artur; ANTONIO, Jorge Luiz (Orgs). **Artemídia e cultura digital**. São Paulo: Musa Editora, 2009, p. 305-313.

_____. **Da cultura das mídias à cibercultura: o advento do pós-humano**. Porto Alegre: Revista FAMECOS, nº 22, 2003, p. 23-32.

SHEPHERD, Tania G.; SALIÉS, Tânia G. **Linguística da Internet**. São Paulo: Contexto, 2013.

SOUSA, Socorro Cláudia Tavares; As Formas de Interação na Internet e suas implicações para o Ensino de Língua Materna. In: ARAÚJO, Júlio César. (org). **Internet e Ensino: novos gêneros, outros desafios**. Rio de Janeiro: Lucena, 2008.

SOUZA, Sérgio Augusto Freire de. Para quem é o discurso pedagógico? In: RODRIGUES, Eduardo Alves; SANTOS, Gabriel Leopoldino dos; BRANCO, Luiza Katia Andreade Castello (orgs). **Análise do Discurso no Brasil: Pensando o impensado sempre** – Uma homenagem a Eni Orlandi. Campinas Editora, 2011, p. 467-481.

SPADARO, Antonio. **Web 2.0: Redes Sociais**. São Paulo: Paulinas, 2013.

VASCONCELLOS, Maria José Esteves de. **Pensamento sistêmico: O novo paradigma da ciência**. 7ª ed. Campinas/SP: Papirus, 2008.

VOLOSHINOV, Valentin Nikolaevich; BAKHTIN, Mikhail. **Discurso na vida e discurso na arte** (sobre poética sociológica). Tradução de Carlos Alberto Faraco e Cristóvão Tezza. Circulação restrita, 1926, p. 1-16.

_____. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem. 12 ed. São Paulo: Hucitec, 2006[1929].